



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS**



**MARA REGINA PACHECO**

**A SUPREMACIA DO HOMEM COMUM EM *BALAIO DE BUGRE*,  
DE HÉLIO SEREJO**

**DOURADOS-MS  
2012**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



**MARA REGINA PACHECO**

**A SUPREMACIA DO HOMEM COMUM EM *BALAIO DE BUGRE*,  
DE HÉLIO SEREJO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados / Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Leoné Astride Barzotto.

**DOURADOS - MS  
2012**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD**

809 P115s	Pacheco, Mara Regina. A supremacia do homem comum em Balaio de Bugre, de Hélio Serejo / Mara Regina Pacheco. – Dourados, MS : UFGD, 2012. 109 f.  Orientadora: Profa. Dra. Leone Astride Barzotto. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados.  1. Literatura – História e crítica. 2. Balaio de bugre. I. Serejo, Hélio. II. Título.
--------------	--



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS  
COORDENADORIA DO MESTRADO EM LETRAS



**MARA REGINA PACHECO**

**A SUPREMACIA DO HOMEM COMUM EM *BALAIO DE BUGRE*,  
DE HÉLIO SEREJO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados / Mestrado em Letras – Área de Concentração: Literatura e Práticas Culturais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Leoné Astride Barzotto.

**BANCA DE DEFESA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leoné Astride Barzotto (UFGD) - orientadora**

---

**Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL) – membro titular**

---

**Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD) – membro titular**

---

**Prof. Dr. Marcos Lúcio Góis (UFGD) – membro suplente**

**Dourados – MS, 19 de Março de 2012.**

## DEDICATÓRIA

Ao Amor da Minha Vida...

À minha filha Milla, minha luz, minha força, minha inspiração, o motivo maior de toda a minha luta. Para ela quero sempre ser exemplo de dedicação, responsabilidade, comprometimento e amor.

Ao meu filhote canino Gabby, que teve de “ficar” para “podermos ir”. Meu companheiro fiel!

Aos quatro presentes que me foram dados para amar como se fossem meus: Gabriel Garcia Nakamura; Kyara Vieira Komochena, Maria Fernanda de Oliveira Segura, Maria Fernanda Carvalho. Dinda os ama incondicionalmente!

À minha mãe Cleuza, que dedicou toda uma vida ao magistério e, de certa forma, também se completa através de mim por meio desse trabalho. Obrigada mãe por todo apoio e por ter sempre acreditado em mim.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força, meu apoio, meu sustento, minha destra.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leoné Astride Barzotto, pela confiança em mim depositada, pelos ensinamentos, pela paciência, pela dedicação, pelo apoio, pela força, pelo amor, pelo carinho, pela luz.

Aos demais professores do Programa de Mestrado em Letras da UFGD, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adna Cândido de Paula, Prof. Dr. Paulo Bungart Neto, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandra Santos Pinheiro, Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Regina Delácio Fernandes, toda a minha gratidão pelos ensinamentos transmitidos.

Ao coordenador do PPG, Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves, juntamente com a secretária Suzana Correa Marques, todo meu carinho e gratidão.

Aos membros da Banca de Defesa, Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes, estudioso da tradição oral pertencente a esse chão transfronteiriço do pantanal sul-mato-grossense, que muito nos honra com a aceitação na composição desta banca; Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, por todos os conhecimentos que fomenta na construção da crítica literária sul-mato-grossense; enfim, a todos os componentes, por aceitarem o convite de compô-la, e por contribuírem com esse trabalho, enriquecendo-o.

À CAPES, pelo fomento que tornou essa pesquisa possível.

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se poder ver no Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer.  
Porque eu sou do tamanho do que vejo.  
E não do tamanho da minha altura...*

*Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)*

## RESUMO

O corpus desta pesquisa se compõe da análise de algumas narrativas das *Obras completas de Hélio Serejo* (2008), e em especial, treze contos da obra *Balaio de bugre* (2008) do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. O aparato teórico-crítico se pauta em elementos centrais da reflexão no âmbito dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, nos quais a questão da identidade e de sua construção importam a fim de gerarem emancipação, dignidade e protagonismo aos indivíduos. A compreensão da obra no geral é feita a partir do entendimento da história da região, da sua formação, através de um arquivo público-coletivo, bem como a análise do questionamento dos conceitos de identidade, representação, cultura, fronteira, origem e tradição. Dos contos emerge, com protagonismo, o homem comum, o homem simples, fruto da história de vida do “novo povo” no pós-guerra do Paraguai. Assim posto, nos propomos a compreender as estratégias literárias e culturais impregnadas nos textos desse autor ao elevar o homem comum (caboclo, campesino, sertanejo, andarilho, indígena, peão, migrante, dentre outros) ao *status* de supremo protagonista de suas histórias. Os personagens baseados em figuras emblemáticas do sertão, do pantanal, do chaco e da fronteira são pessoas supostamente comuns, para alguns, mas o autor as posiciona em primeiro plano, atribuindo-lhes a supremacia do protagonista, a atenção maior na narrativa.

**Palavras-chave:** Homem comum; práticas culturais; fronteira; *Balaio de Bugre*; Hélio Serejo.



## ABSTRACT

The corpus of this research consists of analysis of some narratives of *the Obras Completas de Hélio Serejo* (2008), and in particular, thirteen tales of the work *Balaio de bugre* (2008) by South Mato Grosso writer Hélio Serejo. The critical-theoretical apparatus is aligned to the core elements of the reflection in the context of Cultural Studies and Postcolonial, in which the issue of identity and its construction cares in order to generate empowerment, dignity and leadership to individuals. The overall understanding of the work is done from the understanding of the history of the region, their training, through a public collective archive, and the analysis of the questioning of the concepts of identity, representation, culture, borders, background and tradition. Tales emerges, the leader, the common man, simple man, fruit of the life history of the "new people" after the war with Paraguay. Thus said, we propose to understand the cultural and literary strategies steeped in texts of this author to raise the common man (rustic, peasant, swing, stroller, Indian, cowboy, migrant, among others) the status of supreme hero of their stories. The iconic characters based on figures from the wilderness, wetland, chaco and the border are people supposed common for some, but the author places them in the foreground, giving them the supremacy of the protagonist, the greatest attention in the narrative.

**Keywords:** Ordinary man; cultural practices; border; *Balaio de Bugre*; Hélio Serejo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. FOMENTANDO UMA TEORIA PARA O HOMEM COMUM.....</b>	<b>19</b>
1.1 – Apresentação do <i>corpus</i> .....	19
1.2 – Multiculturalismo crítico .....	23
1.2.1 - <i>Nuestra América</i> .....	29
1.2.2 - A diáspora e suas implicações .....	32
1.3 - Emancipação do homem comum em <i>Balaio de bugre</i> (2008), de Hélio Serejo .....	34
1.4 – Um local “glocal” - Um espaço translocal .....	37
1.5 – Mestiça cor .....	39
1.6 – Comarca oral .....	43
1.7 – Literatura e História: aproximação .....	45
1.8 – Arquivo público na obra de Serejo .....	48
1.9 - Memória/arquivo oficial <i>versus</i> Memória/arquivo público .....	49
<b>2. O ARQUIVO PÚBLICO NA OBRA DE SEREJO .....</b>	<b>53</b>
2.1 - Hélio Serejo: biografia .....	53
2.2 - Mato Grosso X Mato Grosso do Sul .....	59
2.3 - Hélio Serejo e a história do Mato Grosso do Sul .....	60
2.4 - Visão histórica na obra de Serejo: algumas impressões .....	64
2.5 - Mapeando a história em algumas obras do “Sol dos Ervais” .....	67
2.6 - Literatura e História: Arquivo público em Hélio Serejo .....	70
<b>3. O BALAIO MULTICULTURAL DE SEREJO .....</b>	<b>79</b>
3.1 - Construção identitária em <i>Balaio de Bugre</i> (2008), de Hélio Serejo .....	79
3.2 - Tecendo a construção de uma identidade .....	81
3.3 - O aspecto da linguagem como marca de uma identidade .....	83
3.4 - Narrativa e modo de representação em <i>Balaio de Bugre</i> .....	85
3.5 - Narrativa fragmentada do ‘balaio’ .....	87
3.6 - O uso dos pronomes pessoais e a linguagem no “balaio” .....	89
3.7 – Pensamento mestiço em Hélio Serejo .....	92
3.8 – Práticas cotidianas no entre-lugar fronteiriço .....	93

3.9 – A supremacia dos homens comuns no translocal .....98

**CONCLUSÃO** .....101

**REFERÊNCIAS** .....104

**ANEXOS**

## - INTRODUÇÃO -

A produção literária completa do escritor Hélio Serejo foi reunida e reeditada pela Academia sul-mato-grossense de Letras, estando disponível ao público em geral e aos estudiosos do caráter humanista e histórico da fronteira Brasil-Paraguai. Portanto, as *Obras completas de Hélio Serejo* (2008), do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, passam a ser o *corpus* literário geral deste estudo, de onde, mais especificamente, no final, focalizar-se-á a obra *Balaio de bugre* (2008), da qual foram extraídos os trezes contos para análise e comprovação da teoria da sublimação do homem comum. O recorte, nessa obra em particular, justifica-se por nela estar embutido um pouco de tudo: crônicas, relato histórico, comentários, poesias, contos, folclore, crítica literária, provérbios, orações, credices, ditos populares, palestras, verbetes sobre hábitos, alimentação, superstições e outros que caracterizam um verdadeiro ‘balaio de bugre’.

A proposta desta pesquisa é de relevância acadêmica porque surge como uma contribuição para o enriquecimento dos Estudos Culturais pertinentes ao Estado de Mato Grosso do Sul. Parte-se do pressuposto de que a Literatura é uma expressão artística que manifesta, de forma singular, os fatos e os artefatos humanos, pois tem o potencial de registrar – no curso da história – os traumas, os avanços e as ocorrências socioculturais de uma sociedade.

Serejo apresenta um construto literário vasto, consolidado e respeitado em Mato Grosso do Sul; porém, com uma fortuna crítica ainda carente de pesquisa, mas em constante crescimento, visto que a Academia está, cada vez mais, debruçando-se sobre seus escritos. Na atualidade, um dos elementos centrais da reflexão no âmbito dos Estudos Culturais é a questão da identidade e de como ela é construída para gerar emancipação, dignidade e protagonismo aos indivíduos. No bojo dessas preocupações, encontram-se relativas discussões acerca da fronteira e do intercâmbio cultural representantes dos recortes geográficos privilegiados por Hélio Serejo. Não obstante, analisa-se o potencial agressivo e modificador da globalização face aos aspectos culturais enaltecidos na obra serejiana.

Neste sentido, as narrativas de Hélio Serejo são estudadas com o propósito de compreender as estratégias literárias e culturais impregnadas nos textos desse autor ao elevar o homem comum (caboclo, campesino, sertanejo, andarilho, indígena, peão, migrante, dentre outros) ao *status* de supremo protagonista de suas histórias.

A condição multi/transcultural é indubitavelmente parte da literatura serejiana, pois seus textos enfocam passagens (reais ou ficcionais) de uma região brasileira extremamente

marcada por confluências linguísticas e culturais de toda ordem; sobretudo pela influência do guarani, do espanhol, do ‘portunhol’, de seus indivíduos e de suas culturas. Essas representações híbridas de linguagens e conhecimentos demarcam uma dada comuna cultural que abrange o estado do Mato Grosso do Sul em si e todo o seu entorno, alcançando a Bacia do Prata, sobremaneira, visto que Serejo foi entusiástico e ambicioso ao propagar o elemento ‘gaúcho’ e o movimento do ‘crioulismo’<sup>1</sup> como elo entre seus escritos.

A pesquisa fará um percurso de análise que abrangerá, em princípio, as *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008), para dar um panorama geral dos temas abordados por Serejo que remetam às marcas que objetivamos comprovar, mapeando as marcas da história no texto do escritor, percebendo a ênfase a um arquivo público-coletivo erigido do homem comum, e enfocando, especificamente, *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008), do qual sobressai, com protagonismo, o homem comum e as coisas simples desse homem.

Como objetivos gerais, pesquisar-se-á, nas *Obras completas de Hélio Serejo* (2008), as marcas da história do Estado de Mato Grosso do Sul, via tessitura narrativa serejiana, como o escritor evidencia a memória/arquivo público da região escrita não oficiosamente, no sentido de contribuir para a formação de um referencial crítico acerca da produção cultural do Mato Grosso do Sul.

Os objetivos específicos almejados são: pesquisar em *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008), as estratégias literárias, linguísticas, sociais e culturais que garantem a supremacia do homem comum nas diversas textualidades da obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo; mapear as representações identitárias mais significativas em *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008) de Serejo, identificar temas como a diáspora, o hibridismo e a transculturação, analisar como o escritor os consolida e os representa na sua obra; contextualizar, por meio das narrativas, como diferentes sujeitos interagem pela perspectiva cultural, social e política e, a partir disso, definir a ideologia que representam; visualizar e demarcar o ‘entre-lugar’ em que ocorrem toda e qualquer confluência cultural e as manifestações sociais advindas das mesmas; investigar o registro de intercâmbios culturais que expressam a experiência de sujeitos diaspóricos, deslocados e fronteiriços; identificar o registro de movimentos ideológicos no texto literário e avaliar o potencial de propagação destes no sentido de averiguar como o local e o regional podem expressar o global e vice-versa.

---

<sup>1</sup>Os conceitos ‘gaúcho’ e ‘crioulismo’ serão ampliados na pesquisa.

O estudo das questões fronteiriças como o hibridismo, a transculturação, toda a mistura advinda desse contato, aponta para uma interface altamente frutífera entre a literatura e a cultura cuja *performance* é pertinente aos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, pois eles permitem lançar um olhar transcultural à escrita de Hélio Serejo. Partindo dos estudos das literaturas pós-coloniais e suas características peculiares, a relação opressor/oprimido, centro/margem, próprio/alheio, cosmopolitismo/aldeanismo, dentre outros embates, percebemos como a produção “regional” de Serejo extrapola com o localismo, por meio do diálogo regional/universal, bem como pela mistura inerente às culturas ali presentes e de como elas se manifestam em outros lugares de enunciação. Tal maneira de se relacionar com os hábitos e com os costumes da fronteira transpõe uma carga imagética local, uma vez que a relação que indica dado comportamento cultural e a interação com o meio permitem a reflexão sobre os elementos: homem/terra, homem/cultura, homem/homem, culminando no relato histórico-ficcional, num sentido mais abrangente. Pelas premissas dos Estudos Culturais, podemos observar, no interior do processo argumentativo, relatos representativos das construções retórico-discursivas, realizadas a partir de traços identitários que, em suas transculturalidades, expõem as marcas de uma suposta origem. Assim, seria necessário compreender a obra do escritor sul-mato-grossense a partir do questionamento dos conceitos de identidade, representação, cultura, fronteira, origem e tradição, já que o projeto pretende compreender a literatura serejiana como artefato multicultural.

A Literatura de Hélio Serejo se constrói com a sensibilidade observatória de quem se faz poeta ao olhar as coisas do mundo, sobretudo na observação da vivência cotidiana dos trabalhadores do campo, dos homens fronteiriços, dos transeuntes, daqueles que fertilizam o solo e dele fazem brotar a vida, daqueles que transformam a sociedade pela força do trabalho, daqueles que modificam seus hábitos porque assumem novos e oferecem os seus ao mesmo tempo, de homens e mulheres que se bifurcam com a natureza porque sentem nela o maior mistério, de indivíduos que deixam marcas em suas trajetórias e fazem a jornada valer à pena. Enfim, Serejo seleciona personagens baseados em figuras emblemáticas do sertão, do Pantanal, do chaco e da fronteira. São pessoas supostamente comuns, para alguns, mas o autor as posiciona em primeiro plano, atribuindo-lhes a supremacia do protagonista, a atenção maior na narrativa porque são essas personagens que formatam e sustentam o entendimento de crioulisto, do mesmo autor.

Em *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008), Serejo perpassa os limites de um espaço geográfico fazendo-se regional/global, quando o escritor apresenta todo um universo mítico que encerra justificativas universais para as mazelas do seu mundo. Mundo esse que exhibe um

mapeamento abrangente do simbolismo, do mítico, do histórico da região dos ervais da fronteira e das pressões exercidas pelo poder civilizatório.

Os movimentos sociais, culturais e identidades locais criam um campo de apropriação cultural através da reelaboração das culturas ou, ainda, da existência de movimentos de resistência cultural a uma mundialização que destrói e descaracteriza culturas, o que culmina numa “pluralização” de identidades:

Nenhuma identidade singular pode alinhar todas as identidades de forma única, conciliando e representando as variadas identidades de uma pessoa. Considera-se ainda que a identificação de um sujeito não se dá de forma automática, ela pode ser ganha ou perdida, dependendo muitas vezes da forma como o sujeito é interpelado ou representado (MORETI, s. d., p. 4).

As identidades são formadas nos contatos com outras, se (re)arranjando, se (re)articulando, fazendo-se no devir, no encontro, no embate. É exatamente isso que nos predispomos a observar em Serejo, essa mistura que ocorre no encontro de várias culturas, no caldo cultural transfronteiriço onde processos como aculturação, desculturação e transculturação acontecem, mesclando as identidades, constituindo o sujeito híbrido, misturado.

Hommi K. Bhabha contribuirá neste estudo para desvelar a questão das representações identitárias em Serejo, uma vez que leva a uma intervenção no espaço da enunciação, tornando a estrutura de significação e referência um processo ambivalente que destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural é revelado como um código integrado, aberto, em expansão, onde tal intervenção desafia a nossa noção de identidade histórica da cultura como forma homogeneizante, unificadora, autenticada. Assim, o entrelugar do discurso e das ocorrências culturais deve ser amplamente considerado e investigado à guisa da transculturação e do hibridismo.

Assim compreendemos porque todas as reivindicações hierárquicas de originalidade ou “pureza” inerentes às culturas são insustentáveis. Segundo o estudioso, somos livres agora para negociar e traduzir identidades culturais na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural:

O reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura (BHABHA, 1998, p. 69).

De posse, portanto, das novas concepções sobre a identidade podemos lançar um olhar transcultural sobre Serejo, compreendendo em sua obra não a representação circunscrita de uma região e de um regionalismo monocromático, mas sim a dramatização histórico-ficcional das identidades em trânsito, da quebra das origens nacionais, das práticas culturais híbridas. Ou ainda, de um terceiro espaço onde há a negociação das diferenças, de um entre-lugar que desestabiliza o significado da cultura nacional homogênea, que transcende, que ultrapassa o local, que põe em cheque o lugar de origem se fazendo global.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica, o presente trabalho se fez de caráter crítico, analítico e interpretativo a partir de uma revisão bibliográfica de literaturas que subsidiaram teoricamente as proposições da dissertação. A obra do escritor foi lida, fazendo-se o reconhecimento das culturas ali representadas, bem como a análise da fortuna crítica. Foram escritos os capítulos a fim de compor o *corpus* da dissertação, abrangendo o conhecimento teórico acerca das questões da construção identitária, dos elementos presentes nas obras de Serejo, das suas marcas regionais e da sua forma de elaboração artística assim como o estudo cultural da região fronteira e da própria leitura analítico-interpretativa da obra de Serejo.

O capítulo I é iniciado com a articulação dos eventos do multiculturalismo crítico de Boaventura de Sousa Santos, propondo uma reflexão que possibilite alcançar um “novo senso comum”, uma proposta de análise de uma transição paradigmática abarcando a ciência, o direito e a política, com o objetivo de reinventar uma emancipação social do homem comum, uma “contra-hegemonia” ao processo vigente, formulando o que seria uma “aprendizagem com o Sul não imperial”, e tratamos do posicionamento acerca das discussões da *Nuestra América*, que requerendo para si a autonomia de pensar uma prática formulada a partir do Sul. A *Nuestra América* encarada como aquela que contém o potencial para a constituição da globalização contra-hegemônica baseada na ideia de uma política igualitária, focada na redistribuição social de bens, que necessita de uma política de reconhecimento da diferença racial, sexual, étnica, cultural. *Nuestra América* encarada não apenas como construção intelectual, mas como um projeto político com objetivos a serem cumpridos, bem como uma maneira “de ser e de viver em trânsito e na transitoriedade, cruzando fronteiras, criando espaços de fronteira” (SANTOS, 2008, p. 204).

Abordamos também o evento da diáspora e de suas implicações, tratamos da questão do “glocal”, devido ao fato da obra se circunscrever nesta região da fronteira do Brasil/Paraguai/Bolívia, marcando um local, por si só translocal. Evidenciamos o aspecto da mestiçagem que ocorre nesse espaço translocal, tecendo as articulações dos encontros das múltiplas misturas, do hibridismo e da transculturação na tessitura narrativa, já que o fenômeno das migrações e deslocamentos implicam muitos movimentos, geram infinitas



consequências como hibridismo, mestiçagem, aculturação, desculturação, transculturação. Percebendo na obra de Serejo, como esses fenômenos ocorreram nessa região que passava por um processo de reestruturação no pós-guerra do Paraguai e constituição de um novo Estado (o Mato Grosso do Sul). Abordamos também o surgimento de uma comarca oral que nos agrega como latino-americanos e finalizamos o capítulo 1 de aporte teórico com o evento da aproximação entre Literatura e História, e como a questão do arquivo público pode ser resgatada via narrativa literária. Esse é um posicionamento assumido pela Nova História, no qual vamos nos aprofundar mais no capítulo dois.

O capítulo II é iniciado com um panorama sobre a vida de Hélio Serejo, do nascimento à sua morte. Na sequência, apresentamos uma breve introdução sobre a história da divisão do estado de Mato Grosso, em sul e norte, onde o estado de Mato Grosso do Sul é um “glocal” fonte da inspiração da obra de Serejo. Em seguida, tentamos fundir a história do próprio autor com a história do estado. A escritura serejiana retrata as condições históricas da fronteira Brasil/Paraguai do Pós-Guerra do Paraguai, o desenvolvimento econômico do sul do Estado e da fronteira, juntamente com uma nova fase do modo capitalista de produção dessa região (a exploração da erva-mate) com a instalação da Companhia Mate Laranjeira. Serejo contempla nas suas obras a diáspora, sobretudo de gaúchos e paraguaios, como força de trabalho para a exploração ervateira, relatando e registrando a história de um Estado, que por nele ter nascido e vivido, acaba revelando a imensa riqueza das vivências de seus habitantes, expostas nas informações detalhadas sobre a vida, os hábitos, os usos, os costumes, o trabalho e o lazer dos fronteiriços, contribuindo para a história da formação do Estado.

Tentamos fazer a aproximação de Literatura e História, mapeando como a História aparece em alguns momentos, nas *Obras Completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008), e a constatação de um arquivo público erigido do coletivo via retratação do cotidiano de homens comuns. Na questão do arquivo público na obra de Serejo, tratamos de perceber as diferenças entre o arquivo oficial e o público, uma vez que a obra de Hélio Serejo oferece um arcabouço de possibilidades a serem estudadas. Um aspecto que chama a atenção em particular é a perspectiva de análise sob o foco do arquivo público versus arquivo oficial. Através da obra de Serejo é possível o resgate e construção de uma nova história, uma nova origem, não formulada oficial ou oficiosamente, mas resgatada através da visão público-coletiva. A obra desse autor torna possível esse novo olhar, já que permite a voz ao homem comum. Ele nos oferece como fonte/arquivo a verdade de um sujeito que não é o oficial, mas um que é público, já que emerge do coletivo. Serejo oferece um arquivo/memória, construído a partir de negociações de memória e esquecimento. Cientes de que a verdade não é estática e nem

pronta, e encarando a verdade como um produto da história, observamos a verdade de Serejo, que também é uma verdade.

No capítulo III nos atemos em especial à obra *Balaio de Bugre* (SEREJO, 2008), enfocando a questão da construção identitária para perceber onde se encontra figurada a construção de uma identidade multicultural a partir do “caldo” cultural transfronteiriço, produto da associação entre as culturas brasileira, paraguaia e guarani, e dos migrantes presentes na região, relatado nos contos, causos, crônicas, relatos, poemas e demais textualidades da obra do escritor sul-mato-grossense, tentando compreender o conceito de identidade e de identidade sul-mato-grossense como uma construção histórica, cultural e discursiva. Interessante é perceber que na obra não aflora a imagem de sujeitos “típicos”, isto é, portadores das características da construção de uma tradição idealizada (sempre, de algum modo, inventada), mas aflora um sujeito híbrido em suas práticas sociais multiculturais. Percebemos, como característica dessa produção ‘regional’ de Serejo, a extrapolação do local, por meio do diálogo regional/universal, e pela mistura de culturas ali presentes. Enfocamos também a questão da narrativa e modo de representação na obra ao mapear a “possível” construção de uma identidade local, transfronteiriça, e multicultural existente na fronteira Brasil-Paraguai, texto esse entrecortado por contos, causos, crônicas, relatos, poemas e outros. O escritor tematiza e dialoga com uma região e uma condição transfronteiriças e multicultural, presentes não só nas construções linguísticas diferenciadas, mas também na cultura e na literatura advindas dessa condição de fronteira.

Finalizamos o capítulo fazendo as análises embasadas nas práticas cotidianas, no pensamento mestiço, pautados no olhar transcultural que permite enxergar a literatura como um lugar novo, translocal, onde as diversas concepções e conhecimentos se encontram, se (re)arranjam, permitindo a (re)organização do homem ordinário, do homem comum. Tratando também da proposição do multiculturalismo emancipatório, das questões relativas ao pensamento mestiço e demais aspectos que afloram do “glocal”, chamando os treze contos selecionados da obra *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008) para verificar como todos esses aspectos são apresentados na obra em análise. Arrolamos as conclusões obtidas acerca das análises dos contos da obra foco de estudo, para comprovar nossa perspectiva de sublimação do homem comum, das coisas comuns desses homens simples, em primeiro plano, os protagonistas da *ordinary real life*, do balaio multicultural de Serejo.

## Capítulo I

*...Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que, na infância atribulada, recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e haragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco paraguaio, para depois, exausto do bailado de demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses...*

(SEREJO, 2008, v. 7, p. 150)

## - FOMENTANDO UMA TEORIA PARA O HOMEM COMUM -

Neste capítulo apresentar-se-á o *corpus* a ser analisado na dissertação, o aporte teórico para o desenvolvimento da proposta de pesquisa perpassando o multiculturalismo emancipatório, as discussões acerca das questões da *Nuestra América*, as implicações do evento da diáspora, as abordagens do “glocal”, da mestiçagem, da comarca oral, bem como a aproximação entre História e Literatura que permite o estudo de um arquivo público-coletivo via narrativa literária na obra de Hélio Serejo.

### 1.1 - Apresentação do *corpus*

Analisar as *Obras completas de Hélio Serejo* (2008) de Serejo pressupõe fazer uma profunda viagem pelo “velho” Mato Grosso, no qual são abordados aspectos da geografia física: topografia, flora, fauna, campos e rios, fecundidade, minérios, pantanal, clima, chuvas. Sob o prisma da geografia humana, são apontadas as relações do homem fronteiriço, com o outro homem, e com o meio, como marco sinalizador da existência de uma singularidade socioeconômica e cultural cujas características pessoais, linguísticas, locativas e temporais compõem a identidade da região oeste, na fronteira Brasil-Paraguai, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Escritores desempenham um papel determinante no trabalho simbólico de formulação de uma região, e porque não dizer, de um estado, como é o caso de Serejo, ao descrever o estado de Mato Grosso do Sul, no período do ciclo da erva mate. Por ter participado das expedições colonizadoras desenvolvidas na região, acompanhando seu pai, Chico Serejo, e aproveitando a situação, escrevia as experiências vivenciadas pelos ervateiros, colonizadores e todas as implicações dessa convivência.

O que encontramos nessas obras é a retratação do convívio do meio rústico com tendência de registro folclórico, inventário de costumes e crenças de um escritor de histórias embasadas em acontecimentos reais e também em tradições populares referentes ao lugar. Desse modo, tomando como premissa a frase de Aristóteles, de que a arte imita a vida, a obra literária tende a retratar o homem e todos os outros aspectos inerentes à sua cultura.

Há de se desvelar a questão das representações identitárias presentes na obra de Serejo, levando a uma intervenção no espaço da enunciação, tornando a estrutura de significação e referência um processo ambivalente que destrói esse espelho da representação em que o conhecimento cultural é revelado como um código integrado, aberto, em expansão,

e que tal intervenção desafia a nossa noção de identidade histórica da cultura como forma homogeneizante, unificadora, autenticada.

De posse dessas novas concepções sobre a identidade, lançamos um olhar transcultural sobre Serejo, compreendendo em sua obra não a representação circunscrita de uma região e de um regionalismo monocromático, mas sim a dramatização histórico-ficcional das identidades em trânsito, da quebra das origens nacionais, das práticas culturais híbridas e dos costumes que se fizeram e se fazem mais pela solicitação do futuro que pelas pressões discursivas, políticas e culturais do passado. Aqui cabe voltar ao artigo de Barzotto quando profere:

No âmbito dos estudos culturais, a literatura pós-colonial é de salutar importância, pois permite trazer à tona a questão da identidade cultural desses grupos marginalizados, tanto sob a égide de um texto culturalmente marcado quanto à guisa dos encontros culturais, coloniais e pós-coloniais, que de fato se efetivam na zona de contato de territórios amplamente híbridos, miscigenados e modificados para sempre (BARZOTTO, 2009, p. 334).

Para confirmar a necessidade desse empenho e pesquisa, em Ana Arguelho de Souza (2009 p. 138) encontramos: “Serejo legou à humanidade um importante registro acerca do homem fronteiro na materialidade do seu trabalho com a natureza e com outros homens e suas possibilidades civilizatórias.” Essa pesquisadora aponta que a obra de Serejo mostrou que a civilização e a exploração do trabalho caminham atreladas, de mãos dadas, e que o avanço histórico dessa região se fez com suor e sangue dos trabalhadores dos ervais. Isso pode ser confirmado por inúmeros estudos de outros memorialistas além de Serejo, que também registraram os avanços da civilização na fronteira, e as conquistas que aconteceram a partir do trabalho ervateiro. Por fim, a estudiosa afirma ainda “que a memória deste Estado é mais rica do que se costuma julgar e ela não pode ser captada apenas pela perspectiva do índio, senão do trabalhador paraguaio” (2009, p. 138-9). Todas essas afirmações só agregam em apoiar a relevância da necessidade em debruçar sobre as obras de Serejo, e extrair dali todo o potencial existente, pronto a ser desmitificado.

*Balaio de bugre* (SEREJO, 2008) é o Livro 39 das *Obras completas* de Hélio Serejo (SEREJO, 2008), a obra é fragmentada em noventa e três subtítulos, dos quais selecionamos treze para a análise dessa pesquisa. São eles: “Balaio de Bugre”; “Vida de erval”; “Um pouco sobre os índios”; “Palestra”; “Chimarrão”; “De tudo um pouco”; “O carpinteiro”; “Palavras do prosador crioulo”; “Couro seco de vaca”; “Galponeiro”; “O tropeiro cortador de chão”; “João”; “O andariego”. Todos eles serão analisados percebendo suas características,

peculiaridades que fazem de uma literatura local algo que transcende as fronteiras consideradas regionais.

O próprio escritor, Hélio Serejo, explica o motivo do título do livro no primeiro subtítulo da obra *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008, p. 93):

Por que o esquisito título de *Balaio de Bugre* para este livro? Contar-lhes-ei o motivo. Durante longos anos viajei pelo sul de Mato Grosso, numa peregrinação peripeciosa, auxiliando meu pai em sua rude atividade ervateira. Hoje aqui, amanhã ali, íamos rompendo o sertão, tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato. Pernoitamos, muitas vezes, à margem de um arroio, no arranchamento de bugres foragidos de uma aldeia. À noite, ao pé do fogo estralidante, conversávamos. Bugre gosta de conversa. Fala um tempão, rindo à toa, sacudindo o corpo, cuspidando no braseiro e comendo mandioca assada. Mandioca assada é banquete de bugre. Por várias vezes, nessas pousadas incômodas, notei o seguinte: um balaio velho, feito de lâminas de taquara, ficava ao lado do bugre mazoro. Qual o seu conteúdo? Quase incrível isto: atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca, semente de abóbora, carretel de linha, lenço de chita, pedra isqueiro, colher, faca, cuia de porongo, pedaço de rapadura, mandioca, pena de arara, unha de gavião, dente de onça e mil e uma bugigangas. Bugre briga e morre para defender o seu balaio. Tem-lhe estima imensa. É jóia preciosa que a natureza lhe deu. Contando este livro de tudo um pouco: crônicas, relato histórico, comentários, poesia, contos, folclore, crítica literária e imagens do sertão, não é ele um legítimo balaio de bugre? Sendo assim, muito bem fica-lhe o título. Está de acordo como seu conteúdo. Muito de acordo mesmo. E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado (SEREJO, 2008, p. 93).

Esse subtítulo nos apresenta uma demonstração “do tudo” que iremos encontrar no “balaio” de Serejo: um pouco de tudo. Desse tudo, saltam: o crioulisto, o nativismo, as coisas charruas, o hibridismo, a mestiçagem. Ícones do *melting pot* latino-americano que é essa cultura de fronteira que o escritor retrata.

O escritor HS<sup>2</sup>, neto de coronel e filho de dono de terras, de ranchada ervateira, “escolheu” mergulhar na vida dos homens simples, focar os fatos cotidianos na sua simplicidade. Elevou o homem comum do erval, o peão guarani, o bugre, o sertanejo, ao *status* de grande protagonista de suas histórias. Colocou o homem comum no mais alto patamar de reconhecimento: a exegese literária.

Pensando a cultura como organizada e organizadora através do veículo cognitivo que é a linguagem, que parte de um capital cognitivo que é coletivo e adquirido por meio de experiências vividas que incluem as memórias (históricas, míticas) de uma sociedade, podemos afirmar, com o aval de Lotman (RODRIGUES, 2009, p. 107) que “a cultura é um

---

<sup>2</sup> Hélio Serejo – doravante HS.

conjunto de textos ou um texto construído de maneira complexa”, ou ainda, cultura é um texto tramado em entrelaçamentos de textos.

Entendendo a palavra texto etimologicamente com o seu significado de entrelaçamento, entendemos o que Hélio Serejo pretende com os noventa e três subtítulos do seu *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008). Esta obra cabe perfeitamente como exemplo da proposição de Paulo Morgado Rodrigues com seu artigo “Barroco e mestiçagem: confluências entre poesia & crônica na América Latina” (RODRIGUES, 2009, p. 105), já que da narrativa de Serejo exala a mestiçagem, o barroquismo, na mais pura poesia entrelaçada por crônicas da vida da cultura desse lugar misturado que é a América Latina. Esta região que é a própria metáfora do barroco, o lugar dos encontros sucessivos, das culturas diversas, de infinitas mesclas culturais. Conscientes de que do processo da mestiçagem não aflora apenas o produto da mestiçagem, mas a influência de todo o material que a compõe, tornando possível uma nova linguagem via antropofagia, via novas combinações, operada por possibilidades combinatórias vanguardistas. A mistura poesia, conto, crônica no nosso objeto de estudo demonstra o processo de criação, o *modus operandi*, a modificação ininterrupta de um horizonte de expectativas, e da mistura dos gêneros.

O processo de ruptura, de quebra no “modo de fazer” é inerente ao “fazer” da nossa América Latina. O Brasil é berço da herança cultural, do modo barroco, de espírito mestiço. Hélio Serejo é um filho dessa terra, sua obra o é na mesma intensidade.

Este “fazer”, caracteristicamente nosso, implica o reconhecimento das nossas diferenças. Um modo de fazer que não é o eurocêntrico, mas sim erguido do Sul. A construção de um pensar oriunda de nós mesmos, pautada em relações de proximidade e diferença que geram aproximações (e não monolitismos). Ou seja, surge do Sul a criação de mecanismos novos, não construídos como resistência e oposição ao Norte, mas algo erigido a partir do que nos é particular, algo que nos é próprio. Que não se levanta por simples antagonismo ao Norte, mas algo novo, já que sempre fomos falados, floresce agora a necessidade de falarmos por nós, falarmos de um lugar que a nós compete falar.

Essa voz que se levanta do Sul pressupõe o reconhecimento de diferenças culturais e históricas, e o direito a essa diferença. Essa é uma condição da estratégia emancipatória: exigência do “reconhecimento e da distribuição, de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza desigualdades” (SANTOS; NUNES apud SANTOS, 2003, p. 43). A responsável por identificar as diferentes formas sociais das lutas emancipatórias é a teoria da tradução. É ela que possibilita a criação

de mútua inteligibilidade, e a articulação das equivalências e diferenças entre culturas, suas experiências, suas formas de opressão e resistência.

A idéia de movimento, de articulação de diferenças, de emergência de configurações culturais baseadas em contribuições de experiências e de histórias distintas tem levado a explorar as possibilidades emancipatórias do multiculturalismo, alimentando os debates e iniciativas sobre novas definições de direitos, de identidades, de justiça e de cidadania (SANTOS; NUNES apud SANTOS, 2003, p. 33).

O multiculturalismo, na sua versão emancipatória, é baseado no reconhecimento e no direito à diferença, e na coexistência das diferenças, porque segundo Santos “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza” (SANTOS; NUNES apud SANTOS, 2003, p. 56). É com uma afirmação como a anterior que a consolidação de um projeto contra-hegemônico se fortalece e toma proporção agigantada na América Latina. Este lugar que nos é próprio e é passível dessas novas rearticulações, de uma proposta de diálogo do reconhecimento e respeito às diferenças, de novas alianças que deixem o reducionismo definitivamente para trás. No *corpus* da nossa pesquisa, figuram vários exemplos do respeito às diferenças, como no conto “Palestra”. Este conto, é a transcrição de uma palestra ministrada por Hélio Serejo sobre o tema folclore, em que ele denomina folclore, como ciência “já que tem que ser estudado para ser assimilado” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 133-38). Por sua vez, o verbete “assimilar” no Dicionário Aurélio (2010) aparece como: 1. Tornar semelhante ou igual. 2. Tomar como seu ou para si; absorver. A explicação oficializa o pensar multiculturalista emancipatório serejiano. Ao falar sobre o folclore alemão, português, espanhol, mexicano, chileno, colombiano, argentino, paraguaio, o escritor exhibe conhecimento, assimilação, respeito de cada um deles. E como escritor afirma no final do conto: “Folclore de multiplicidade” (SEREJO, 2008, v. 7. p. 138). O que não é multiplicidade no balaio de Serejo? Fica a indagação!

## 1.2 - Multiculturalismo crítico

*A Gramática do tempo – para uma nova cultura política* (2008), de Boaventura de Sousa Santos, propõe uma reflexão que possibilita alcançar o que chama de um “novo senso comum”, ou seja, propõe a análise de uma transição paradigmática abarcando a ciência, o direito e a política. O objetivo é reinventar a emancipação social, uma “contra-hegemonia” ao processo vigente, formulando o que seria uma “aprendizagem com o Sul não imperial”. A



obra apresenta o resultado das experiências sociais, políticas e culturais do Sul global, a partir do projeto “Reinventar a Emancipação Social”, que mobilizou sessenta pesquisadores da África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia, Moçambique e Portugal, entorno de cinco temas: democracia participativa; economia solidária; interculturalidade e cidadania cultura; conhecimento popular em biodiversidade, medicina e direito; e o novo internacionalismo operário. Frente a esses aspectos todos, pensa-se a busca de um “novo senso comum” a partir do Sul.

Um dos paradigmas oriundos deste projeto é chamado “A crítica da razão indolente”, que tem como cerne promover as bases de uma nova cultura política que retome o desejo de transformação social e emancipação, com vistas a modificar relações de poder desiguais em seis espaços-tempos: doméstico, produção, mercado, comunidade, cidadania e mundial. Isso implica numa revisão da distribuição dos bens materiais e simbólicos (que envolveria o princípio da igualdade), e o reconhecimento da existência de diversas concepções de bens (igual recurso), que envolveria o reconhecimento da diferença e da diversidade de bens.

Nesse contexto, Boaventura Santos faz questão de marcar, dentro da obra, a passagem de uma crítica pós-moderna para uma teoria crítica pós-colonial, enfatizando a sua não identificação com as concepções pós-modernas de escritores do Atlântico Norte. Todavia, o que o estudioso propõe não é transgressão, mas, sim, um tempo de transição, a passagem da concepção pós-moderna para uma pós-colonial que nasça do Sul não imperial. Esse posicionamento, muito interessa a nós, estudiosos latino-americanos, pesquisadores de autores legítimos de espaços não considerados anteriormente: a fronteira Brasil/Paraguai, de um lugar latino-americano, ao sul do globo por excelência.

Para se ter um panorama desse posicionamento, retomemos a década de 1990, com as crises do capitalismo e socialismo. Desde essa época, o conceito de pós-moderno passa a ser inadequado, pois designa não apenas um novo paradigma epistemológico, mas também novo paradigma social e político.

Boaventura Santos critica o pós-modernismo afirmando que ele não dá conta das preocupações do pós-colonialismo, já que não apresenta as relações de desigualdade entre Sul e Norte. A perspectiva pós-colonial pauta-se na geopolítica do conhecimento, no *locus* de enunciação, donde se marca quem fala, o que fala e para quem fala. E o direito a esse “balbucio” já nos foi garantido (teoricamente) por um de nós, Hugo Achugar. De acordo com o crítico uruguaio, o sujeito periférico e marginalizado, que pouco fala ou “balbucia”, é uma minoria subjugada e subvertida. Para Achugar, o balbucio é uma forma de diferenciação diante dos “centros culturais”, e que devemos reivindicar o balbucio para que ele seja escutado, percebido, notado na sua

alteridade, naquilo que lhe é peculiar, a forma orgulhosa de manifestar a diferença. Por isso é tão necessário compreender o lugar “de onde se fala”, “de onde se constroem as experiências”.

Na argumentação de Boaventura, focaliza-se um pós-modernismo cheio de estereótipos nortecêntricos a respeito do Sul. Entretanto, a concepção defendida pelo estudioso é de um pós-modernismo de oposição, centrado no conhecimento-regulação e conhecimento-emancipação.

Segundo Boaventura Santos (2008), a ignorância colonialista é a recusa em reconhecer o outro como um ser igual e na transformação deste em objeto: o selvagem, a natureza, o Oriente (esses elementos serão tratados pormenorizadamente logo mais). Em oposição a estes elementos, Boaventura, no seu pós-modernismo de oposição, concebe três metáforas geradoras: a fronteira, o barroco e o Sul. Esses é que levarão à frente a possibilidade da transição paradigmática nos campos social e político. Hélio Serejo e suas obras aqui analisadas preenchem esses três requisitos do pós-modernismo de oposição. Porque é fronteira, por ser barroco (mestiço), por ser Sul (América Latina).

Na ideia de fronteira estão embutidas as questões de periferia e de margem; “o barroco, como *ethos* subalterno da modernidade ocidental” (SANTOS, 2008, p. 32); o Sul como ícone do sofrimento humano devido à modernidade capitalista vigente (elementos todos de relevância no decorrer do desenvolvimento do nosso trabalho, já que o abarca todos esses fatores).

Ao propor aprender com o Sul, Boaventura (SANTOS, 2008, p. 33) propõe que se deixe de lado qualquer resquício de subalternidade. O Sul é um produto do império e por isso mesmo exige a “desfamiliarização em relação ao Sul imperial”, ou seja, tudo o que foi concebido como resistência da dominação do Norte. Assim sendo, só se aprende com o Sul quando se contribui para a sua eliminação enquanto produto do império. A partir dessa ideia, resta-nos a confrontação entre os projetos hegemônicos e contra-hegemônicos, no qual o Sul se apossa deste último. As ideias que dali surgem se contrapõem às da corrente dominante do pós-moderno e, o pós-moderno de oposição, fixa-se na superação da mentalidade da modernidade ocidental fortalecendo uma perspectiva pós-colonial e pós-imperial, e que muito interessa a nós pesquisadores de um continente que passou por todos esses processos de colônia, pós-colônia, pós-império.

Ao posicionar-se nas margens, nas periferias, o pós-moderno de oposição inicia um trabalho de “escavação” buscando possíveis tradições suprimidas, marginalizadas, incompletas, visando à construção de novos paradigmas de emancipação social. Hélio Serejo faz isso em sua obra sem se dar conta que se inova. A busca de representações, tradições

perdas são levantadas por dois pilares: da regulação, partindo da comunidade; da emancipação, através da racionalidade estético-expressiva. As *Obras completas de Hélio Serejo* (2008), servem infinitamente dentro desta proposta de construção de transição paradigmática proposta por Boaventura Santos.

O processo de “escavação” proposto pelo estudioso encontra algumas identificações com as propostas de Walter Mignolo; no entanto, este ressalta que o que Boaventura faz “é uma crítica não eurocêntrica do eurocentrismo da modernidade ocidental e das correntes pós-modernas que procura ‘descenrar o eurocentrismo e dissolvê-lo na totalidade planetária’” (apud SANTOS, 2008, p. 34). Boaventura rebate essa crítica com base em dois pontos: (1) a proposta de reconstrução da emancipação partindo do Sul faz com que o pós-moderno de oposição se torne mais pós-colonial do que pós-moderno. Desse modo, aprender com o Sul global é importante, uma vez que determina um lugar geopolítico que irá pensar um paradigma outro, ou seja, criar pensamentos alternativos às relações de dominação e exploração longas e profundas centradas na diferença, com opressores e oprimidos; e (2) a genialidade da modernidade ocidental se assenta na dialética da regulação e emancipação. Frente a esses dois pontos, o estudioso reformula sua proposta aprofundando a dimensão pós-colonial e questionando as versões do pós-colonialismo. O faz, *a priori*, especificando a dialética da regulação/emancipação que só reinou nos grandes centros, já que “as sociedades colonizadas foram excluídas dessa dialética e só puderam ‘optar’ entre a violência da repressão e a violência da assimilação” (SANTOS, 2008, p. 36).

Nessa esfera de debate, existem alguns pontos de reformulação que batem de frente com as versões dominantes do pós-colonialismo, segundo Boaventura Santos (SANTOS, 2008, p. 38), a citar: o viés culturalista dos estudos pós-coloniais que tem sido baseado em análise crítica de discursos literários, bem como o de “mentalidades e subjetividades sociais, ideologias e práticas simbólicas”, o que acaba implicando na hierarquia colonial e na dificuldade do colonizado em se posicionar em termos próprios, e que persistem mesmo depois dessas terem saído do julgo de dominado. No entanto, o estudioso pontua que se essa investigação ficar restrita à questão cultural pode deixar de lado as relações sociais e políticas, que é o que traz à tona a reprodução dos discursos, ideologias e práticas simbólicas. Atenta-se que tradições eurocêntricas presentes nos estudos pós-coloniais ajudam desarmar politicamente e a ênfase no reconhecimento da diferença, sem a mesma ênfase na economia, no social, e na política, acaba findando na passividade. É notório que o capitalismo global do qual fazemos parte não reconhece efetivamente a diferença (seja ela racial, sexual, étnica, religiosa e outras), sem a redistribuição social.

A articulação entre o capitalismo e o colonialismo é o segundo ponto de conflito das concepções do pós-colonialismo, já que as concepções dominantes enfatizam o colonialismo como explicativo das relações sociais. Dessa forma, o colonialismo segue contaminando alguns aspectos da cultura, do racismo, do autoritarismo e de visões que dominam as relações internacionais. Ainda, a provincialização da Europa intenta designar o processo histórico da perda de centralidade cultural e política da Europa no sistema mundial moderno. As concepções dominantes de pós-colonialismo ao mesmo tempo em que provincializam a Europa, essencializam-na. Dessa forma o colonizador é concebido como que representando a Europa em confronto com o resto do mundo. No entanto, existem desiguais relações coloniais entre países da própria Europa. Assim como existem diferentes tipos de regionalismos.

Santos (2008) diferencia o pós-colonialismo nas várias partes do globo (o britânico, o latino-americano, o ibérico), e cada um tendo as suas especificidades. A partir daí é que ele propõe a ‘reprovincialização’ da Europa atendendo as suas especificidades, tanto de colonialismos diferenciados, como os mais diversos processos de descolonização. A provincialização da Europa acarretará na provincialização ou descentração das Américas.

O pós-colonialismo por ele proposto obriga a ir além do pós-modernismo e além do pós-colonialismo *per se*, convidando a uma visão não-ocidental do mundo. A complexidade dessa nova compreensão que implica a revisão da história, da cultura e da política do *locus*, é chamada de globalização contra-hegemônica. Essa coloca novos desafios à teoria crítica que terá de ser complementada pela formulação de novas alternativas. Para isso acontecer, Boaventura identifica os principais desafios: a reconceitualização de uma teoria de emancipação social com vistas a abarcar as propostas emancipatórias dos mais diversos movimentos e organizações que fazem parte do processo da globalização contra-hegemônica, que muito diferem dos padrões ocidentais de emancipação social. A dificuldade encontra-se na formulação de uma teoria geral que atenda a todos e na formatação de um consenso que acabe gerando um universalismo negativo, já que nenhum objetivo tem uma receita geral. A impossibilidade de uma teoria geral faz, no mínimo, que se congregue da ideia de não possibilidade de uma teoria que atenda a tudo e a todos. A proposta então surge de um trabalho de “releitura” que vislumbre os diversos projetos “parciais” de emancipação em suas diferenças, “uma diferença que torne possível a inteligibilidade recíproca entre os diferentes projectos de emancipação social sem que nenhum possa subordinar em geral ou absorver qualquer outro” (SANTOS, 2008, p. 42).

Igualmente, o apontamento do modo que a cultura e a filosofia política do ocidente são condicionantes para a reinvenção da emancipação social, e a análise de que elementos da

cultura política da Europa são patrimônio cultural e político de pertença mundial, como exemplo: “direitos humanos, secularismo, cidadania, Estado, sociedade civil, esfera pública, igualdade perante a lei, o indivíduo, a distinção entre o público e o privado, democracia, justiça social, racionalidade científica, soberania popular” (SANTOS, 2008, p. 42-3). Boaventura pontua que alguns desses conceitos foram usados para dizimar culturas políticas alternativas, outras foram aplicadas para resistir ao colonialismo e outras usadas de outras formas: “Saber maximizar a interculturalidade sem subscrever o relativismo cultural e epistemológico” (SANTOS, 2008, p. 43). Nesse bojo de conceitos, a proposta é edificar um posicionamento ético e político sem fixá-lo em nenhuma base absoluta. Construir-se-ão conceitos alternativos, promovendo o diálogo via hermenêutica que guiarão aos universalismos regionais/setoriais constituídos pela primeira vez de baixo, de esferas públicas globais contra-hegemônicas (cosmopolitismo subalterno ou insurgente).

Logo, a crítica radical do pós-colonialismo ao historicismo, em que a realidade social é determinada historicamente de forma unívoca e unidirecional. Esses pontos tornam impossível uma metanarrativa de emancipação social, concebendo emancipações no plural. “E como não há uma ética universal, só nos resta o trabalho de tradução e a hermenêutica diatópica e a confrontação pragmática das acções com os seus resultados” (SANTOS, 2008, p. 44). Todos esses pontos enfocados por Santos são passíveis de análise dentro da obra de Serejo que, ao escrever, não tinha essas questões como intento, mas que a sua sensibilidade de autor registrou e que hoje, com a teoria contemporânea, somos capazes de perceber, detectar e usar como exemplo.

O próprio Boaventura Santos indaga se, como nascido no país colonizador, pode dar contribuições para os estudos pós-coloniais; inferindo sobre a vítima ter direito a falar, ou, como alguém falar em nome da vítima. Esses levantamentos já foram aqui erigidos na leitura de *Planetas sem bocas - Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura* (2006) de Hugo Achugar, e fazem parte das nossas argumentações na obra de Serejo. Nesse sentido, Santos assegura que “todo conhecimento é contextual, mas, o contexto é uma construção social, dinâmica, produto de uma história que nada tem a ver com o determinismo arbitrário da origem” (SANTOS, 2008, p. 45). Afirma que esse contexto é de interesse para os cientistas sociais da língua portuguesa, ultrapassando as questões pessoais, já que o espaço científico e sociocultural da mesma tem duas características concernentes aos estudos pós-coloniais: (1) por ter durado até trinta anos atrás, muitos intelectuais, cientistas sociais e ativistas políticos que participaram da luta contra o colonialismo estão ainda ativos. Atesta que houve cumplicidade e solidariedade entre os que lutavam nas colônias e na metrópole nas lutas anti-

coloniais; já em outros lugares, o colonialismo dominou os estudos pós-coloniais (África e Timor Leste), e fazem parte da atualidade política também, os processos de descolonização que apresentam especificidades e que sofrem o risco de ser esquecidos ou desvalorizados “se o cânone do pós-colonialismo hegemônico” imperar sem crítica e sem análise profícua. (2) a especificidade do colonialismo português traz desafios, no entanto, Santos deixa claro que a concepção que faz do pós-colonialismo é de oposição. Fala de um lugar que tem pouco a ver com a dominação do poder hegemônico, já que entende o seu *locus* como uma margem extrema do ocidente. Boaventura apregoa que as teorias foram geradas por ciências sociais do poder hegemônico em espaços geopolíticos que não nos são próprios. O que encontramos é uma ‘desadequação’ de teorias que nos atendam com eficácia, gerando a necessidade de se fomentar um novo tipo de pós-colonialismo, um que privilegie “a nossa experiência no reverso da experiência dos outros” (SANTOS, 2008, p. 47).

Entende-se o ato de descobrimento como recíproco, a única diferença é de que lado se está: de quem toma posse ou de quem é possuído; quem controla ou quem é submisso. As narrativas serejianas contribuem no caráter de investigação de certas posições socioculturais, à luz do que entendemos por usurpação e emancipação, visto que daremos singular enfoque aos personagens que são abordados como protagonistas de suas ações diante de um contexto ou ambientação no qual sobressaem esses aspectos. Em HS, possibilita-se a abordagem da supremacia do homem comum, já que esse escritor reserva as maiores façanhas e acontecimentos aos personagens simples e, supostamente, corriqueiros; mas, quando mergulhados na diegese, transformam-se em homens valentes, bravos e instigantes diante dos olhos de um leitor curioso de tais estórias e causos por ele narrados. Tal enfoque será levantado de forma mais apropriada no capítulo final.

### 1.2.1 - *Nuestra América*

*Nuestra América* é um artigo de José Martí, publicado no “*El Partido Liberal*”, jornal mexicano, em janeiro de 1891, em que figura um conjunto de ideias que presidem o ‘Século Americano *Nuestra América*’. Tais ideias foram perseguidas por nomes como Oswald de Andrade, Darcy Ribeiro, Mariátegui e Fernando Ortiz. A primeira ideia é a de que a *Nuestra América* é a América mestiça vinda do cruzamento de sangue europeu, africano, índio. Essa origem garante a capacidade de pesquisar suas próprias raízes e construir para si um conhecimento que não seja “importado” e que faça jus à sua realidade. A segunda ideia é que, na mistura das suas raízes, há uma “complexidade infinita, a sua nova forma de universalismo

que enriqueceu o mundo” (SANTOS, 2008, p. 200). O universalismo situado e contextualizado é o fio condutor da *Nuestra América*. A terceira ideia é de que a *Nuestra América* seja construída sobre fundações e conhecimentos genuínos; logo, esse conhecimento situado é o que distingue um país. Desse modo, há que investigar realidades específicas da perspectiva latino-americana. A quarta ideia é baseada no princípio de que *Nuestra América* é a América de Caliban e não de Próspero. A desse último é no Norte; no entanto, subsiste no Sul devido às elites intelectuais e políticas que refutam suas raízes negras e índias. A quinta ideia se afixa num pensamento político não nacionalista, mas internacionalista de atitude anti-colonialista e imperialista, que antes focava a Europa e na atualidade foca os Estados Unidos.

Em suma, o que *Nuestra América* requer para si é a autonomia de pensar uma prática formulada a partir do Sul. A *Nuestra América* é encarada como aquela que contém o potencial para a constituição da globalização contra-hegemônica baseada na ideia de uma política igualitária, focada na redistribuição social de bens que necessita de uma política de reconhecimento da diferença racial, sexual, étnica, cultural. De certa forma, esse desejo de autonomia a partir do estudo e da propagação dos textos literários locais (América Latina) perpassa os anseios dessa dissertação.

Enfim, *Nuestra América* não é apenas construção intelectual, mas sim um projeto político com objetivos a serem cumpridos, bem como uma maneira “de ser e de viver em trânsito e na transitoriedade, cruzando fronteiras, criando espaços de fronteira” (SANTOS, 2008, p. 204). Ou seja, um lugar acostumado a viver em um nível baixo de estabilidade devido à forte desigualdade social e pela arbitrariedade do poder colonial.

A subjetividade e a sociabilidade da *Nuestra América* são simpatizantes do pensamento utópico e não do pensamento institucionalizado e legalista. Encara a utopia como forma de exploração de novas formas de existência humana e na refutação da condição existente, acreditando que vale a pena lutar pelo que se tem direito. Esse estilo de pensamento é o que Echeverria (1994) chama de ‘ethos barroco’. Santos toma emprestado esse termo para exemplificar essa maneira “excêntrica” como países ibéricos e as colônias latino-americanas “onde o centro de poder era fraco, procurando esconder sua fraqueza através da dramatização da sociabilidade conformista” (SANTOS, 2008, p. 205).

A falta de poder central dá ao barroco a característica de ser aberto e inacabado, dando autonomia às margens e periferias, onde o centro se reproduz como se fosse margem. Santos alerta para o fato de que a América Latina foi colonizada por poderes colonialistas fracos: Portugal e Espanha. Isso propiciou uma criatividade cultural e social altamente codificada e caótica, erudita e popular, oficial e ilegal, gerando uma mestiçagem de práticas sociais que foi

cunhada de um *ethos* cultural típico da América Latina. A característica de barroco com extrema fraqueza de centro é um campo profícuo para a instauração da “imaginação centrífuga, subversiva e blasfema” (SANTOS, 2008, p. 205).

O lado subversivo do barroco funciona como um instrumento de consolidação e de legitimação do poder, uma vez que busca por espaço de criatividade e imaginação que provoquem suspensão e ordem de cânones e que invistam em subjetividades locais, particulares: é o que tentamos fazer ao abordar a literatura de Hélio Serejo. Todavia, o lugar do barroco é momentâneo, efêmero e transitório, e sua temporalidade é a da interrupção que gera sempre espanto e novidade, tirando a característica de acabado, dando vazão ao exercício da liberdade. O barroco é o processo em “processo” da transculturação, sempre no devir, sempre em movimento.

Coerentemente, Santos (2008) toma da pintura barroca duas expressões para ajudar a entender a subjetividade barroca: o *sfumato* e a *mestiçagem*. O *sfumato* “permite à subjetividade barroca criar o próximo e o familiar entre inteligibilidades diferentes, tornando assim os diálogos interculturais possíveis desejáveis” (p. 208). Ou seja, essa técnica propicia novas coerências, novas invenções multiculturais. Já o termo *mestiçagem* é o modo de levar o *sfumato* ao extremo. Enquanto este último desintegra as formas e recupera os fragmentos, a mestiçagem age pela criação de novas formas de sentido, ou seja, ela destrói a lógica dos fragmentos e constrói nova lógica, posto que a América Latina é um terreno fértil para a mestiçagem e para a construção dessa subjetividade barroca.

Registra-se que o *sfumato* e a *mestiçagem* são dois elementos que constituem o que Fernando Ortiz chama de transculturação. Santos (2008) designa *sfumato* à desculturação, mestiçagem à neoculturação e transculturação como “voracidade e o extremismo com que as formas culturais são processadas pela sociabilidade barroca” (p. 209).

O extremismo e a voracidade estão presentes nos conceitos de: antropofagia de Oswald de Andrade, de “festa barroca” (devido a seu caráter emancipatório), de carnavalização. Todos esses conceitos apresentam seu caráter subversivo, de transgressão, de instituição de nova ordem, já que “as receitas cartesianas e capitalistas de pouco servem para a reconstrução de uma personalidade humana com a capacidade e o desejo de emancipação social” (SANTOS, 2008, p. 211). Por fim, a *Nuestra América* atualmente tem condições próprias de se globalizar e oferecer novos elos emancipatórios com a velha *Nuestra América*.

O aspecto contra-hegemônico da *Nuestra América* se fixa na competência de desenvolver uma cultura política transnacional progressista baseada nas seguintes tarefas: identificar as múltiplas articulações locais/globais entre lutas, movimentos e iniciativas;



fomentar embates entre as tendências da globalização hegemônica e contra-hegemônica; promover a autorreflexão interna e externa de maneira que as formas de reconhecimento e redistribuição afixadas dentro dos movimentos espelhe “as formas de redistribuição e reconhecimento que as políticas emancipatórias transnacionais desejam ver implementadas no mundo” (SANTOS, 2008, p. 217).

### 1.2.2 - A diáspora e suas implicações

Sabemos que o fenômeno da diáspora mexe com as questões centro/periferia, e diante da crise de “centralidade” vivida pelo Ocidente, nós, pesquisadores da América Latina contemporânea, temos procurado repensar a questão da identidade, do hibridismo, da mistura. Como afirma Bella Jozef (2005), “a busca de identidade levou à configuração de um *corpus* múltiplo na condição multi e transcultural de uma literatura” (p. 117). Serejo, em sua obra, permite lançarmos esse olhar para aquilo que Jozef aponta, uma vez que o autor, com sua capacidade de ouvir e observar, recolhe nos subtítulos do livro, o acervo da tradição e da cultura desse povo da fronteira do Brasil/Paraguai.

Serejo contempla nas suas obras a diáspora, sobretudo de gaúchos, paraguaios e os indígenas do entorno, como força de trabalho para a exploração ervateira da região de fronteira, como os relatos e registros do próprio autor, uma vez que nasceu e viveu nesse chão, revelando desse modo, a imensa riqueza das vivências de seus habitantes, expostas nas informações detalhadas sobre os usos, os costumes, o trabalho e o lazer dos fronteiriços, contribuindo assim na formação da construção identitária desse povo.

Sabemos que a diáspora é, geralmente, um trauma coletivo de um povo que (in)voluntariamente sai de sua terra de origem para viver em um lugar desconhecido. Esse fenômeno implica deslocamentos, realinhamentos, que geram termos peculiares de estudo. Dentre eles podemos citar: hibridismo, alteridade, identidade, transculturalidade e entre-lugar. Todos esses requisitos estão presentes nas *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008), e em *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008). Maria Aparecida Santilli expressa que:

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (apud ABDALA JR, 2004, p. 293).

Essa afirmação reforça a discussão de “entre-lugar” já levantada por Silviano Santiago (2000, p. 26) como: um lugar de eterno conflito entre civilizador/civilizado, opressor/oprimido, colonizador/colonizado. Ou seja, o “entre-lugar” está “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão e agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão”. É o local do vazio, da clandestinidade. Esse ‘entre-lugar’ é figurado na obra de Serejo, em que novos signos se instauram numa inovação característica da mistura, do híbrido, na construção de uma identidade que surge da miscigenação dos povos: paraguaio/brasileiro/guarani. O “entre-lugar” reconfigura as noções de centro/periferia, desarticula processos entre cópia e simulacro, ou seja, balança pilares antes fixos, fazendo com que apareça porosidade onde não existia, exigindo realinhamentos de pensamentos e comportamentos.

Na obra em análise, *Balaio de Bugre* (SEREJO, 2008), estão representados, em primeiro plano, paraguaios, índios, caboclos, gaudérios e a cultura ligada aos trabalhadores ervateiros. Podemos observar toda essa mistura identitária no conto “Chimarrão”, em que temos a figura do gaúcho já presente em terras mato-grossenses, introduzindo sua cultura às novas terras desbravadas:

O gaúcho ou o mateador inveterado de outros pagos, saúda a madrugada, com a cuia de mate na mão. A velha mãe gaúcha ou o índio gaudério, na roda do amargo bem cevado, entropilham as lendas e causos, ensinando as crianças e aos maiores a vivência passada, o respeito às tradições, o bem-querer aos pagos crioulos e o amor à Pátria (SEREJO, s.d., p. 75-76).

Nesse pequeno trecho já se pode perceber a riqueza multicultural a ser explorada na obra de Hélio Serejo, na qual detectamos ícones relevantes ao nosso estudo como: o gaúcho, o índio, o mate, as lendas, os causos, as tradições. Igualmente, o autor aborda o ciclo da erva-mate, descrevendo os costumes, práticas e histórias que giram no entorno das plantações. Desse modo, o enredo da obra gira dentro desse mundo, do ciclo da erva mate, do folclore, dos mitos e credences da região, e tudo o que é ligado ao povo, à história, cultura, economia e política dessa gente, bem como um pouco de sua fauna e flora.

Encontramos em Stuart Hall (2003, p. 27) uma frase esclarecedora em relação à situação de diáspora: “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Ou seja, das culturas mistas e diaspóricas surgem os híbridos, os múltiplos, que são a lógica cultural da tradução. Segundo Hall, “essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial” (p. 74). Esse é o caso da obra que escolhemos para o estudo, por ser uma literatura de margem, de

fronteira, de um espaço sociocultural denominado América Latina. Esse espaço faz parte de uma “comarca oral”<sup>3</sup>, que marca as narrativas ficcionais latino americanas, nas quais a oralidade sobressai a todo momento. Enquanto os estudos nas academias do Norte valorizam e credibilizam a escrita, a latino americana se debruça aos aspectos da oralidade que são a base primeira das suas narrativas.

### 1.3 - Emancipação do homem comum em *Balaio de bugre* (2008), de Hélio Serejo

O cientificismo e o tecnicismo sempre estiveram presentes na literatura tentando posicionar pessoas e coisas, cada uma no seu lugar, cada uma com sua função. Na época de Platão, por exemplo, o poeta em seu pedestal tinha de adequar o mundo sensível ao inteligível (o mundo das ideias). Platão impunha uma tarefa ao artista, ao poeta, que antes de tudo era política, o que implicava uma adequação da ação a uma concepção de estado, indivíduo, e sociedade. O mundo das ideias tinha que obedecer a normas e a regras de construção; depois tinha que passar pelo crivo dos intelectuais para se consagrar canônico, sem querer adentrar a questão mercadológica. Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano - 1. Artes de fazer* (2003), afirma que foram postas abaixo as ditaduras normativas quando o homem comum assumiu a pena e passou a escrever. Este novo escritor, o homem ordinário, apropriou-se dos códigos, dos objetos, do espaço, e passou a usá-los à sua maneira. Assim como enfrenta a vida à sua maneira, vivendo como é possível, abre seus próprios caminhos, seus próprios recursos no mundo da escrita. HS se apropriou do código escrito porque tinha que fazê-lo para atender a uma demanda de integração ou exclusão. Depois da cultura letrada, houve uma certa recusa à oralidade. Esse trânsito, ou posição de HS se deve ao fato do escritor transitar dois mundos: erudito (escritor neto de coronel, filho de dono de terras, letrado) e popular (apreciador da vida simples, dos causos, etc).

Apoiados em Michel de Certeau (2003) podemos afirmar que Hélio Serejo sabe-fazer e sabe-dizer. Ele sabe fazer arte ao escrever, e na sua arte presenciamos o saber-dizer (que é o relato). Quando relata narrativamente tudo o que via e ouvia, o escritor confia credibilidade à narrativa, tecendo-a com característica de documento, e essa é uma maneira de fazer ciência. Ainda em Certeau, averiguamos que o relato não exprime uma prática, ele faz uma prática, o relato é uma inteligência vivenciada na prática.

---

<sup>3</sup> *La comarca oral* (1992), obra de Carlos Pacheco da qual tratamos no subtítulo 1.6.

A literatura antes concebida pelos escolhidos, pelos homens brilhantes, por iluminados, inspirados pelos deuses e pelas musas, parece percorrer uma travessia e chegar a outro ponto extremo: passa a ser arquitetada pelo homem comum, enfocando o homem ordinário e sua prática cotidiana. A obra *Balaio de bugre* (2008) é escrita por um homem comum “E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 93), enfocando o homem comum, o caboclo, o campesino, e sua alma sertaneja:

A alma cabocla é assim mesmo: sensível como o lírio-da-noite quando as carícias do beijo frio do orvalho, no romper da madrugada. Por ser cabocla, ela tem o cheiro gostoso do sertão. Quando contente, canta naquele doce extravasamento que é o misto da cavatina da patativa apaixonada e do sabiaúna. A alma do poeta canta, hoje. Canta porque está contente. Canta porque se sente feliz. E este canto, de amizade e ternura, é dedicado, carinhosamente, a essa legião valorosa de homens puros de espírito que vêm incentivando o prosador sertanejo, numa demonstração encorajadora de bem-querer e estima (SEREJO, 2008, v. 7, p. 94).

Hélio Serejo enfoca em primeiro plano o homem simples e as coisas simples que o rodeiam: o meio que o circunda, os sentimentos que dele surgem, a irmandade fortalecida do cotidiano do meio rural. O direcionamento de “olhar”, de foco, para esse tipo de obra que o autor produz, tem sido possível graças às possibilidades que a tradição literária, os Estudos Literários e Culturais veem solidificando, e trabalhando em prol de um posicionamento erigido do Sul. O novo paradigma instaurado tem como melhor ser observado e analisado no ensaio “Looking for Orion” (2009) de Laura Izarra, no qual a estudiosa propõe um olhar para a literatura que seja mais abrangente, permitindo a visão do todo, de todos os ângulos, percebendo a Literatura com suas (i)regularidades, suas (contra)tradições, suas invenções, apagamentos, suas memórias, desmemórias.

O olhar *orioniano* permite enxergar a literatura como um lugar novo, que é translocal, onde as diversas concepções e conhecimentos se encontram, se (re)arranjam. Uma (re)organização que permite o homem ordinário ser retratado e ter sua vez como “inspirador” (tal qual deuses e musas), e permite-se voz ao escritor comum, aquele que vive na pele uma *ordinary life*, exibindo sua vida como ela é, na sua simplicidade, sem camuflar seus conflitos e tampouco sua beleza. Somente um escritor ordinário é capaz de “saber/fazer”, *a la* Michel de Certeau (2003), o cotidiano do homem comum porque ele é um deles, vive no meio deles, como eles (assim como HS). Na representação desse mundo à parte, é capaz de demonstrar com supremacia um mundo pelo qual antes não se tinha interesse. No entanto, o retratar da vida cotidiana dos homens simples se sobrepuja de tal maneira, e ganha descomunal força,

uma vez que transfigura na verdade a “vida como ela é” da maioria dos mortais que habitam o planeta Terra.

Seres humanos que são humanos, que sofrem suas mazelas, suas dificuldades, suas lutas, suas conquistas, suas vitórias, e fazem a vida acontecer sem grandes feitos, sem fabulosas conquistas - além-mar, sem grandes colonizações. Esse homem comum existe em todos os cantos do planeta e passa a ser representado em todo o seu (des)encanto e semelhante brilho da sua “simplicidade”. Logo, passa a ocupar o lugar das musas inspiradoras. Com a instituição do que chamamos olhar *orioniano*, passa-se a observar as periferias do mundo onde os homens ordinários habitam, e se começa a dar atenção aos que nunca tiveram valor ou potencial discursivo (a exemplo de HS e, sobretudo, dos homens que retrata).

Ao permitir voz à periferia do mundo, ao permitir que esse cidadão da margem fale e, acima de tudo, seja ouvido, ecoa alto uma nova perspectiva nunca proferida. A voz sempre foi originária do Norte. Eles proferiam pelos do Sul. O Sul nunca falou por si; conforme postula Boaventura de Souza Santos (2008). Esse autor levanta a bandeira ‘da fala pelo Sul’, de uma teorização pelo Sul, da construção de um novo paradigma – contra-hegemônico – frente ao poderio e força do Norte. Nessa perspectiva contra-hegemônica, a América Latina tem muito a falar, tem muito a mostrar. Apesar de anos e anos vivendo sob o estigma de “colonizados”, oprimidos, massacrados, a literatura mostra que, como fênix, renascemos das cinzas, fizemos a nossa história, criamos os nossos próprios mártires, sublimamos a vida cotidiana do homem ordinário, do homem comum e transcendemos a um novo nível: da emancipação.

O falar do Sul faz ecoar o grito dos que se sublimaram e que a seu modo sobreviveram dignamente a todas as lutas e intempéries. A ênfase a esse aspecto do homem comum e ordinário que se sublimou, liga-se a todos os homens que em todos os cantos do planeta o fizeram. É uma característica que não é local, que não é periférica, que não ocorre apenas no Sul, mas que se encontra também nos *borderlands* do Norte.

O paradigma da contra-hegemonia não quer provar a superioridade do Sul sobre o Norte. Não coloca o Sul como aqueles que sofreram com o estigma dos que um dia foram subjugados. Mas, um paradigma erigido do Sul propõe a visão dos homens como iguais, que devem ser encarados em pé de igualdade de direitos e deveres, ou seja, a possibilidade de enaltecimento global de um novo *locus* de enunciação que não o propagado pelas academias anglo-americanas.

Queremos demonstrar que o autor, na fronteira do Brasil/Paraguai, no Estado do Mato Grosso do Sul, nessa fronteira longínqua pertencente à América Latina, foi capaz de “saber-fazer”, como diz Certeau, a retratação fiel e simples do homem comum. Colocou o *ordinary*

*man* como personagem principal das suas narrativas. Usou de sua experiência de bom observador para registrar nas suas narrativas a vida cotidiana do peão ervateiro, do homem simples, do guerreiro do dia-a-dia, do sobrevivente dos territórios ermos.

Através da literatura de HS, da sua narrativa, somos capazes de interconectar a universalidade da experiência humana aos mais diversos rincões da terra. A partir das obras desse escritor, somos capazes de demonstrar a invenção da nossa própria história. Uma invenção que irá apagar a história de subordinação à qual fomos subjugados. A narrativa de Serejo registra a sua consciência observadora, o lugar, os fragmentos dos seus saberes, o exponencial leitor da vida, das coisas simples e charruas.

#### **1.4 - Um local “glocal” – Um espaço translocal**

Os Estudos Culturais nos ajudam a entender que no local existe sempre um pouco do universal, e o universal tem sempre um pouco do local, já que entende as fronteiras como abertas, entende o local como um espaço que está sempre em constante troca e transformação. O local do qual tratamos então, a fronteira do Brasil/Paraguai/Bolívia, é um espaço no qual essas três nações transitam continuamente, faz surgir uma cultura que é híbrida por ser fronteira, mesclada por natureza.

Néstor Garcia Canclini (1995, p. 85) explicita com clareza o “glocal”, o movimento global e local implicando novas identidades, híbridas, misturadas. Mato Grosso do Sul é um exemplo do “glocal” de Canclini. É um espaço “geo-histórico”, “heterogêneo”, em fluidez constante, o local da diversidade. Ainda em Canclini (2008, p. 286), observamos que apesar de existir um processo de homogeneização globalizante, este não anula a cultura local/regional. Esses aspectos serão percebidos por nós na obra de HS.

O pesquisador sul-mato-grossense, Edgar César Nolasco nos ajuda a pensar essa questão glocal na nossa região:

Pensar especificamente o Mato Grosso do Sul, por sua condição de cultura fronteira e híbrida, que desencadeia todo um processo transculturador entre as culturas, ao mesmo tempo em que hibridiza a(s) identidade (s) local, poderíamos, apressadamente, concluir que não haveriam mais traços, resíduos sequer das identidades originais: se, por outro lado, há um consenso que tais identidades originais não existem mais, por outro, ninguém pode negar que seus traços, ou resíduos, ou marcas culturais identitárias, sobrevivem dentro do porongo, do arquivo, ou do imaginário cultural do próprio local. (NOLASCO, 2010, p. 13)

Percebemos que uma cultura local está sempre sofrendo constante processo de trocas, de interpenetrações. No entanto, permanece sempre um resquício da cor local, de um universo cultural próprio, mantendo algo de local característico. Na obra de HS fica visível todos esses processos, já que o escritor “transitou” em diferentes universos, registrou os contatos e as mudanças advindas desse contato.

Ao comprarmos a ideia de revolução partindo do Sul (SANTOS, 2008), aquela que pelo paradigma da contra-hegemonia garante a virada do Sul sobre o Norte, garantimos uma mudança de paradigma que permite ao sujeito do país colonizado dar contribuições inovadoras para os estudos pós-coloniais, uma vez que, pela primeira vez, garante-se à ‘vítima’ ter o direito a falar e dar um basta ao Norte por sempre falar em seu nome. Essas questões já foram por nós abordadas na leitura de *Planetas sem bocas* - Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura (2006), de Hugo Achugar, e fazem parte das nossas argumentações na obra de Serejo. Não há mais como se afirmar na atualidade que se vive na periferia do mundo, já que não existem mais centros e periferias demarcados na essência, uma vez que há periferia da periferia e o centro já não é mais reconhecido como tal, visto que as periferias o ocupam. Logo, o que é periferia e o que é centro hoje? Na literatura, o estigma de fronteiras e separações cai por terra. Desse modo, podemos e temos o direito de falar do Sul, de teorizar a partir do Sul.

O fenômeno da Glocalização<sup>4</sup>, assim como a globalização política e monetária, afeta o local. Na obra de Serejo, detectamos os efeitos que a comercialização de um produto denominado “o ouro verde”, a erva mate, tiveram na região da fronteira Brasil/Paraguai. Ganhos e perdas que atingiram o local relatado por HS. Para dar conta da exportação de erva de primeira qualidade para o exterior, atravessaram a fronteira os *experts* em extração da erva, os paraguaios. A companhia Erva Mate Laranjeira figura por alguns como a responsável por trazer progresso para a região devido à sua atividade comercial. Outros a apontam como aquela que veio para usurpar, extrair o nosso “ouro verde”.

Em Serejo encontramos ambas as posições como já apresentamos na descrição do Capítulo II deste trabalho. A narrativa serejiana permite essa identificação do local afetado pelo global, a partir do momento que a extração da erva era para atender a um mercado internacional de consumo exigente. É possível detectar, por exemplo, que havia uma briga de competitividade para superar a qualidade da erva produzida por vizinhos como a Argentina. A produção, a extração de uma erva melhor era o objetivo para que se alcançasse uma melhor

---

<sup>4</sup> Trata-se de um regime de fazer teórico, de um universalismo que alguns autores, para evitarem o problema dos universais, preferem designar como *glocalização* (globalização + localização).

posição mercadológica do produto brasileiro. Na obra de HS percebemos um local que é sim afetado pela viabilidade econômica da erva, no entanto, notamos um lugar que procura manter suas características, que não se “macdonaldiza”. Em suas narrativas, vislumbramos uma região que por ser fronteira é um local sempre em transformação, um lugar de seres díspares, de mistura de gente. No entanto, mesmo sendo esse local miscigenado, consegue manter suas características. Esse local é um exemplo de que somos um povo mestiço. Nossa característica não é monolítica, não é do Norte. Esse lugar é o exemplo de uma América que é mestiça, à semelhança da *Nuestra América* apresentada por Boaventura (2008), uma América mestiça que é o nosso lugar, e é o lugar retratado nas obras de HS, com os homens comuns que transitam em suas narrativas. Nelas, muitos são os personagens representativos dessas características híbridas, mistas, a título de exemplo o próprio Serejo que se afirma “bugre legítimo com arremedos de homem civilizado” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 93), ou ainda o carpinteiro paraguaio, o paraguaio peão do erval, e tantos outros no balaio de Serejo. À ideologia de Izarra (2009), a tessitura da literatura de HS é o lugar “translocal” onde passeia uma enorme gama de indivíduos translocais.

### 1.5 - Mestiça cor

Nem sempre a incerteza e o aleatório são levados em conta pelo historiador. No entanto, o papel deles é essencial em situações como a descoberta da América, em que mundo que tudo separava encontram-se brutalmente confrontados. É a presença do aleatório e da incerteza que confere às mestiçagens seu caráter impalpável e paralisa nossos esforços de compreensão (GRUZINKY, 2001, p. 61).

Serge Gruzinsky inicia *O pensamento mestiço* (2001) descrevendo uma cena no Novo México, em 1896, que exibia a mistura de povos, bem como das suas respectivas culturas naquele local: índias europeizadas, vestidas como campesinas espanholas, depositando sua fervorosa fé ante os santos do altar barroco. A cena é a comprovação, já naquela época, da contaminação que o “contato” entre povos provoca nas crenças, nos hábitos e costumes de um povo. É a prova da contaminação de elementos europeus na cultura primitiva e, conseqüentemente, a origem de uma cultura “mestiça”, decorrente do processo de colonização, resistências e mestiçagens.

Mais recentemente é o advento da globalização que faz proliferar novas misturas de culturas no mundo, acelerando as trocas. No entanto, ao se associar mestiçagem, uniformização e globalização tende-se a transformar objetos em mercadorias; a impor uma matriz universal; há uma tentativa de uniformização do mundo. Essa construção é forçada, é



artificial, já que na mistura de culturas encontramos situações diversas, fenômenos díspares: tanto misturas como rejeições. A realidade mesclada reside na ambiguidade e na ambivalência, na oscilação entre as culturas, na complexidade e no confronto de dois mundos. Mundos miscigenados, feito de elementos que se associam e por outros que se opõem, formando identidades múltiplas e em constante metamorfose.

Sob o emblema “salvar almas”, fomos colonizados à força, sob o signo do caos. Fomos forçados a uma mestiçagem por contaminações e interferências diante de um verniz estipulado como exótico. Associam fenômenos e elementos que, em princípio, nada deveriam aproximar, já que ativam circulações e intercâmbios, deslocamentos e invasões não naturais. No entanto, resumir a colonização da América ao dialogismo ‘europeu-mau’ *versus* ‘índio bom selvagem’ empobrece a história dessa civilização, já que nos espaços *in between* colonizados surgem novos modos de pensamento partindo da dupla herança, fazendo nascer uma terceira margem, um terceiro espaço com um deslocar infinito de possibilidades, até chegar ao fenômeno que conhecemos como multiculturalismo, no qual não questionamos mais ou em demasia os verdadeiros culpados e reais oprimidos, visto que todos nós somos, nesse espaço plural, frutos da ambição humana.

O termo multiculturalismo ficou generalizado ao modo de designar as diferenças culturais no contexto transnacional/global e tem sido muito usado para expressar condições latino-americanas, pois como afirma Gruzinsky (2001, p. 53), “cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos”, já que sofremos transformações advindas de interações múltiplas com outros indivíduos.

Os termos identidade e cultura costumam ser tratados através de clichês e estereótipos que decorrem de modos de pensar profundamente arraigados, levando a evocar uma América Barroca de realidade homogênea e coerente, em detrimento de evocar a história da mestiçagem. Privilegia-se a história do ocidente ao restante do mundo. No entanto, os estudos pós-coloniais surgem para lembrar que “as misturas planetárias que invadem nosso cotidiano nos lembram que não estamos sozinhos no mundo das ideias e que certamente o ocidental não é mais o universal” (GRUZINSKY, 2001, p. 56). O sentido do verbete “universal” se refere a algo que não pode mais ser aceito como único. O híbrido é produto de movimentação, da não estabilidade das coisas, é o resultante de um universo de uniões e enfrentamentos. O fenômeno da hibridação leva à mestiçagem devido ao alargamento dos horizontes. “A mestiçagem se dá em materiais derivados, numa sociedade colonial que se nutre de

fragmentos importados, crenças truncadas, conceitos descontextualizados e, volta e meia, mal assimilados, improvisos e ajustes nem sempre bem-sucedidos” (GRUZINSKY, 2001, p. 196).

Na verdade, o alargamento desses horizontes vai além, atingindo, inclusive, a biologia, penetrando a antropologia, a ciência. Todavia, a mestiçagem não é apenas isso. Não é a polaridade entre homogêneo e heterogêneo, mas é sim “uma terceira via entre a fusão totalizadora do homogêneo e a fragmentação diferencialista do heterogêneo” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 8). A mestiçagem é um fenômeno complexo, já que não implica apenas fusão, coesão e osmose, mas, além disso, implica confrontação e diálogo. Ela não ocorre tranquilamente e sim é permeada por embates, por diversificação e contínua evolução que requer ausência de regras, já que “cada mestiçagem é única, particular e traça seu próprio futuro” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 10). O resultado do encontro é sempre desconhecido uma vez que a característica do fenômeno é a constante transformação.

Encontramos, na História do Mediterrâneo, o primeiro incentivador do pensamento mestiço, Alexandre o Grande, que acreditava que diferentes povos deveriam fundir-se numa mesma unidade. Os lugares de miscigenação por excelência eram as grandes cidades, seus mercados e praças públicas, profícuos locais onde ocorriam trocas, aceitações e recusas. Até mesmo o mar Mediterrâneo serve como exemplo do movimento de vai-e-vem, dos fluxos e refluxos, via que propiciou essas relações de entrecruzamentos.

É característica da mestiçagem a curiosidade pelo outro. Povos diferentes trazem e levam algo. Aprendem e trocam. No entanto, por muitas vezes, nos esquecemos da origem do que adquirimos e tomamos aquilo como nosso. A identidade cultural de um povo é exatamente construída em misturas e cruzamentos de memórias, e também de esquecimentos. Esse processo de empréstimos e apagamentos acaba formulando nossos universalismos e particularismos, em rearticulações sem fim. Desse modo, não há como conceber aceitação de purismos, já que nos formatamos todos híbridos, em constante processo osmótico. O Brasil é um microcosmo dessa fusão, de exemplo dessa mistura.

A América Latina, por sua vez, se abre à mestiçagem quando Dona Maria toma por amante um indígena (CORTÉS in LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 25). Aqui nestas terras a mestiçagem não se deu de forma festiva e agradável, mas de modo conflituoso e doloroso. Laplantine e Nouss apontam em nós, latino-americanos, a capacidade de sermos: “ocidentais e não-ocidentais, intelectuais e sensuais, modernos e tradicionais, ateus e religiosos, cristãos e

pagãos, racionais e sentimentais, críticos e líricos” (Ibidem, p. 32). Eles se referem a nós como à imagem e semelhança do nosso anti-herói Macunaíma<sup>5</sup>.

Se Alexandre, o Grande, foi o primeiro incentivador do pensamento mestiço, a Torre de Babel se vale como o mito da mestiçagem linguística. As línguas passaram a ser marcas de fronteiras, assim como as fronteiras geográficas. Laplantine e Nouss (2002, p. 36) dividem em três os modelos de língua franca: as que conquistaram esse estatuto através de jogo de poder político ou cultural (grego, latim, árabe, francês, inglês); as línguas artificiais, racional e ideologicamente construídas (*volapuk*, esperanto); as *pidgins* e crioulas. Essa última foi criada por modificações e variações do encontro com outros idiomas. “Quando um pidgin, língua de recurso, usado ocasionalmente entre falantes de línguas diferentes, se torna língua materna adquire o estatuto de crioulo” (idem, p. 37).

O crioulo é composto por inúmeras tensões de oralidade e escrita, meio rural e urbano, classes cultas e populares, arcaísmos e modernização. “A criouliização torna-se mesmo uma atitude que ultrapassa as particularidades etnolinguísticas para entender o universal” (idem, p. 38). Essa estética livre e liberta faz com que Eduard Glissant (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 39) defina a identidade como um rizoma, não de raiz única, mas como uma raiz que vai ao encontro de outras. Como o crioulo, por tradução, provoca metamorfoses que surgem da subordinação identitária. O fenômeno da tradução requer noções de equivalência e fidelidade, ou seja, a não traição do original. Todavia, é fato que “traduzir é trair”, já que uma tradução implica outro texto. Sabedores de que é da natureza da língua e da cultura ser polissêmica, preferimos pensar em tradução como diálogo entre as línguas, como uma ponte que liga um universo a outro. Desse modo, traduzir é dialogar com outros saberes que nos são estranhos. Tradução é aproximação, é diálogo, é política.

Por ser um evento que está sempre a se fazer, no devir, em transformação, a mestiçagem, ao longo da sua trajetória, exhibe diferentes configurações culturais. Uma característica da qual nos valem para este trabalho é que o barroco é uma segunda pele da mestiçagem, isso porque “na estética barroca, qualquer elemento procura extravasar os seus limites, tendendo para o encontro com um outro, numa dinâmica constante de descentramento, expansão e transformação” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 51). Desse modo, entendemos que nada é puro e que neste mundo todas as coisas “estão misturadas e

---

<sup>5</sup> Macunaíma (1928), obra de Mário de Andrade, considerado um dos grandes romances modernistas do Brasil, do qual a personagem-título, um herói sem nenhum caráter (anti-herói), é um índio que representa o povo brasileiro. A obra representa o multi-culturalismo brasileiro.

diluídas nos seus contrários” (idem, p. 71) e a mestiçagem é o reconhecimento desse ser que se faz multi, plural no seu devir.

Queremos destacar e deixar claro que o pensamento mestiço é um pensamento de mediação, já que se faz nos intervalos, nos interstícios de cruzamentos e trocas. A mestiçagem é o processo, não o fim. O tempo da mestiçagem é o presente continuamente renovado, é a temporalidade do devir e o devir é imprevisível “o devir nunca se adivinha: esta é a dinâmica, vibrante e frágil, da mestiçagem” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 119).

Do pensamento mestiço, assim como cremos tê-lo bem definido, subjaz uma ética mestiça, uma filosofia mestiça, uma arte mestiça, uma escrita mestiça. Da ética mestiça, requer-se um orgulho da mestiçagem assentada nas suas origens, cabendo “à memória garantir que na aliança ou ligações mestiças, nenhum dos componentes seja dominante ou se dissolva no processo” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 115), espera-se que cada elemento conserve sua identidade, mas que ao mesmo tempo se abra ao outro.

## 1.6 – Comarca Oral

La letra se subordina al espíritu, la escritura a la oralidade. (Martin Lienhard, 1990)

Antonio Cornejo Polar considera o “Dialogo de Cajamarca”<sup>6</sup>, o marco do conflito entre oralidade e escrita na América Latina. O episódio foi o início de um longo processo de opressão pelo qual passou o continente do qual fazemos parte. As tensões e enfrentamentos devido ao processo de colonização vividos pela América Latina resultaram em um modelo diferente do vivido pela Europa. O embate de culturas resultou em heterogeneidade e multiplicidade, ou seja, o que somos hoje, uma cultura dialogante advinda do choque entre a letrada/culta e a oral, de origem popular.

O resultado do que somos e produzimos hoje não é abarcável por uma teoria de construção hegemônica. Muito pelo contrário. O que produzimos se construiu em oposição a regras outras. Daí a crescente busca, nos últimos 30 anos, por uma teoria que dê conta da produção latino americana.

Uma diferença substancial entre a literatura europeia e da produzida por nós é que a outra tem força na escrita, a nossa tem base predominantemente na oralidade. E por assim ser, foi relegada! Deveria ser esquecida!

---

<sup>6</sup> Episódio ocorrido em 1532, no Peru, no qual os espanhóis obrigaram o povo Inca a abandonar o culto ao sol e passem a se submeterem ao papa e ao rei da Espanha.

Por muito tempo a academia refutou estudos da oralidade, concebendo o tema como menor e não tratável. No entanto, a necessidade de uma pertença, comuna, comarca, fez com que mais e mais estudos sobre a oralidade viessem à tona, a fim de constituir-nos como uma cultura basilarmente originada da oralidade, a qual realmente pertencemos.

Os supostos “donos da literatura escrita” se esquecem de que as composições que temos hoje creditadas a Homero, foram, na sua primeva, oralidade. E somente depois de algum tempo foram “rememoradas” e transcritas. As provas da oralidade dos textos de Homero eh largamente difundida pelos estudiosos da oralidade atuais (Milman Perry, Eric Havelock, Albert Lord, Walter Ong, Ruth Finnegan, etc). A título de exemplo: o coro era a voz do povo; o metro era medida espacial de marcação no palco, e outros.

As pesquisas dos estudiosos citados no parágrafo acima ajudam Carlos Pacheco a definir o que chama de *A comarca oral* (1992) , ainda sem tradução para o português. Pacheco, baseado nos trabalhos destes autores, tenta dar conta de compreender mais amplamente o fenômeno da oralidade na América Latina.

Devido ao fato da difusão e propagação exponencial da escrita, o oral foi posto em descrédito. O trabalho de revalorização do oral se deu embasado na coleta de resíduos da oralidade presente no texto escrito. As primeiras tentativas foram verdadeiros processos de “escavação” quase que arqueológica de resíduos, resquícios, do oral. Residual de oralidade é o que se encontra nos textos pertencentes à latino américa, e por este motivo, Carlos Pacheco se aprofunda no estudo que denomina uma “comarca oral latino-americana”. A oralidade está na raiz de toda a narração, de toda comunicação humana, e no texto escrito, ela permanece presente mesmo que de maneira residual.

Segundo Pacheco, a escrita sempre foi usada como instrumento de supremacia política e sociocultural da hegemonia europeia. A colonização nos forçou ao esquecimento de uma oralidade que sempre nos foi própria e natural. As comunidades latino americanas tem a sua origem num código cultural predominantemente oral. O processo de colonização ao qual fomos submetidos não conseguiram apagar de todo a matriz oral da qual nossa cultura foi constituída. Desse modo, a oralidade pode ser entendida como uma espécie de indicador, caracterizador cultural de suma importância para a compreensão das sociedades latino-americanas. A questão da oralidade interessa muito aos estudiosos de representação ficcional, já que esta traz consigo problemas da transição de uma cultura oral para uma letrada. Citemos alguns exemplos de estudos nesse caso: Emmanuel Obiechina em escritores como Chinua Achebe, Gabriel Okara; Kenneth Ramchand estudando V.S. Naipaul, Jamaica Kingcaid;

trabalhos de Angel Rama, Martin Lienhard, Willian Rowe com escritores como Arguedas e Rulfo; no Brasil, Teresinha Souto Ward com Guimarães Rosa.

Estudos como os citamos logo acima, descreveram características de uma cultura predominantemente oral nas narrativas analisadas, ou seja, foram percebidos nos textos estratégias narrativas pertencentes à oralidade, com isso evidenciou-se um “modo de fazer”, a invenção da ficcionalização da oralidade nas obras. Esses estudos acabam por marcar uma comarca oral. Jose Maria Arguedas, Augusto Roa Bastos, Guimarães Rosa, e por que não, Hélio Serejo, são exemplos de escritores que ficcionalizaram a oralidade nas suas narrativas de modo a contribuir para a constituição da comarca oral latino americana. A representação ficcional de uma realidade local/regional tem sido uma tradição nas letras latino americanas. *Grande sertão: veredas*, pode ser lida como a representação mimética do falar oral popular. Hélio Serejo oferece personagens semelhantes a Riobaldo de Rosa. Serejo na sua diegese apresenta personagens portadores e manifestantes de uma memória pertencente a uma determinada comunidade, oferece personagens transmissores de valores culturais guaranis, paraguaios, e da mistura desses povos.

Numa cultura predominantemente oral, o discurso tem valor de documento. Segundo Carlos Pacheco (1992, p. 122), através da ficcionalização de um discurso oral popular, somos capazes de re/conhecemos e nos aproximarmos das perspectivas, dos modos de pensamento e de expressão, dos elementos do imaginário, característicos das culturas rurais, internas, da América Latina. Como já mencionamos, Rosa, Rulfo, Roa Bastos, são exemplos. Nesses escritores, vê-se a importância da oralidade popular como marca cultural e estrutural das sociedades rurais latino-americanas. Neles vemos o uso da escrita como evocação à oralidade.

### **1.7 - Literatura e História: Aproximação**

Peter Burke, na organização da obra *A escrita da história – novas perspectivas* (1992), na abertura intitulada “Nova história, seu passado e seu futuro”, trata da fragmentação que a história teve em subgrupos, para dar conta de suas especialidades. Essa expansão evoluiu a ponto de clamar por reformulações, e essas vieram através do que Burke chama de “nova história”, termo que surgiu com a publicação da coleção de ensaios editados por Jacques Le Goff, *La nouvelle histoire*, de 1978, associado à Escola dos Anais, com o objetivo de solucionar os novos problemas, as novas abordagens, e novos objetos da história. A nova história foi, na verdade, uma reação deliberada contra os parâmetros tradicionais da velha história, passando a se interessar por todo tipo de atividade humana. Desse modo, a nova

história passou a ser construída social e culturalmente, e essa construção teve que tratar de problemas sem fim, como os de definição, fontes, explicação, síntese e outros, dos quais não vamos nos prolongar aqui. No entanto, há de se registrar que as mudanças foram necessárias, não para o renascimento de uma nova história, mas para a regeneração e as novas adaptações, que se tornaram imprescindíveis nesse novo momento.

A frase epígrafe: “*A História é uma ficção controlada*”, de Agustina Bessa Luís, figura na abertura do sumário “O mundo feito texto”, da obra *Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura* (2000), organizado por Edgar Salvadori de Decca e Ria Lamaire. Com a indagação: “Existe a possibilidade de se ler história como literatura, e ver na literatura uma história que se escreve?”, discutem-se esses dois seguimentos, que antes eram considerados distintos: Literatura e História, e que hoje em dia são possibilitados via pressupostos formulados por críticos como Michel de Certeau, Paul Ricoeur e Hayden White. Estes pesquisadores tornaram possível o estudo da interação e interpenetração de processos sociais e simbólicos, ou seja, o estudo dos laços entre o discurso histórico e o literário, mediante dois pressupostos básicos: há uma distinção entre o passado real e concreto e a historiografia, que é uma narrativa construída pelo historiador, uma vez que é considerada a recriação plausível de um fato, de um dado, de uma dada época. A transcrição do fato aproxima historiador e escritor; os fatos passados recuperados via documento já não são o fato bruto, mas a representação do fato passado, desse modo, é muito difícil resgatar a sua imanência.

Em linhas gerais, isso implica a quebra de um estigma de documento/fato/verdade/história, no oposto à ficção/imaginário/literatura. A desradicalização desses opostos legitimam que a construção da narrativa histórica se aproxima da narração literária, já que ambas pressupõem estratégias de organização da realidade, na busca de coerência pautada nas relações humanas e acontecimentos. De acordo com Ria Lamaire e Decca:

[...] ao construir ou decifrar uma intriga, ao articular um discurso que se constrói fora da experiência vivida, a historiografia transforma o passado em hipótese sobre o que aconteceu no passado. A história sendo representação do real, constrói, como a literatura [...] (DECCA; LAMAIRE, 2000, p. 11).

A estudiosa aponta para o fato de tanto a literatura como a história reconfigurarem o passado. A última, uma reconfiguração “autorizada”, e a primeira, sem tanto compromisso com as fontes. Outro ponto de distinção seria a questão da recepção, na qual o leitor da literatura busca por aproximação e identificação com o texto. Já na história, presumir-se-ia maior distância do discurso do historiador, uma vez que esse tipo de leitura não permitiria

influências por requerer para si o estatuto de legitimidade.

Luis Costa Lima, na obra *História. Ficção. Literatura* (2006) trata da elasticidade/imprecisão do termo Literatura. Mesmo sem pretensão de chegar ao final desse longo processo, dá uma contribuição importante para o entendimento da fusão da narrativa histórica com a literária, é o que denomina de “formas híbridas”. Segundo ele, as memórias são narrativas tanto históricas como literárias, o que constitui uma narrativa híbrida, ou seja, considera que é ao mesmo tempo literatura e documento e, não é porque é história, que deixa de ser obra de arte. Lima traz como exemplo de literatura híbrida a obra *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

A obra *Cultura escrita, Literatura e História* (2001), de Roger Chartier, apresenta, no seu epílogo, diálogos entre ele (Chartier), Antonio Saborit, Carlos Aguirre, Daniel Goldin, que giram em torno da história das práticas culturais, no qual o diálogo, os deslocamentos, a micro e a macroantropologia, a história entre narração e o conhecimento, a construção de sentido, a história, falsificação e ficção, estilos historiográficos, ilusão autobiográficas são tratados. De todas as reflexões levantadas, uma das quais mais importa para nós é a questão da reflexão sobre o conceito de representação feita por Louis Marin, semiólogo e historiador da literatura. Segundo ele, existem duas dimensões da representação: a que representa algo, e a que se dá representada por algo. Assim, permite-se inferir que a história descrita através de narração se utiliza de figuras e de representação de um fragmento do passado, que é não mais o fato real em si, mas a representação deste, que muito se aproxima do recurso memorialístico. Chartier não nega o interesse dos relatos autobiográficos como documento histórico, e podemos usar desse argumento para apontar o fato de que, na escrita de Serejo, muito relato pessoal é percebido. O autor, em muitas de suas obras, se faz autor/narrador/personagem de um tempo ou espaço ao qual pertenceu, gerando um tom memorialístico, foco maior dessa nossa pesquisa: a aproximação entre a narrativa histórica e a literária.

Portanto, percebemos que a Literatura e a História seguem ao mesmo tempo caminhos diversos e paralelos. Ambas materializam uma memória social que é uma representação que se socializa em narrações, discursos e memórias, fazendo verossimilhança, dando credibilidade às palavras, ajudando na construção dos processos históricos/político/social na definição das identidades.

Logo, na esteira desses contextos todos, retratar os ervais é retratar um pouco da história do Mato Grosso do Sul, Hélio Serejo deixou registrado nas suas narrativas (contos, causos, crônicas, relato histórico, comentários, poesias, folclore, crítica literária, provérbios,



orações, crendices, ditos populares, palestras, verbetes sobre hábitos, alimentação, superstições) muito do que é a história deste povo, deste chão, deste lugar, desta região fronteiriça que cobre as terras sobre as quais se travou a Guerra do Paraguai. Todos esses aspectos ajudam a compor um estudo da comarca oral latino americana como acredita Carlos Pacheco, já que são compostos basilarmente da oralidade, da cultura oral da qual somos formados. De acordo com Carlos Pacheco (1992, p. 60) a maior parte da narrativa latino americana se propõe a ficcionalizar sociedades e culturas tradicionais das regiões internas através da exploração, apropriação e elaboração estéticas de uma de suas peculiaridades culturais. Este é o caso de Hélio Serejo e de sua narrativa.

### **1.8 - Arquivo público na obra de Hélio Serejo**

Como já foi argumentado neste estudo, não há como negar a aproximação entre a literatura e história, devido ao fato de ambas serem sustentadas pela linguagem verbal que é a narrativa, técnica da qual as duas se valem na composição de seus discursos. Quando pensamos a literatura como um produto que é estrato da vida social, à narrativa pode se dar o *status* de “documento”. Ao reconhecer a narrativa como documento, podemos tomar obras tanto de cunho autobiográfico e memorialísticos, como arquivos impregnados de depoimentos, testemunhos de registros da história, dos costumes, da cultura de uma região. Como também já enfatizamos, com base em Maurice Halbwachs (1990), quando contamos uma história particular, contamos, automaticamente, a história coletiva, já que necessitamos de lembranças advindas de outros para construirmos conjuntamente, por lembranças interconectadas, a memória. Assim, os testemunhos dos demais servem para reforçar, enfraquecer e completar as informações que não temos.

Nas obras de Hélio Serejo, encontramos muito relato pessoal e notamos a combinação de autor/narrador/personagem que registra um tempo e um espaço aos quais o escritor pertenceu. A reedição das *Obras completas de Hélio Serejo* (2008) de Serejo oferece aos estudiosos de literatura e história um reservatório composto por arquivos representativos da memória da região fronteiriça Brasil/Paraguai. Das sessenta obras que compõem as *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008), nos deteremos em algumas delas, para oferecer dados que exemplifiquem o resgate de um arquivo público-coletivo.

### 1.9 - Memória/arquivo oficial *versus* memória/arquivo público

Hugo Achugar, em *Planetas sem boca* - Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura (2006, p. 156-7), nos conclama a fazer uma reformulação do nacional partindo da diversidade, repensando a nação nos tempos de regionalização (pós-nacionais). Sob este julgo, a primeira tradição a ser repensada seria a nação como homogênea. Isso, já sabemos que não o é! Em segundo plano, seria considerar a literatura (como já fazem os novos historiadores), privilegiando a narrativa literária como representativa de um sujeito histórico coletivo, como um documento, arquivo, monumento, fonte de pesquisa. Ou seja, por meio da obra literária, resgatar e construir uma nova história, uma nova origem, que não formulada oficial ou oficiosamente, mas resgatada através da visão público-coletiva. A obra de Hélio Serejo nos permite esse novo olhar, já que permite a voz ao homem comum. Ele nos oferece como fonte/arquivo a verdade do sujeito que não é a oficial, mas um indivíduo que é público, pois emerge do coletivo. HS oferece um arquivo/memória que não é o oficial, construído a partir de negociações de memória e esquecimento.

Walter Mignolo, em seus estudos, nos garante a produção de conhecimento através da recuperação das nossas histórias locais (ACHUGAR, 2006, p. 28-9). Acreditando que histórias locais não são necessariamente as mesmas nos *borderlands*, nos *frontiers* do mundo, as histórias locais não se equivalem. Ainda citando Mignolo, sejam “‘pré ou pós’, as ‘histórias locais’, como todo relato, pressupõem heróis e vilões, origens e fins, “nós” e conflitos, estratégias e modelos narrativos” (op. cit., p. 30). Essa assertiva nos leva a outro ponto crucial em nossa pesquisa: a questão da memória/arquivo oficial *versus* memória/arquivo público, que exige uma abertura de tema à parte.

É de conhecimento comum que a teoria das origens sempre foi um verdadeiro campo de guerra, pois, ao situar de que lado se fala, estabelece-se a construção, a invenção e o apagamento, de acordo com o *locus* enunciativo instituído. Ou seja, heranças podem ser refutadas, tradições podem ser mudadas, memórias podem ser esquecidas e outras criadas, servindo aos interesses dos que contam, dos que retomam as origens, enfim essas todas encontram-se em diálogo. A escolha/seleção do esquecimento/memória de um historiador/relator/escritor influencia na memória democrática de história coletiva, já que, por exemplo, ao contar uma história do lado de um dono de ranchada, é muito diferente do fato de contá-la do lado do peão do erval. Assim posto, o relatar dos “grandes homens” é diferente do relatar da “minoria”. Isso acaba pressupondo a exclusão do poder de discurso de um sujeito em favorecimento do discurso de outro. Pensando desse modo, uma memória democrática,

uma memória nacional que passa por uma seleção, acaba postulando certa unidade, uma subjetiva relativizada, que acaba por ‘construir’ uma identidade imaginada, fantasiosa. Esta é uma máscara, uma ilusão, uma maquiagem, uma invenção de origens, uma fraude de legitimação. Aos militares e letrados sempre se deu a responsabilidade/dever/função de deixar registradas as memórias de um povo/comunidade, visto que, em geral, eles construíram os arquivos/memórias e, ao fazê-lo, não deram espaço ao discurso dos excluídos e/ou marginalizados. Esses tiveram suas vozes silenciadas. Para resgatar as reais origens de arquivos/memória públicos/coletivo, investigamos o registro literário de HS e, por conseguinte, da minoria a quem ele retrata, visto que, na busca de inspiração criativa, registra-os. HS é neto de coronel e filho de fazendeiro, mesmo sendo de condição financeira abastada, na obra em estudo, o escritor “escolheu” por dar ênfase ao homem simples, condição oposta à qual se encontrava no mundo. Essa foi uma escolha de olhar.

A fim de salvaguardar uma possível democracia na reconstituição mais real possível desse arquivo/memória, é pensá-la não como uma raiz una, mas rizomática, de múltiplas raízes e faceta, para ser negociada sucessiva e reiteradamente. Estudos atuais mostram que um mundo consciente de suas variadas origens tem que efetuar, via memória, a revisão do seu passado por meio de um conjunto articulado de origens ou mitos fundadores rizomáticos de uma única memória coletiva, ou, conforme Achugar (2006, p. 175) postula, “contra-memórias”.

A memória oficial é, reiteramos, a memória do poder, e essa não é igual à memória pública ou coletiva. Isso nos leva a considerar outra questão que já trouxemos à tona: o lugar de onde se formula o conhecimento – arquivo/memória oficial/pública, ou seja, o *locus* da enunciação (quem fala, de onde fala, quando fala, para quem e, acima de tudo, por que e sobre o que se fala). Para Mignolo (1996, p. 181 in ACHUGAR, 2006), há de se perceber o “lugar da memória” como um “espaço geocultural ou simbólico não é suficiente se não se leva em conta a enunciação [...] e, sobretudo, o horizonte ideológico e o horizonte político ou a ‘agenda’ política a partir de onde se constrói a tal enunciação”. Ou seja, precisamos pensar, refletir, questionar, teorizar de um lugar, que Achugar (2006, p. 59) chama de posição geocultural-ideológico-cultural.

Para vencer o tempo e o esquecimento, mergulhemos na narrativa/documento de HS, tomando como chave a objetivação da memória pública registrada por ele, já que, ao fazê-lo, HS honra a memória da comunidade ervateira e oferece outra perspectiva à memória oficial. É nesse âmbito que nós pesquisadores somos capazes de construir, preservar documentos, monumentos que ligam, vinculam um passado a um futuro. Sabedores de que documentar,

monumentalizar é preservar uma memória, é consolidar uma identidade, pois é exatamente isso que encontramos na obra de Hélio Serejo. A contemporaneidade anseia pelo resgate de memórias outras que anteriormente não foram contempladas, ou ainda que foram silenciadas. Há uma angústia pelo desconhecido, pela restauração do passado, pela construção dos “novos” monumentos. Trazer à luz uma memória realmente “coletiva” e não unilateral, como a que nos legaram.

O resgate do arquivo/memória público, com seus reais sujeitos históricos ajuda a compreender a natureza das identidades nacionais e definir melhor a construção do futuro da sociedade latino-americana, por exemplo, o que não é tarefa fácil. A memória/arquivo oficial foi constituída “pela voz dos pais da pátria inscrita em mármore e bronze”, como diz Achugar (2006, p. 240). Ela foi idealizada, e daí a forte necessidade de revê-la por uma nova perspectiva, uma nova maneira de ver na narrativa literária a perspectiva de uma história pública erigida do coletivo, sob um novo olhar, incorporando fenômenos contemporâneos que modificam sobremaneira os relatos oficiais tradicionais. A obra serejiana será nossa fonte. Bebamo-la, então!

## Capítulo II

*...Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas [...] Os ventos do destino, maus e bons, levaram-se a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos [...] Trilhei, no passado distante – vivência, que me incrustou no sensível coração caboclo – muitos ermos e muitas paragens...*

(SEREJO, 2008, v. 7, p. 150-1)

## - O ARQUIVO PÚBLICO NA OBRA DE SEREJO -

Este capítulo apresenta a biografia do escritor Hélio Serejo, para fazer um panorama geral da sua vida. Trata-se também, de forma breve, da história da divisão do Estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tentando fundir a história do escritor à história de um Estado que tem como particularidade ser um espaço de fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia), um local que é “translocal”.

Apresentaremos trechos das *Obras completas Hélio Serejo* (SEREJO, 2008), percebendo a inscrição de um arquivo público-coletivo erigido a partir das narrativas deste escritor que privilegia o homem simples, o homem comum contando suas próprias histórias. A aproximação entre Literatura e História, recentemente encaradas como “irmãs quase gêmeas”, valida esse enfoque. Ao fazer a leitura e entendimento deste capítulo há de se ter em mente que a construção do mesmo se faz enfocando uma compreensão da aproximação entre narrativa literária e histórica (tópicos 1.7), a questão do arquivo público (1.8), bem como a confrontação das visões em oficial e pública (1.9), na narrativa serejiana. Essa visão público coletiva de Serejo já é uma maneira de se vislumbrar uma “voz” que vem da comunidade local, das pessoas comuns que a compõem, dos homens simples que dela fazem parte.

### 2.1 - Hélio Serejo: biografia

Em Nioaque/MS, corruptela originalmente cunhada *anhucac* ou *anhoac* (significando “costela quebrada” na origem guaná da tribo Aruaque), nasceu o menino Hélio Serejo, em 1º de junho do ano de 1912, na fazenda São João. O primeiro destaque da sua árvore genealógica é dado ao Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, de origem maranhense. Avó de HS, lutou na Guerra do Paraguai e, quando esta terminou, instalou-se em Cuiabá. Lá, constituiu família e deu a vida ao segundo destaque da sua linhagem: Francisco Serejo, pai de Hélio, que é assim descrito por Elpídio Reis (1980, p. 41): “um nome que bem serviria para figurar como personagem central de qualquer bom romance, ou até filme, tantas foram as lutas em que se empenhou em toda a sua vida”. Hélio Serejo une-se, em 15 de julho de 1901, à gaúcha Ernestina Batista, e dessa união nasce o índio-vago, cruza-campo, trota-mundo, o “engenheiro lexical”, termo cunhado por Barzotto (2009, p. 2), o fronteiroço, o crioulo, Hélio Serejo.

Quando tinha dois anos, a família muda-se para Ponta Porã/MS. Nessa cidade, o pequenino Hélio inicia sua alfabetização. Aluno muito aplicado, destaca-se em redação e

representação, já dando indícios de sua tendência literato/cultural. Montado no seu petiço Guavira, ia à escola e cumpria pequenas obrigações como ir ao açougue, ao bolicho (armazém), levar recados e outras tarefas do gênero. O seu senso de obrigação no cumprimento desses afazeres fez com que, logo cedo, o guri ganhasse do pai o título de gerente da Torrefação Brasil, de sua propriedade, que fornecia o produto “tipo exportação” ao Exército Paraguai.

À semelhança da multifuncionalidade do pai - o cuiabano se adaptou à vida da fronteira de tal modo que rapidamente passou a falar fluentemente o guarani e, pouco depois, aprendeu também a escrever no idioma. HS, já rapazote, aos 14 anos, exercia com êxito as mais diferentes funções: cozinhava o locro (comida paraguaia feita de milho e carne); comprava o costo (carne para o alimento do peão ervateiro); estocava o armazém de suprimento, auxiliava na monteação (localização das árvores de mate); foi balanceador (pesava o raído, feixe de folhas de erva que o mineiro carrega nas costas); foi mineiro (cortador da folhas de erva mate); trabalhou nos barbaquás (local de secagem da erva); foi overeiro (sapegador da erva); aprendeu atacar (ensacar a erva). Enfim, exerceu todas as funções de um arrieiro (trabalhador dos ervais). Concomitantemente a todas essas atividades, estudava (principalmente Geografia), escrevia, anotava tudo o que via e ouvia, era um pesquisador nato, à semelhança de seu pai.

Chico Serejo – o Tigre dos Ervais – foi dono de fazenda (São João, em Nioaque); proprietário de ranchada ervateira (Ajuricaba-mirim, às margens do rio Ivinhema, em frente ao Estado do Paraná e no Porto Baunilha, margem direita do Rio Paraná); foi agrimensor, comerciante (dono de armazém, vendedor de gado, couros, peles e crina de animais); foi industrial (na torrefação, em fábrica de óleo de laranja azeda nativa destinada ao combustível dos aviões da guerra, que faliu quando a guerra acabou); e foi também um pesquisador incansável que passava as horas livres à luz das lamparinas elaborando o “Dicionário dos Charadistas e Cruzadistas”. Este demorou 30 anos para ser finalizado, em dois volumes, com 2704 páginas ao todo. Por essa volumosa e extensa pesquisa Dom Serejo ganhou notoriedade nacional.

Aos 14 anos, HS passa a escrever para o Jornal “A Folha do Povo”, de Ponta Porã, de propriedade de Aral Moreira, seu incentivador na arte da escrita e, um ano depois, ganha espaço na revista *Boa Nova* do Rio de Janeiro, onde galga mérito e destaque, fazendo com que se abrissem as portas da revista considerada a melhor do país - *Vida Doméstica* - na qual publica o poema “Dor de Palhaço”. A partir daí, aos 18 anos, além do sonho de ser engenheiro para construir pontes, seria também escritor. O desejo de “ser engenheiro para construir

pontes”, de ligar territórios, terras divididas, apartadas, unir partes separadas, seccionadas, proporcionar livre acesso, o encontro, o reencontro, a troca entre duas partes, é transmutado em desejo de criar pontes literárias, sublimado em escrita narrativa poética, fronteiriça, cabocla, crioula, mestiça. “Transliterar”, foi o que HS conseguiu realizar com sua obra:

Hélio Serejo acalentou o sonho de ser engenheiro para construir pontes e unir continentes e povos. Todavia, a vida lhe reservou outra espécie de forma construtiva, a construção por meio das palavras existentes ou inventadas criativamente pelo seu talento literário, passando a ser um construtor das palavras, cuja engenharia lexical fica imortalizada na publicação de dezenas de obras (BARZOTTO, 2009, p. 2).

O sonho de ser engenheiro nasceu, na verdade, das andanças com o pai pelo território de Mato Grosso. Seu intento era, *a priori*, construí-las sobre os rios que cortavam o município de Ponta Porã, já que uma das atividades que mais gostava era improvisar pontilhões para o escoamento das cargas e animais que levavam a erva mate do seu pai para ser comercializada. O primeiro a perceber essa vocação do menino HS foi o paraguaio Felipe Benitez que, como muitos outros conterrâneos do escritor, acaba sendo imortalizado em seus escritos. Em Elpídio Reis, na obra *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (1980), encontramos a descrição de uma ocasião na qual, aos 16 anos, HS se encontra com os funcionários de seu pai num terreno alagadiço no qual não passariam as duas carretas carregadas da erva. O molecote HS toma algum tempo a analisar o terreno e acaba por oferecer uma solução ao Carai Benitez, que logo aceita a ideia e dá ordem aos homens para que executem a “improvisação” do menino. Ao ver as carretas atravessarem o riacho, o homem proclama: “Usted fuê mesmo nascido para ser ingeniero” (REIS, 1980, p. 58). A partir desse momento, HS orgulhoso de si, passa a arquitetar o plano de estudar engenharia, e a maneira mais provável de dar vazão a esse intento era ingressar no Exército. Em 1934, entra como voluntário para o 3º Regimento de Infantaria da cidade do Rio de Janeiro. Enquanto lá fazia os cursos de sapador (construtor de trincheiras), sinaleiro observador (aproximação de avião/tropa/infantaria/cavalaria inimigos), instrutor de armas, não deixava de escrever (*O Jornal*, do Rio; jornal *O Mourisco*, em Botafogo) e, concomitantemente, estudava arduamente para os exames do curso de engenharia. No entanto, a noite de 26 de novembro de 1935 acabou com o sonho daquele que almejava ser engenheiro para construir pontes. Numa noite quente que principiava o verão daquele ano, estourou a Intentona Comunista. HS dormia de calção no Regimento devido a um curso que daria logo ao amanhecer do dia seguinte. A falta de sorte do cabo que nunca dormia no local, foi condecorada com a prisão sob a acusação de comunismo. Ao passar por uma triagem, separaram-se, os comunistas confessos – que foram enviados para o navio Pedro



I em alto-mar - e os não declaradamente comunistas - enviados para a Ilha das Flores - para aguardar julgamento. HS foi expulso do Exército e respondeu processo no Tribunal de Segurança Nacional. Depois de seis meses, HS foi absolvido da acusação por unanimidade. No entanto, esse meio ano abalou-o gravemente, física e emocionalmente, (REIS, 1980, p. 60-62). O saldo da prisão foi uma quase tuberculose, doze quilos a menos, abalo no sistema nervoso e uma terrível insônia que o acompanhou durante toda a vida. Como não dormia, escrevia para ocupar o tempo. A volta para casa, Campo Grande/MS, onde residiam na ocasião seus pais, foi outra provação devido à falta de dinheiro. Foi-lhe arranjada uma passagem de trem e algum dinheiro para a refeição que foi à base de sanduíches e laranjas. Ao chegar ao reduto do lar, HS expressa a decisão tomada na prisão de não mais ser engenheiro de pontes. Decide, por fim, tornar-se engenheiro de “‘pontes e pontilhões’ literários, levantando lendas, fazendo ligações de fatos sociais, tecendo estórias, construindo ‘causos’, registrando costumes, fabricando poemas de fundo regionalista” (REIS, 1980, p. 63).

A única lembrança que guarda com carinho dos fatídicos seis meses em cárcere foi a visita que recebeu de José de Almeida Cardoso, cabo do Exército que se tornou alcoólatra e a quem HS dava esmolas todo o final de mês (valor que HS sempre julgou insuficiente). O pobre coitado, quando soube da prisão de HS, ansiava por fazer-lhe uma visita e assim poder retribuir todas as vezes que foi ajudado. Quando o número do preso 3488 foi anunciado para receber visita, não acreditou no que viu: “a figura amedrontada de um homem maltrapilho e sujo [...] aquele espectro de homem [...] estendeu-me um pacote dizendo com sua voz rouca e entorpecida. - Serejo, três maçãs e um pouco de bolachinhas para você!” (REIS, 1980, p. 68). A comoção de HS foi tanta que pela primeira vez abraçou um homem e chorou.

Anos após esse período difícil na prisão e de volta a Campo Grande/MS, HS recomeça a vida ao ser nomeado Fiscal de Renda do Estado de MT, atuante nos municípios de Rio Brillante, Maracaju, Dourados e Bela Vista. Pelo excelente trabalho desenvolvido na região, recebe ordem de transferência para um local de baixa arrecadação para melhorar a contribuição no lugar. Descontente, HS pede demissão do cargo e torna-se escrivão do Cartório do Registro Civil de Rio Brillante/MS. Ali, em 1939, casa-se com a professora Henriqueta Barbosa Martins. Um ano depois, nasce a primogênita Nahara Tatiana e, cinco anos após, a caçula Helita.

O registro diário nos livros do cartório, juntamente com seus escritos particulares, acarreta numa doença denominada “câimbras dos escrivães”. A doença o impossibilita de escrever e por isso vende o cartório para ir procurar tratamento médico. Aprende a escrever com a mão esquerda enquanto se recupera da doença e segue publicando para jornais de São

Paulo e revistas do Rio de Janeiro. Em 1943, HS é nomeado Diretor de Repartição de Terras do governo de Getúlio Vargas da região de Ponta Porã, já que era exímio conhecedor daquele local. Neste período, o “Bolícho de Doenças” – como HS é chamado por Elpídio Reis (1980, p. 25-37), é acometido por uma terrível doença nos olhos. Para se tratar, outra vez pede demissão e passa um tempo com toda a família em Piracicaba, na casa do tio da esposa. Enquanto faz o tratamento do olho esquerdo em Campinas, aproveita para cursar Cálculo Analítico (prática em Agrimensura). Faz sessenta e seis aplicações de injeções à base de cocaína dentro do globo ocular (que fez com que recebesse de seu médico o apelido de Leão Mato-Grossense). Com o tratamento, HS impede apenas a perda do globo ocular, a visão mesmo estava completamente perdida. Sem o olho esquerdo, endividado, HS descobre que o olho direito também fora acometido da mesma doença. A notícia fez com que o Leão Mato-Grossense chorasse copiosamente.

Desesperado, HS é incentivado a prosseguir com o tratamento no outro olho para não perdê-lo totalmente. Instalado por mais um ano na Pensão Viaduto em São Paulo, consegue manter o olho direito com 50% da sua capacidade visual. A certa altura, Fernando Buck, o dono da pensão onde HS residia, é lotado no Ministério da Fazenda em São Paulo e oferece ao hóspede que fique com a pensão. Este, mesmo sem dinheiro e endividado, torna-se proprietário da pensão e juntamente com D. Queta trabalha diuturnamente, saldando as dívidas no período de um ano. Após o fim do tratamento do olho direito, em 1948, o casal decide vender a pensão para cobrir todas as despesas médicas e decidem voltar para Campo Grande/MS. Rumo ao destino, D. Queta para em Presidente Venceslau para visitar uma tia. Lá, quando o prefeito soube da presença do jornalista HS, foi ao seu encontro para propor trabalho. Mesmo honrado com o convite para ser o redator do jornal da cidade, HS recusa a proposta, já que só era capaz de escrever/ler com a ajuda de uma lupa. O prefeito oferece todas as regalias possíveis, inclusive secretária particular para transcrever todas suas ideias para o papel.

Após consultar D. Queta, aluga casa e se instala em Presidente Venceslau. Lá trabalha fervorosa e intensamente. Dedicar-se, de corpo e alma, à Campanha Pró-Construção da Ponte sobre o Rio Paraná. Essa campanha valeu a HS o apelido de “Marechal da Ponte”, devido ao seu empenho e dedicação ao ofício. Porém, a construção da ponte, iniciada no governo de Kubitschek, foi concluída apenas no governo de Castelo Branco e recebeu o nome de Ponte Maurício Joppert (que nenhum envolvimento teve na construção da ponte). Na inauguração da

obra, em 1964, que teve banquete em comemoração, HS foi barrado como *persona non grata*. Até hoje esse ato é rememorado como de extrema injustiça à pessoa de HS<sup>7</sup>.

Em Presidente Venceslau trabalhou incansável e benemeritamente. Fez programas de rádio, continuava a escrever para jornais de destaque, fez publicações fora do Brasil como para o *Jornal da Tarde de Lisboa* (Portugal), publicou no Uruguai com o maior pesquisador do folclore daquele país (Roman Fontan Lemes), lá também teve seu conto “Tico-Tico” traduzido. Outro escrito de HS traduzido foi a lenda “Por que o jaburu é triste”, no Dicionário Internacional de Lendas, publicado na Inglaterra. Na TV Record, teve seu conto “Lua do Brejo” montado para apresentação no programa “Histórias que a vida escreveu”, de Hélio Ansaldo. Seu trabalho teve mérito e valor reconhecido por meio de vários prêmios e títulos que recebeu no decorrer de sua vida. O que condecora e agrupa todos os demais, foi a cadeira 30 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, para a qual foi eleito em 27 de novembro de 1953, mas que acabou por tomar posse somente em 19 de outubro de 1973.

O motivo dos vinte anos de atraso na posse sempre se dava por motivos de saúde e, quando finalmente HS achou que a receberia, foi cruelmente impossibilitado de estar presente, mais uma vez devido a seu estado frágil. Porém, o momento não seria mais adiado, e HS teve seu discurso de posse lido por João Antonio Neto. O discurso de HS reproduzido pelo desembargador e também acadêmico, diante de todos os membros da academia e demais presentes, foi recebido com emoção. Após fazer ecoar as palavras de posse do xucro prosador crioulo, condecora-se finalmente empossado. Desta feita, figurará para sempre como Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, marcando para o Estado, a importância e diferencial da escrita de HS e seu reconhecimento exponencial.

Enquanto estava em Presidente Venceslau, HS foi nomeado perito por Demóstenes Martins (autor de *A poeira da jornada*), secretário de Agricultura do Estado do MT na época. Martins considerava HS a pessoa ideal para fazer um relatório completo com parecer sobre os 400 processos que tratavam de posse definitiva de terras por: conhecer o código de terras do Estado, por ser agrimensor, por ser excelente redator, por ter sido diretor do Departamento de

---

<sup>7</sup> Lei nº 12.610, de 10.4.2012 – Antes Ponte Mauricio Joppert, agora com a reforma, denominada Ponte Hélio Serejo, a ponte sobre o rio Paraná, localizada na BR-267, na divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. A presidente Dilma Rousseff (PT) faz justiça e faz uma homenagem póstuma ao escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo morto em 2007.

Terras de Ponta Porã, por sua representatividade moral. Essas características fizeram com que ele solucionasse mais de 300 processos. Com o dinheiro de perito construiu sua casa em Presidente Venceslau, onde residiu até 2005 e, já viúvo, retorna a Campo Grande/MS, onde permaneceu sob o cuidado de suas filhas até sua morte em 2007, aos 93 anos.

## 2.2 - Mato Grosso X Mato Grosso do Sul

Antes um Estado só, no dia 11 de outubro de 1977, o Presidente Ernesto Geisel assina a Lei Complementar n. 31, dividindo-o em dois: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. E foi nas terras da região sul que se deram feitos importantes de patriotismo durante a Guerra do Paraguai. A nota oficial a respeito da divisão foi dada em 3 de maio de 1977, com a seguinte justificativa:

A modernização do quadro político geográfico na fronteira Oeste do Brasil atende aos reclamos do desenvolvimento daquela área, que apresenta reais possibilidades de um grande surto de progresso nos próximos anos, criadas as condições da administração regional que se fazem necessárias. Ambos os Estados, tanto da região do Sul – Campo Grande como, principalmente, do Norte – Mato Grosso – em sua nova expressão territorial receberão da União apoio financeiro, quer na forma de ajuda para despesas iniciais de custeio, quer de investimentos complementares que acelerem a ultrapassagem da presente etapa de desenvolvimento, como é do interesse da região e do Brasil em conjunto (RODRIGUES, 1978, p. 19).

O espaço geográfico de Mato Grosso do Sul, principalmente as zonas pantaneiras às margens dos rios Paraguai e Paraná, era originalmente habitado por tribos ameríndias como os Guaicurús (antigos Mbaíás, habitavam a região do Apa até o que hoje conhecemos como Miranda), os Paiaguás (exímios flexeiros) e os Caiuás (margem direita do Paraná, entre os Rios Iguatemi e Pardo). No mesmo espaço subsistiam tribos menores como os abatires, chiquíás, humegaís, aruaís, ahins, anoeiros, terenas, xaraiés, guatós, guapis, guanchos, guetes, nuaras, etc. Essas tribos foram alvos da conquista dos espanhóis, via Assunção, e mais tarde, dos jesuítas. Já no fim do século XIX, é deflagrada a Guerra entre Brasil e Paraguai. Esse período é retratado por HS nas suas *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008).

Com o fim da Guerra do Paraguai e a demarcação de terra da fronteira, entram em cena duas figuras bastante importantes ao nosso contexto: o Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, avô de HS, que lutou na guerra e Tomaz Laranjeira, dono da Companhia Mate Laranjeira. Ambos fizeram parte da expedição de redemarcação da fronteira. O último, residente de Concepción (Paraguai), pleiteou ao governo imperial extensas áreas repletas de erva mate nativa para exploração. A partir de 1882, a empresa começa a ganhar verdadeiro

*status* de Estado, com justiça e policiamento próprios, empregando centenas de peões (maioria paraguaios) que acabaram se fixando na região. No início do século XX, nova leva de migrantes chegam à região, oriundos principalmente do interior de São Paulo, para se dedicar à pecuária. Por volta de 1970, os campos da região começam a se direcionar para agricultura alavancando o desenvolvimento do local. Assim, em apenas dois séculos, a região inóspita passa a ser um dos mais prósperos celeiros do país e ganha força para se tornar dois em 1977: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Os limites do novo Estado são assim definidos: ao Norte, Mato Grosso; ao Sul, República do Paraguai e Estado do Paraná; ao oeste, repúblicas do Paraguai e Bolívia; ao leste, os Estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo (RODRIGUES, 1978, p. 33). A população, na época da divisão, era de quase um milhão e meio de habitantes. A formação geofísica do Estado é constituída por planaltos (Maracaju, Bodoquena, Amambai), e pelo Pantanal (região imensa de terreno alagadiço). Pertencente à Mata Atlântica, a vegetação é composta de cerrado, mata tropical, campos limpos e vegetação característica do Pantanal. HS descreve em sua obra todas essas características inerentes a esse espaço geográfico que é Mato Grosso do Sul e o faz com detalhe e perfeição a seu modo poético, atentando aos pormenores de detalhista primoroso. Faz com que aqueles que nunca lá estiveram conheçam esse espaço tão particular e faz com que aqueles que estiveram recordem e, aqueles que nasceram, reconheçam o local.

### **2.3 - Hélio Serejo e a história do Mato Grosso do Sul**

Com o término da Guerra do Paraguai, uma comissão percorre a região ocupada pelos Kaiowá e Guarani, entre o rio Apa, atual Mato Grosso do Sul, e o Salto de Sete Quedas, em Guaira, Paraná. Terminados os trabalhos de demarcação de fronteira entre Brasil e Paraguai em 1874, Thomas Laranjeira, percebendo a grande quantidade de ervais nativos existentes na região e, também, a abundante mão-de-obra pós-guerra disponível, consegue, através de decreto em 1882, o arrendamento das terras para a exploração da erva mate nativa; porém, sem o direito de impedir a colheita da erva por parte dos moradores locais. No ano de 1892, funda a Companhia Mate Laranjeira. A área de concessão é, sucessivamente, ampliada, sempre com o apoio de políticos influentes, como os Murtinho e Antônio Maria Coelho. Com o advento da República, as terras devolutas passam para a responsabilidade das Constituições dos Estados, o que favorece os interesses da Empresa. Em Serejo, na obra *Carai* (1984), verifica-se o bom relacionamento entre Thomas Laranjeira e os habitantes da região,

reconhecendo que esse teve que se empenhar em duros embates com os índios habitantes da região, os verdadeiros donos da terra. Encontra-se ainda relatado variadas formas de pagamento do trabalhador índio. Alguns falam de pagamento em dinheiro (em mil réis ou em pesos paraguaios) ou ainda mercadorias (roupas, cobertores, machetes e comida). Serejo pontua: “raríssimo mesmo - nos ervais, um peão com haber na caderneta” (1984, p. 153). Essa estratégia do “adiantamento” nos armazéns da Companhia como forma de “selar o compromisso”, é um “forte mecanismo de forçar a manutenção dos trabalhadores nos ervais”. Esse recurso, usado como forma de prender o trabalhador aos ervais pela dívida, foi usado por mais de meio século.

Retratar os ervais é retratar a história do Mato Grosso do Sul, por isso deve-se a Hélio Serejo o mérito de ser um dos mais importantes memorialistas do sul do Estado. Escreveu durante a sua vida sessenta obras, recentemente reeditadas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, com a organização de Hildebrando Campestrini numa coletânea de nove volumes, contendo manifestações religiosas e culturais, história, biografias, sociologia, crioulismos, e outros assuntos que envolvem o ciclo ervateiro no Sul do Mato Grosso. Trata-se de um verdadeiro patrimônio cultural sobre a região da fronteira que cobre as terras nas quais se travou a Guerra do Paraguai.

Jacques Le Goff, na sua obra *História e Memória*, pontua:

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando, na história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro e vivo do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1996, p. 475).

A obra de Serejo é exatamente isso: um reservatório da história, composto por arquivos representativos da memória, da formação, da mistura que veio a ser o povo sul-mato-grossense. É esse peso da memória que serve como pilar para a construção da identidade de um povo que acaba de nascer com o reflexo do multiculturalismo e da miscigenação. Os fatos de todo esse processo encaixam-se com a história de vida desse “novo povo” no pós-guerra do Paraguai, juntamente com inúmeras outras dificuldades pela qual passou essa gente, sendo assim, a história de cada um, é também a história da região. Na obra *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira* (2001), Frederico Augusto Garcia Fernandes fala desse processo na obra de Serejo:

A Literatura sul-mato-grossense, após a cisão administrativa na década de 1970 que deu origem ao novo Estado, ascende pelas crônicas, romances, apontamentos e versos de Hélio Serejo (1912-2007). O escritor, em obras como *De galpão em galpão*, *Zé Fornalha*, *Mãe Preta*, *Rodeio da saudade*, *Abusões de Mato Grosso e de outras terras*, *Campeiro da minha terra* e *Lendas da erva mate*, as duas últimas de 1978, perfaz um dos mais completos registros acerca da tradição popular em diferentes regiões. Os seus versos e frases conduzem aos ervais do sul do Estado para os galpões dos peões, nas terras encharcadas do Pantanal (FERNANDES, 2001, p. 97).

O que encontramos nessas obras é a retratação do convívio do meio rústico com tendência de registro folclórico, inventário de costumes e crenças de um escritor de histórias embasadas em acontecimentos reais e também em tradições populares referentes ao lugar. Desse modo, tomando como premissa a frase de Aristóteles de que a arte imita a vida, a obra literária tende a retratar o homem e todos os outros aspectos inerentes à sua cultura.

Roland Barthes (1971, p. 18-19) diz que a narrativa começa com a própria história da humanidade, uma vez que não existe povo sem narrativa, o que implica concluir que a narrativa está, como a vida está.

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos ressalta que o conjunto da obra de Serejo dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões particulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa ‘hinterlândia’ inóspita. Retrato de um período de grande empreendedorismo que reuniu a região fronteira do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina. (SANTOS, 2008, p. 52). A “hinterlândia” equivale à região Centro-Sul do Mato Grosso do Sul e está diretamente relacionada ao ciclo da erva mate (de cuja literatura Hélio Serejo e Hernâni Donato são ilustres representantes) e à presença no local da Companhia Mate Laranjeira, responsável pela exploração da erva e pelo grande investimento em mão de obra que resultou na ocupação do lugar e no surgimento de cidades como Ponta Porã, Rio Brilhante, Caarapó, Porto Murtinho, dentre outras.

Escritores desempenham um papel determinante no trabalho simbólico de formulação de uma região e porque não dizer de um Estado, como é o caso de Serejo, ao tratar do Mato Grosso do Sul, no período do ciclo da erva mate. Por ter participado das expedições colonizadoras desenvolvidas na região, acompanhando seu pai, Chico Serejo, e aproveitando a situação, escrevia as experiências vivenciadas pelos ervateiros, colonizadores e todas as implicações dessa convivência. O período do Brasil Colonial foi marcado pela procura de subsídios para sobreviver, tentativas de novas formas de trabalho para que fossem supridas suas necessidades básicas. O advento da diáspora se deu com o aparecimento de aventureiros

que surgiam em busca de novos desafios, com o sonho de uma vida nova, através da extração da erva mate. Desse modo, a erva simbolizou a esperança dos homens corajosos e desbravadores.

O que as obras de Hélio Serejo descrevem e retratam é uma fase histórica de formação de um povo: o povo sul-mato-grossense. *O sol dos ervais* (2002), de José Pereira Lins, homenageia HS, e defende a ideia de que Serejo formatou a tradução da vivência de um povo, da forma mais completa, voltando-se para o registro da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai. O reconhecimento da exploração e colonização da região Sul do Mato Grosso do Sul é vislumbrado claramente por meio das obras do escritor. Também a presença de Serejo como autor/narrador e/ou personagem é uma constante em seus relatos, conferindo assim, maior autenticidade aos fatos narrados por ter sido testemunha ocular da formação da histórias dessa gente.

Analisar a obra de Serejo pressupõe fazer uma profunda viagem pelo “velho” Mato Grosso, em que são abordados aspectos da geografia física: topografia, flora, fauna, campos e rios, fecundidade, minérios, Pantanal, clima, chuvas. Sob o prisma da geografia humana, são apontadas as relações do homem fronteiriço com o outro homem e, com o meio, como marco sinalizador da existência de uma singularidade socioeconômica e cultural, cujas características pessoais, linguísticas, locativas e temporais compõem a identidade da região oeste, na fronteira Brasil-Paraguai, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Em *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008) percebem-se claramente os aspectos voltados para a cultura popular em Mato Grosso do Sul, no qual a temática abarca e contempla aspectos folclóricos, sociológicos, etnográficos, antropoculturais, resultados de incessantes pesquisas, observações e anotações empregadas na tessitura de suas narrativas, retratando os ervais e pradarias da região sul-mato-grossense. Hélio Serejo debruça sobre a história para costurar as diversas cenas de um tempo exposto em inúmeros temas.

Por ter estilo regionalista, nascido e vivido na região, Hélio Serejo exhibe nos seus escritos a imensa riqueza das vivências de seus habitantes, expostas nas informações detalhadas sobre os usos, os costumes, o trabalho e o lazer dos fronteiriços.

Sabemos que uma das principais características da literatura é retratar os fatos ocorridos em determinada época, e é exatamente isso que Hélio Serejo faz: um apanhado da história do Mato Grosso do Sul. Desse modo, o escritor colabora para a compreensão da história do Estado, e para o entendimento de como a identidade dos sujeitos foram se construindo.



## 2.4 - Visão histórica na obra de Serejo: algumas impressões

José Pereira Lins, em *Hélio Serejo... sublime poema!* (1996), argumenta que os livros de Serejo não são apenas compostos por lendas, crônicas, poesias sertanejas:

Há também histórias verdadeiras como aquela do “Homem Mau de Nioaque”, que certamente, ele ouviu contar quando era criança e a pesquisou depois de grande Jornalista, fez reportagens marcantes para a época, alertando o povo e o governo para os perigos e problemas reinantes (LINS, 1996, p. 24).

Hélio Serejo escrevia suas obras com o cuidado de registrar os fatos com a maior autenticidade e espontaneidade possíveis. Por ter sido um homem fronteiro, viveu e assistiu de perto as dificuldades de um tempo de exploração, de um tempo que foi palco do povoamento e da política do Mato Grosso do Sul. Assim como a obra *A poeira da jornada* (1980), de Demosthenes Martins, foi uma das obras mais importantes a respeito da criação do Mato Grosso do Sul, do mesmo modo, Hélio Serejo também contribuiu para compreensão e afirmação de uma nova identidade, a sul-mato-grossense. De acordo com Paulo Bungart Neto, obras como a de Demosthenes Martins “dizem muito a respeito da identidade de um povo que, naquele momento, necessitava de certa afirmação social, política e cultural” (2009, p. 116-7). **Somam-se** aqui, as obras de Hélio Serejo que, sem sombra de dúvidas, eclodem da mesma maneira, fortalecendo a construção de uma nova identidade cultural. Colabora com esse pensamento, a introdução que Paulo Sérgio Nolasco dos Santos faz no seu livro *Fronteiras do local – Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense* (2008), no capítulo “O criouliismo de Hélio Serejo”:

De todas as páginas que a mão do artífice escreveu, nenhuma carrega a marca de vivência e do testemunho mais genuíno, desta região fronteira do Sul de Mato Grosso, que as escritas pelo regionalista Hélio Serejo. Nenhum nome talvez possa rivalizar com o de Hélio Serejo em seu empreendimento homérico, de maior extensão e de uma intensidade fabulosa na descrição desta região cultural que ele ajudou a formatar, como partícipe da vida de fronteira, e da qual foi o seu bardo mais fiel e incansável. (SANTOS, 2008, p. 47)

O que Santos enfatiza e avalia é a importante participação de Serejo como contador da história do povo sul-mato-grossense. Em suas *Obras completas de Hélio Serejo* (SEREJO, 2008) encontra-se uma gama de registro da história e da vida na fronteira pronto a ser desvendado pelos estudiosos do caráter histórico, político, social e literário.

José Couto Vieira Pontes, em *História da literatura sul-mato grossense* (1981), no capítulo III, denominado “A literatura, os temas e os processos tradicionais”, encontramos o

nome de Hélio Serejo na parte relativa à prosa, dando destaque ao regionalismo descritivo, à erva mate e à fronteira guarani ao lado do romance regionalista de Taunay. Esse fato deixa clara a importância de Serejo, citado ao lado de um memorialista como Visconde de Taunay, que também retratou o Sul do Mato Grosso em *Inocência* (2010) e, ainda em outra obra, *A retirada da laguna* (2005), que relata a participação de Taunay na Expedição de Mato Grosso, na Guerra da Tríplice Aliança, retratando os sofrimentos da coluna enviada para invadir o Paraguai pelo sul de Mato Grosso.

De acordo com Pontes, a prosa de Serejo é descritiva, pitoresca, e sem a preocupação de transfigurar, ou ainda recriar o material de que dispõe. Essa característica, segundo Pontes, faz de Serejo um historiador da fronteira sul-mato-grossense, um arquivista dos aspectos sociais e humanos:

Hélio Serejo contribui, incontestavelmente, para as letras sul-mato-grossense, com uma obra de valor histórico-social e folclórico digna de elogios, mesmo que não tenha repercutido os domínios da transfiguração ficcional ou transgredido as normas da estética tradicional. Sua preocupação de escritor conservador detém-se na captação da paisagem do RUS Sul-mato-grossense, principalmente da fronteira, registrando os costumes, as usanças, o linguajar e os pitorescos abusões (PONTES, 1981, p. 95).

Pontes argumenta, ainda, que na região Sul do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, o desenvolvimento cultural se acentua no século XX, com o impulso após a Guerra do Paraguai, com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste, dando uma nova era de progresso às cidades como o desenvolvimento das atividades econômicas e culturais. Segundo Pontes, ao estudar a literatura de Mato Grosso, notar-se-á a ausência de uma prosa de ficção, e uma grande presença de temas e motivos regionalistas. Isso pode ter sido desencadeado devido ao fato de a opulência da terra não ser fator de desencadeamento de tramas romanescas, uma vez que a opulência do meio ambiente venceu o homem “comprometendo-lhe a criatividade oriunda do pensamento de que a crise e a necessidade são criadoras” (Idem, p. 77).

Leoné Astride Barzotto, no seu artigo “Traços pós-coloniais na literatura do Mato Grosso do Sul”, fala da importância de Serejo e de suas obras, enfatizando: “o autor não somente enaltece o homem do campo, como também lhe atribui um caráter heroico, de importância visceral à ordem social que narra” (2009, p. 5). E, ainda, tece argumentações sobre o conto “Das coisas crioulas” (SEREJO, 2008), em que o autor “enaltece a vida cabocla no ápice, fazendo com que o caboclo se torne o sujeito a partir do qual as coisas acontecem, o ponto de partida de tudo, o cerne da sociedade sertaneja” (Idem). Barzotto encontra na obra de

Serejo representantes de cada indivíduo que já marcou presença neste território fronteiriço.

A escritura serejiana é permeada por componentes e expressões que revelam o caráter sertanejo, os costumes dos ervateiros, um verdadeiro retrato histórico regional do local, recheados de tipos regionais desempenhando atividades inerentes a esse meio. Ou seja, os temas nas obras de Hélio são representativos de uma época, de um espaço, de uma parte da história nacional, caracterizada pelas lutas, pela bravura, pelos conflitos de toda ordem. Dessa forma, é incontestável a contribuição do autor para as letras sul-mato-grossenses e seu valor histórico-social. De acordo com Souza, é em Hélio Serejo que

[...] a memória vivifica e se torna perene, é na sua obra que a vida se torna palpável, quase tocável, ao cruzar com outras fontes oriundas da história, do folclore e da mitologia. Isso porque foi dele o registro mais abundante desse chão fronteiriço (SOUZA, 2009, p. 127).

A obra de Hélio Serejo exhibe o *modus vivendi* do homem da fronteira Brasil-Paraguai durante o auge da extração da erva-mate e da abertura das grandes fazendas. Nas obras de Hélio Serejo, encontra-se relatada a importância da Companhia Mate Laranjeira como beneficiadora de estradas e pontes, como também de meios de transporte fluvial, como “batelões, canoas, rebocadores, chatas, barcos movidos a lenha”, Mate Laranjeira empregava “18 mil trabalhadores” com “10 mil pessoas ‘dependentes’, por razões comerciais” (SEREJO, 1986, p. 66).

Quando o autor traz para o presente a lembrança de fatos remotos que ajudaram a compor sua formação intelectual, a figura do avô aparece para dar maior credibilidade. Segundo consta da biografia de Hélio Serejo, o seu avô paterno ocupara a patente de Coronel na Guerra do Paraguai pertencente ao Exército brasileiro, num período em que as patentes militares significavam não apenas o resultado dos anos de disciplina e vida militar, mas somavam-se ao reconhecimento pelo nacionalismo, coragem nas lutas e contribuições às grandes causas empreendidas por alguns eleitos e de que somente as pessoas de destaque e espírito nobre eram portadoras. Une-se a esse fato a história de vida do Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, de linhagem européia, especificamente dos Serejos de Portugal que vieram para o Maranhão e daí para Cuiabá e depois Ponta Porã.

## 2.5 - Mapeando a história em algumas obras do “Sol dos Ervais”<sup>8</sup>

A História ensina que os membros de qualquer sociedade, por mais “primitiva” que fosse, já sentiam necessidade de alcançar alguns objetivos, mesmo que fossem apenas de sobrevivência e continuação da espécie. Para tanto, se organizavam em grupos, sob a liderança de um chefe que detinha, de forma precária, o exercício do poder, canalizando os interesses na consecução dos objetivos. Com o homem moderno não foi diferente. Assim, os traços culturais que forjaram o *modus vivendi* do homem da linha fronteira Brasil-Paraguai, durante o apogeu da atividade extrativa da erva-mate e da abertura das grandes fazendas, acham-se (re)apresentados na obra literária de Hélio Serejo (STEFANES, 2007, p. 1).

Dentre os diversos temas abordados por Serejo, encontra-se a denúncia de exploração do trabalho na fronteira, o retrato da miséria do trabalhador, suas dificuldades e a brutalidade do meio em que vivia. Porém, o gênero predominante em Serejo é a crônica histórica, denominado pelo autor como conto. É o que Serejo faz com habilidade e maestria. Em uma das críticas das primeiras obras publicadas por Serejo, *Homens de aço* (1946), José de Mesquita, do Instituto Histórico de Mato Grosso profere:

**Homens de Aço** traz a nossos olhos o drama que se desenrola nos ervais do Sul de Mato Grosso, e, em estilo leve e expressivo, estilo reportivo, como se fosse um jornalista flagranciando os aspectos e as pessoas, nos dá uma série de fotos animados, uma espécie de cinema sincronizado, ou um desses ‘jornais falados’, do rádio moderno. (MESQUITA in SEREJO, 1946, p. 201)

O que Mesquita confirma é a característica historicista de Serejo, que, desde sua infância, aos treze anos, começou a trabalhar no jornal *Folha do Povo*. O enfoque, do lado histórico reportivo do autor, também é evidenciado na tese de Carla Centeno, quando esta afirma que em Hélio Serejo, “seus personagens e histórias não são ficcionais e, talvez para não comprometer algumas pessoas, o autor usa nomes fictícios” (2007, p. 52). Centeno cita como exemplificação a obra *Prosa rude* (1952), na qual se encontram crônicas de fatos reais, porém, com o uso de nomes fictícios. Já no conto *Um júri nos ervais*, há o relato da história de um habilitado que julgou dois peões devido a uma briga causada por uma mulher, Serejo enfatiza que o nome que dá ao personagem – Nenito – foi uma criação dele: “qualquer semelhança com os Dons Nenitos que vivem por aí é mera coincidência” (SEREJO, 1952, p. 70).

*Homens de aço* (SEREJO, 1946) retrata a luta nos ervais de Mato Grosso, e foi obra de evidência por ter se tornado marco e referência nos estudos historiográficos posteriores que

---

<sup>8</sup> Referência à obra de Jose Pereira Lins, sobre Hélio Serejo de 2002.

falam dos ervais. Logo na introdução da referida obra, Serejo afirma: “Quem este desprezioso livro escreveu, nunca leu obra alguma sobre a cultura e industrialização da Erva-Mate; baseou-se exclusivamente nas informações colhidas de experimentados ervateiros” (SEREJO, 1946, p. 7). As informações da qual fala HS são baseadas exclusivamente numa cultura oral. Ao dizer “não leu” diz “ouviu”. Ouviu da vivência, do experimento, do fazer. De acordo com Paul Zumthor “O emprego da dupla dizer-ouvir tem função manifesta promover (mesmo ficticiamente) o texto ao estatuto do falante e de designar sua comunicação como uma situação de discurso *in presentia*” (ZUMTHOR, 1993, p. 39).

Na obra *Vida de erval* (197-d), Serejo pontua: “muitas obras foram consultadas, entretanto, as informações de fonte pessoal e as constantes observações do autor, foram as que firmaram o conteúdo da obra simples, porém fiel em todos os sentidos.” (SEREJO, 197-d, p. 61). De acordo com Carla Centeno (2007, p. 52), essa assertiva comprova que o autor não pretendia expor de forma sistemática e rigorosa a história.

O que encontramos na obra de Serejo é uma linguagem simples, direta, semelhante a um depoimento, trazendo o testemunho de quem vislumbrou de perto muitas daquelas ocorrências, ou ainda, que delas participou, ou teve a oportunidade de colher as informações junto aos que foram os atores reais, de uma época relevante da história da fronteira Brasil/Paraguai.

Serejo dá detalhes da vida nos ervais, apresentando a vida difícil, os entreveros, as doenças, e até mesmo a socialização entre os trabalhadores, bem como o seu tempo de folga e seus hábitos adquiridos na região, como a roda de tereré, os bailes, sempre ressaltados pela historiografia, e precisam ser compreendidos nos seus determinantes, ajudando a construir assim o contexto histórico/social desse espaço. A crônica, o conto e o romance são modalidades do gênero narrativo empregadas pelo autor sul-mato-grossense Hélio Serejo, para registrar o folclore, a cultura, a história socioeconômica e a linguagem da região fronteira Brasil/Paraguai no final do século XIX e até as primeiras décadas do século XX.

Ao se fazer um balanço da historiografia de conteúdo memorialístico do Mato Grosso do Sul, Serejo desponta no relato da vida dos ervais, dos costumes e do relato da vivência dessa região. O escritor dos ervais relata as condições de existência desses homens em seus pormenores, e com riqueza de detalhes, em todas as etapas da elaboração da erva-mate, bem como as operações realizadas pelos trabalhadores ervateiros, gerando a economia de subsistência da região.

Carla Villamaina Centeno (2007), no artigo “Educação e Fronteira com o Paraguai no pensamento dos memorialistas (1870-1950)”, escreve que as obras de Serejo “mais

significativas são crônicas que envolvem lembranças do sertão e falam do trabalhador, do homem simples do campo, do povo sem instrução, das revoltas, da violência e, sobretudo, da produção da erva-mate.” (p. 4).

Durante anos a fio, a Companhia Mate Laranjeira teve grande influência na situação política e econômica do município de Ponta Porã e do Estado de Mato Grosso, para o qual contribuía, nos primeiros anos da república, com um terço da sua arrecadação. É fato notório que a Empresa Mate desbravou zonas inóspitas da região, construiu estradas e portos para o transporte da erva-mate e que hoje estão entregues ao domínio público do Estado. É inegável a relevante fonte de recursos dela provenientes, porém, seu vasto monopólio também impediu o povoamento do sul de Mato Grosso. Confirma essa afirmativa um trecho em destaque citado por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos:

E assim a Mate Laranjeira que fizera nascer e prosperar Porto Murtinho, Bela Vista, Ponta Porã e outras povoações menores em Mato Grosso [...] também sua ação civilizadora se estendeu a todo o Sul do Estado e hoje o seu centro de trabalho, Campanário, é expoente do que podem o esforço e energia dos que iniciaram essa magnífica obra e dos que prosseguiram na ação de D. Francisco e de seus cooperadores (Companhia Mate Laranjeira apud SANTOS 2008, p. 39).

Em *Homens de aço* (1946), Serejo dá sinais de que apóia a empresa, quando demonstra que ela trouxe civilização para o estado, sendo, desse modo, a principal responsável pelo desenvolvimento econômico de Ponta Porã: “a Mate Laranjeira fez, sozinha, no município de Ponta Porã, em pouco tempo, o que não conseguiram fazer em quarenta anos de governo” (SEREJO, 1946, p. 106). Esse desenvolvimento proveniente da existência da empresa não teria acontecido apenas em Ponta Porã, mas também em toda a região sul, por ela polarizada.

A narrativa de Serejo possibilita construir uma memória social do Mato Grosso do Sul, em que os segmentos de contaminação da História e da Literatura se misturam, se interpenetram, no qual o passado se formula por via literária e a História é subsidiada para figurar como tradição, como se fossem fragmentos de lembranças cravadas na memória coletiva do povo da região. Conforme a obra literária permite, as peculiaridades dos deslocamentos figurados nas obras de Serejo criam hipóteses contextuais que constituem uma amostragem dos usos e costumes da fronteira e a formação de Mato Grosso do Sul.

## 2.6 - Literatura e História: Arquivo público em Hélio Serejo

As *Obras completas Hélio Serejo* (SEREJO, 2008) de Serejo oferecem, aos estudiosos de literatura e história, um reservatório composto por arquivos representativos da memória, da formação, da mistura que veio a ser o povo sul-mato-grossense. É esse peso da memória que se oferece como base para o estudo da história através da narrativa serejiana. A obra *História e memória* (1996), de Jacques Le Goff, colabora para trabalhos como este, quando afirma que a evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância e relevância do papel que a memória coletiva desempenha:

Exorbitando, na história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro e vivo do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1996, p. 475).

Le Goff assegura o corpo-a-corpo na narrativa de Serejo com a prerrogativa da mesma ser atravessada por esse olhar histórico/cultural documental. Várias são as obras dentre as sessenta que nos permitem essa visão; porém, nos deteremos apenas em algumas delas, que oferecem dados para exemplificar o que nos propusemos.

O corpo-a-corpo com o texto de Serejo faz despertar a atenção para questão da oralidade que parece “saltar” do texto a todo o momento. Carlos Pacheco em *La Comarca Oral* (1992) chama a atenção para escritores como Guimarães Rosa, para personagens como Riobaldo, que tem suas narrativas pautadas na oralidade, em contextos na qual a cultura se faz predominantemente oral. As narrativas de Serejo cabem perfeitamente a um estudo como o que Pacheco faz de Rosa.

No volume um, a obra *Quatro contos* (2008, v. I) retrata a figura de “Capitão”, uma mulher que ao perder o marido, capitão Belmonte, num embate em 1893, “tirou-lhe a farda, o revólver e a espada e continuou comandando a tropa. Mereceu o respeito de todos, pois lutava com entusiasmo, incedível coração e sangue frio sem igual” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 81). Serejo descreve a mulher como a que encheu de pavor a região de Nioaque e Rio Brilhante, Perdido e Taquaruçu: “estatura baixa, morena clara, cabelos negros compridos, olhos levemente esverdeados, voz grossa, autoritária e rompante, andar nervoso demonstrando constante insofreguidão” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 81). Capitão assume uma postura masculina, mas não deixa de exercer seu lado feminino, escolhendo homens para seus

amantes. De personalidade forte, enfrenta na região o tenente Gomes e acaba presa na cadeia de Bela Vista. Como castigo, Gomes ordenou que lhe raspassem a cabeça e tirassem dela as roupas masculinas. Quando foi solta, voltou a praticar suas arruaças. Só se aquietou quando a idade chegou e o reumatismo tomou conta. A figura de Capitoa talvez sintetize toda a coragem e bravura das mulheres que nessa região estiveram numa época tão dura e difícil. Ao ler as obras de Serejo, percebemos a recorrência na valorização e reconhecimento que o escritor dá à figura feminina (exemplos: Nhá Chamé, Nhá Chalô), como aquela que não foge à luta, e enfrenta todos os desafios que a terra inóspita oferece.

No volume dois, obra *O homem mau de Nioaque*, Serejo (SEREJO, 2008, v. 2) retrata o coronel de carreira João da Silva Barbosa. A narrativa conta da cidade de Nioaque “em pleno ano histórico de 1889” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 268). Época da Proclamação da República, da renúncia de Manuel Deodoro da Fonseca, da ocupação do cargo por Floriano Peixoto, da divisão do Brasil em nacionais e republicanos e a divisão de Nioaque em três facções: conservadores, liberais e republicanos. Serejo relata que na cidade mandavam os conservadores e o então general-de-divisão Antonio Maria Coelho; assim o escritor expõe:

Qualidade também de comandante-das-armadas, de caso pensado e com maus propósitos, transferiu para Nioaque, a fim de comandar o 7.º Regimento da Cavalaria, o coronel João da Silva Barbosa, a personagem sinistra sobre a qual iremos nos ocupar, neste arremedo de digressão histórica (SEREJO, 2008, v. 2, p. 269).

Ao grafar “arremedo” de uma digressão histórica, não entendemos a colocação do termo negativamente, e sim, nos atemos à expressão “digressão histórica” uma vez que cremos que é realmente o que Serejo nos apresenta. A chegada do coronel Barbosa à terra natal de Serejo foi vista como salvação. No entanto, pouco tempo passou para que o “amalucado” comandante do 7.º batalhão se transformasse “num fanático que atingiu as culminâncias da indignidade humana” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 271). O relato é de um homem que exercia sua prepotência, cometia atrocidades, até que o povo se organizou deflagrando uma verdadeira guerra civil na cidade. Serejo detalha o exercício do coronel que denomina “o rei da fronteira”, data os acontecimentos, pontua os abusos, menciona cartas, abaixo assinados, quem os assinou, oferecendo desse modo um documento vivo de história através de sua narrativa, de um homem e uma cidade que foram importantíssimos na história do pós-guerra do Paraguai.

No volume quatro, a obra *Vida de erva* (SEREJO, 2008, v. 4), o autor se propõe a descrever o processo da elaboração da erva mate, que foi a grande responsável pela integração



da região da fronteira com o Paraguai. O escritor reconhece, como herois, Tomás Laranjeira, um desbravador da fronteira sul do Mato Grosso, com sua empresa Mate Laranjeira, bem como o bravo peão paraguaio, a valorosa mulher guarani e outros elementos. Nessa obra especificamente, Serejo descreve a paisagem do erval, destaca suas peculiaridades, denuncia as atrocidades cometidas, descreve um pouco da fauna e flora local, e trata de um pouco de tudo o que se refere ao mundo dos ervais, proporcionando um arquivo de pesquisa e conhecimento desse momento político/econômico/histórico da região. A denúncia de tirania e do que chama de “lei dos ervais” pode ser vista no seguinte trecho:

Se irrisória se apresentasse a produção, não raramente, para exemplo e prova de autoridade, lá vinha a surra de *cintarazo*, para lanhar o corpo até verter sangue. Nessa época as atrocidades e violências, o conchavado, indefeso e miserável, era obrigado a carregar às costas, por caminhos quase intransitáveis, *los miembros de La administración*, zelosos sempre por seu corpo e por sua saúde (SEREJO, 2008, v. 4, p. 74).

O trabalho de extração da erva mate alavancou o Estado, deu trabalho aos peões, mas também veio acometido por abusos de poder que Hélio Serejo faz questão de relatar. Carla Centeno (2004), na sua tese de doutorado intitulada *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)*, destaca que na escrita de Serejo falta uma crítica articulada sobre as razões da exploração do trabalhador ervateiro, na qual a miséria do trabalhador aparece a todo o momento, mas é justificada como algo imanente à própria condição do trabalho. Podemos encontrar na obra, entretanto, denúncia da exploração do trabalho ao lado de elogios à Companhia Mate Laranjeira. Centeno argumenta que à medida que se distancia da época retratada, o escritor fica mais à vontade para fazer uma crítica mais ferrenha, e chega a citar nomes de envolvidos em crimes ligados à Companhia Mate Laranjeira.

Os apontamentos de Centeno colaboram com uma visão sobre Serejo e suas obras, e registrando uma em especial, que escolhemos mencionar, o quinto volume, *Pelas orilhas da fronteira* (SEREJO, 2008, v. 5), o escritor conta a história do “El viejito Poincoré”, um homem que apareceu na rachada de Dom Serejo (pai de Hélio). Provavelmente, a “história vista de cima” (termo usado por Peter Burke em *A escrita da História – novas perspectivas de 1992*) não se ocuparia, graças à “história vista de baixo”, e a narrativa histórica/cultural desse autor permite que conheçamos. A existência de obras como essa possibilitam, no mínimo, outras possibilidades de se ver! Outras formas de verdade!

Serejo relata no conto a estória de um homem que chega à ranchada do pai pedindo

pouso. Dom Serejo dá permissão. O elemento vai ficando e aos poucos acaba conquistando seu lugar e espaço no local. Dom Serejo passa a desconfiar do homem que pouco fala sobre si e, um dia, acaba por descobrir que o homem era um *teniente-secundo*, um verdadeiro monstro, que, na revolução, foi incumbido de derrubar o partido político dominante. Serejo relata que o final da vida do *viejo* foi marcado pela loucura, e que este fora enviado a Assunción para pagar pelos crimes que cometeu no decorrer de sua vida. O escritor faz questão de agradecer os nomes que fizeram com que essa história fosse possível ser escrita, através das informações e esclarecimentos de pessoas que testemunharam a história na época, e dispõe uma lista de nomes, dando credibilidade e legitimidade ao fato descrito.

Ainda no quinto volume, encontramos a obra *Nioaque (um pouco de sua história)* (SEREJO, 2008, v. 5). Nessa, Serejo descreve a história da sua cidade natal Nioaque. Segundo o escritor, a cidade passou por uma guerra que durou cinco anos. Após localizar coordenadamente o lugar, explica a origem do nome que seria “Anhuac”, significando “cravícula quebrada”, e passa a descrever a história desde o Descobrimento do Brasil até o desbravamento das suas terras mais longínquas, chegando à região do Alto Paraguai. O autor explica que o encaminhamento da digressão histórica, desde o princípio até chegar à região do sul de Mato Grosso, é importante para entender a formação histórica e social de Nioaque. Serejo oferece um panorama que vai de 1500 a 1938, ano em que Nioaque conquista a categoria de cidade. De acordo com o escritor, foi no ano de 1820 que os primeiros desbravadores chegaram à região de Nioaque. Foi ele José Francisco Lopes, o “Guia Lopes”, juntamente com seus irmãos Gabriel e Joaquim Francisco Lopes. Os irmãos desbravam os caminhos, passando por todos os tipos de dificuldades, chegam a Anhuac e se maravilham com o lugar. Em 1841, o escritor relata a luta entre os guaicurus e guaranis, período no qual as fronteiras passam a ser patrulhadas pelos paraguaios, gerando terror nas cercanias de Nioaque. Gabriel Francisco Lopes toma as dores da população e por isso tem sua cabeça posta a prêmio, não sendo jamais capturado. Em 1848, é que se deu o povoamento de Nioaque, época em que foram visitantes assíduos os xamacocos, os caiuás, terenas, cadiueus, entre outros.

Na mesma época, registra-se que o lugar dava seus primeiros passos em direção ao desenvolvimento, uma vez que chegavam aventureiros de todos os pontos do Brasil. Em 1850, são construídas as primeiras casas do vilarejo; em 1853, foi fundada definitivamente a vila de Nioaque. Um ano depois, o vilarejo ganha sua primeira capela, a Vila Próspera. Já em 1864, as tropas de Solano Lopes invadem o território brasileiro e o terror invade a cidade. Em 1867, o capitão paraguaio Blas Rojas se apossou de Nioaque, e “ordena o saque livre, a depreda, e por fim, incendia a vila, reduzindo-a a um monte de cinzas” (SEREJO, 2008, v.

V, p. 284). Em 1872, a vila apresenta sinais de recuperação e é escolhida para sediar a guarnição militar do sul. Em 1887, dezesseis anos após o fim da guerra, Nioaque começava a recuperar-se. Desse modo, quase que ano a ano, Hélio Serejo vai contando a história da cidade que foi tão importante numa determinada época da história dessa região.

No livro seis, a obra *Carai* (SEREJO, 2008, v. 6) serve de acervo de fatos e informações de um período de grande significado sócio-econômico do Estado. Na obra, Serejo descreve a região da erva mate nativa, a Empresa Mate Laranjeira, e Tomás Laranjeira, trata da exploração econômica, da influência política, do aspecto social, da contribuição cultural e folclórica, do declínio da erva, dos heróis anônimos, da paisagem do erval, e de muitos outros aspectos à erva mate, perfazendo um verdadeiro campo de pesquisa e estudo das coisas da época. No capítulo intitulado “Influências políticas”, Serejo apresenta trâmites de Tomás Laranjeira para conseguir mais terras para explorar:

Tomás Laranjeira, em 24 de dezembro de 1879, enviou uma carta ao governo de Cuiabá, um documento histórico, que pertence ao arquivo do Estado do Mato Grosso. Queria arrendar terras de ervais, dando os limites que ele conhecia muito bem obter, ainda, pequenas concessões, a fim de facilitar o seu trabalho de marcantes dificuldades em sua fase inicial (SEREJO, 2008, v. 6, p. 17).

Percebemos em Serejo o compromisso com o registro histórico, e apontamento das fontes que enfatizam o caráter narrativa-documento da sua escrita. Presente também nos seus relatos está o aspecto social de uma região, que começou a abrigar inúmeras caravanas de peões que chegavam prontos a lidar no trabalho da erva, e, dentre eles, se encontravam todos os tipos de pessoas. Ao lado de descrições como esta, de uma terra ocupada por todo o tipo de gente, não deixa de pontuar a preocupação com essa população no quesito assistência médica e hospitalar. De acordo com Serejo:

A Empresa Mate não se descuidou do setor assistencial, pois montou, em Campanário, um hospital que mereceu sempre referências elogiosas de visitantes e autoridades. Desempenhou, sem dúvida, papel, relevante, no atendimento a doentes, inclusive nos casos cirúrgicos considerados graves e urgentes (SEREJO, 2008, v. 6 21).

Nota-se que, ao lado de denúncia de abuso de poder, há também por parte do autor a descrição do lado social e da assistência médica que a Empresa Mate Laranjeira desenvolvia. Quanto à contribuição cultural e folclórica, Serejo pontua que a erva contribuiu decisivamente, bem como a sua industrialização, pois isso levou a cultura do país a uma atividade industrial de peso e força:

Os comentários em geral, as grandes reportagens ilustradas, as palestras, conferências e livros sobre o assunto cunhavam cultura, indubitavelmente, pois ventilavam uma atividade extrativa sem similar no país. As palestras e conferências, aqui no Brasil, ou no exterior, falando da erva-mate, deixavam a todos em permanente curiosidade, uma vez que o tema era de rico colorido, original e atraente. Sobretudo atraente (SEREJO, 2008, v. 6, p. 22).

Hélio Serejo descreve tanto o panorama econômico interno como externo da época. O brilhantismo ímpar e imperioso da erva, aproximando das descrições do período de ouro do café, como bem fizeram outros escritores na época, em que o café foi o grande símbolo de riqueza e prestígio nas regiões pertencentes ao sudeste do nosso país. Além de Serejo apresentar o lado áureo da erva, mostra também o lado do seu declínio, do seu auge ao seu fim:

O declínio trouxe, aos poucos, a preocupação desoladora, e esta, o desespero endoidecedor. Muitos, desiludidos, encerraram as suas atividades. Outros, porém, em virtude da pujança dos seus ervais, passaram a comerciar com a Empresa Mate, já em seus derradeiros estertores, mas que se encontrava muito bem municiada de transportes [...]A Ordem chegou, certo dia, para sangrar o coração de muitos. Não haveria mais embarque de erva. Tudo paralisou. Era o fim. Nas ranchadas desertas ficou o silêncio aterrador [...] (SEREJO, 2008, v. 6, p. 27).

Hélio Serejo registra na sua narrativa o declínio do ‘eldorado sul-mato-grossense’, oferecendo para nós, estudiosos, detalhes e minúcias da história dessa região. É diante dessa riqueza de detalhes, exposta na obra de um escritor atento como Serejo, que acreditamos que muitos trabalhos possam surgir ao ser divulgada essa fonte.

O volume sete tem uma obra biográfica de título *Astúrio Monteiro de Lima* (SEREJO, 2008, v. 7). Nela, Hélio Serejo biografava a vida de um notável ponta-poranense, que dá nome ao livro. Serejo conta a vida de um homem influente e seu envolvimento com a política que, em princípio, nunca fora seu intuito, mas acabou cedendo às pressões, e fez sua parte com brilhantismo tal, que foi digno de ser escolhido por Serejo para ter sua vida biografada.

Na mesma linha biográfica, o volume oito traz *Sismório, o gringo bochinheiro e bandido* (SEREJO, 2008, v. 8), a história de Franck Six Moritz, apelidado de Sismório, nascido em Corrientes, na Argentina. Quando moço, brigão e atrevido, recebeu na Argentina o posto de tenente e desempenhou, no território das Missões, a função de delegado. Exercia seu cargo de forma cruel e vingativa, provando ser um verdadeiro desequilibrado. Por nada mandava matar, ou fazia com suas próprias mãos. A população voltou-se indignada, não deixando outra saída ao delegado a não ser fugir. Sismório acabou por vir “para a região

sulina mato-grossense, onde, com o escoar do tempo, comprovou-se que era um tipo de má índole, um desordeiro e um criminoso cruel” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 127). Serejo discorre sobre as atrocidades cometidas por Sismório no decorrer de sua vida, conta com a colaboração de pessoas que conheceram pessoalmente o bandoleiro, e que, ajudaram com informações para a reconstituição dos fatos. Entre essas pessoas, está a mãe de Elpídio Reis, conhecido escritor sul-mato-grossense.

No volume nove, há a obra *Contos crioulos* (SEREJO, 2008, v. 9), para mencionar a história de uma figura muito representativa na escrita de Serejo: Nhá Chamé. A paraguaia chega à ranchada Baunilha, pertencente a D. Chico Serejo, pai de Hélio, com o marido Ramón, ambos já de meia idade. Na ocasião, o moço Hélio tinha ideia de produzir erva socada em pilão para atender o mercado de Presidente Epitácio, Indiana, Guáira e Campo Grande. Estava assim garantido um trabalho mais brando para o casal: socar a erva no pilão e encher bolsas de dez quilos. “Ramón e nhá Chamé, em pouco tempo, nessa agradável atividade tornaram-se profissionais respeitados. As graciosas bolsinhas de dez quilos enchiam os olhos da peonada” (SEREJO, v. 9, p. 51). Com a ajuda dos dois, a pequena indústria do moço Hélio prosperou. Serejo relata que um dia Ramón amanheceu com fortes dores nos quadris, deixando-o sem condições para o trabalho.

Nhá Chamé passou a exibir um semblante entristecido pela situação do marido. Ramón acaba sendo enviado à Guáira para se tratar. Nhá Chamé se despede do marido com docilidade e dor no coração. Não tendo encontrado no Paraná solução para seu problema, é enviado à Assunção, onde possuía um parente policial. Lá foi operado, porém só resistiu por trinta dias. A notícia de sua morte foi recebida com muita tristeza por todos e, principalmente, pela esposa dedicada. Condizentes com o sofrimento de Nhá Chamé, trataram de nunca deixá-la sozinha. Fizeram com que ela continuasse a se sentir importante e indispensável na ranchada. Ela se ocupava com a cozinha, com o pilão, com momentos de oração à frente de seu pequeno oratório. Quando o mercado da erva socada em pilão se saturou, os pilões foram encostados. A preocupação tomou conta dos peões e de Hélio. Este era responsável por mandar a cada quinze dias uma mesada para sua família, em Presidente Epitácio. Foram reduzidos os empregados para diminuir as despesas e, nesse tempo, a paraguaia fazia as vezes dos transportadores dos carregamentos, ajudava com a carga nesses momentos difíceis de cumplicidade; logo, Hélio fez aumentar ainda mais sua afeição pela mulher.

Após o pai de Serejo colocar à venda as terras de sua propriedade, começa-se a pensar no destino da valente companheira. Esta decidiu por ir para Vila Encarnación, onde tinha uma irmã. Hélio se sente no dever de acompanhar a senhora até Guáira. Como presente, compra

para ela uma mala de couro, onde ela guardou seus poucos pertences. Para eternizar para sempre o que talvez fosse a última vez que os dois se viriam, Serejo faz questão de tirar uma foto com um lambe-lambe. “Pedi duas cópias, sendo uma para a companheira de muita energia, que a recebeu grandemente emocionada, com lágrimas nos olhos” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 56). A despedida entre os dois foi tão emocionada quanto a de uma mãe e filho. Tempo depois, Hélio soube que Nhá Chamé veio a falecer após uma cirurgia. O exemplo da história de Nhá Chamé é figurado por Hélio Serejo nas suas *Obras completas* de Hélio Serejo (SEREJO, 2008), o lado de uma história que talvez jamais fosse escrita, a história de pessoas comuns da qual a História com letra maiúscula não se ocuparia. Esse aspecto é o que faz da obra de Serejo algo tão particular e de fundamental importância na restituição do passado de um povo responsável pela constituição do novo estado, o Mato Grosso do Sul.

Registramos aqui que as obras citadas, os trechos escolhidos não apresentam a totalidade do que é figurado em Serejo. É, sim, apenas uma pequena amostra do que pode ser extraído do “documento” que é a narrativa desse importante escritor sul-mato-grossense. Talvez o que mais amplamente registrou os mais diversos aspectos inerentes à essa região fronteiriça, devido à extensão de suas obras. O arquivo público coletivo que emana das obras de Serejo é a representatividade dos pensamentos individuais das pessoas que ela representa: seres simples, de vida tal qual.

Todos os exemplos apresentados logo acima, são carregados da força da narrativa oral da qual Pacheco defende em *La comarca oral* (1992). Todas as estórias parecem pertencer à memória coletiva cultural oral marcando assim um *locus* específico, pautado na transmissão da sabedoria, da cultura, oralmente.

### **Capítulo III**

*...Eu sou filho da jungle, sou gaudério de todos os pagos, apaixonados das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo...*

(SEREJO, 2008, v. 7, p. 150)

## - O BALAIO MULTICULTURAL DE SEREJO -

O capítulo III trata especificamente de *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008), traçando aspectos referentes à construção de uma identidade sul-mato-grossense na obra, e a análise da linguagem como marca de uma suposta origem. A narrativa literária é analisada em seus pormenores fazendo surgir marcas de um pensamento mestiço, oriundo de práticas cotidianas de um entre-lugar transfronteiriço, “glocal” por natureza, do qual o homem mestiço, híbrido, misturado, o homem simples, comum, figura como protagonista maior deste espaço de fronteira.

### 3.1 - Construção identitária em *Balaio de bugre* (2008), de Hélio Serejo

Logo no início do livro, há uma fala de Serejo explicando o motivo do título. De acordo com o escritor, nas suas andanças pela região do sul do Mato Grosso, acompanhando o pai, Dom Serejo, em peregrinação devido à atividade ervateira, o fez conviver com os bugres e observá-los na vida cotidiana, tanto na lida com a erva, como nos seus momentos de lazer e descanso; e, nesse contexto, um fato lhe chamou a atenção em particular: sempre havia um balaio velho, feito de lâminas de taquara, ao lado de um bugre. Esta constatação fez com que ele nomeasse a obra como *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008). E o que há no balaio do bugre? Aquele objeto estimado com o qual os ‘bugres’<sup>9</sup> estavam e estão sempre ‘atracados’ parece reunir um universo de coisas que definem o próprio dono; um cesto a carregar uma vida de significados. E o autor explica:

Qual o seu conteúdo? Quase incrível isto: atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca, semente de abóbora, carretel-de-linha, lenço de chita, pedra de isqueiro, colher, faca, cuia de porongo, pedaço de rapadura, mandioca, pena de arar, unha de gavião, dente de onça e mil e uma bugigangas (SEREJO, 2008, p. 93).

Serejo ressalta ainda a importância do balaio para o bugre: “Bugre briga e morre para defender o seu balaio. Tem-lhe estima imensa. É jóia preciosa que a natureza lhe deu” (idem). A ideia do Balaio vai ao encontro da presença multicultural na escrita de Serejo, pois não só seu “balaio” tem um pouco de tudo, como também este tudo vem recheado da mistura histórica de nacionalidades, classes sociais, identidades e origens. E o que o leitor encontrará

---

<sup>9</sup> O vocábulo ‘bugre’ é usado como simples apelo e/ou referência aos termos usados na obra de Hélio Serejo, com ausência total de nossa parte ao sentido pejorativo que o mesmo apresenta em alguns lugares do Brasil em relação ao indígena. O nosso foco é analítico-cultural e não analítico-discursivo.



no balaio de Serejo? Nada mais, nada menos que noventa e três subtítulos dos mais variados temas e assuntos ligados à região da fronteira Brasil/Paraguai.

Para citar alguns deles: “Gratidão de caboclo”; “Mocinha d’Oeste”; “Pampa Bravo”; “Guasquiando”; “Ditos e crioulisto”; “Crendice”; “A índia de olhos de fogo”; “Folclore”; “Cavalgada típica mato-grossense”; “Um pouco sobre os índios”; “Os quilniquinaus”; “Os xamacocos”; “Os araés”; “Os guaicurus”; “Provérbio”; “Chimarrão”; “O uirapuru”; “Palavras do prosador crioulo”; “Poronguito”; “Pelos meandros do nativismo”; “Mirando a tarde crioula”; “Cepo crioulo”; “Carapiá” e outros. Este é um pouco do conteúdo que recheia o balaio de Serejo.

No livro *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (1981), Elpídio Reis menciona que, na obra *Balaio de bugre*, Serejo reuniu o que viu e o que ouviu do próprio bugre (o caboclo) mato-grossense, peão, vaqueiro, sertanista, campeiro, caçador de onças, pescador, lavrador, ‘gaudério’, cigano, cuja única riqueza material cabia toda dentro de um balaio. E que riquezas, afirma:

Por essas “porcariazinhas” o bugre dá a vida, e mata também se for necessário. Por que elas simbolizam uma riqueza espiritual, cultural, poética muito mais valiosa, mais antiga, mais forte, mais duradoura, mais superior: a riqueza das tradições, dos usos e costumes em que o homem e a terra formam uma unidade sólida, ligados à natureza, como se fossem um só. Uma pena de gavião pode representar mil lendas heróicas e a semente de abóbora é remédio, é chá, é amuleto, é panacéia, é vermífugo, é proteção contra o mal olhado, é riqueza de imaginação. “Que é? Que é? Planta-se tábua, nasce corda? – é a própria abóbora, cuja semente parece uma tabuazinha, mas plantada, dá nascimento à rama comprida como corda, de abobadeira, que se estende e frutifica pelo chão. De galpão em galpão, num rodeio de saudade ouvindo as abusões de Mato Grosso e outras terras, cantando versos da madrugada ao som da viola sertaneja, ou rezando as contas do rosário, lembrando estórias da Guerra do Paraguai [...] (REIS, 1980, p. 127-8).

Serejo não trata de um regionalismo local restrito à divisa Brasil/Paraguai somente, e sim um fenômeno maior que abarca todo o contexto da América Latina em si. De acordo com Hall (2003, p. 45-6), atualmente o “local e o global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é a condição de existência do outro”. Esse fenômeno, descrito por Hall, assegura teoricamente o que encontramos em Serejo, uma miscelânea de temas e assuntos que extrapolam uma carga imagética local.

### 3.2 - Tecendo a construção de uma identidade

Eu sou filho da 'jungle', sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira da estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada [...] Sou misto também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo (SEREJO, 2008, v. 7, p. 150-1).

Essa afirmação mostra o indivíduo diaspórico, quando diz que veio de longe, que é um "cruza-campo"; mostra também um ser globalizado ao usar as expressões "*jungle*", "trota-mundo" e "cria" de todo os galpões da terra. Serejo, com a sua sensibilidade de poeta, seu olhar de observador, retrata seu mundo local (o mundo do erval, da fronteira, no caso de Serejo) verossimilhante ao mundo global, universal, que de certo modo apresentam os mesmos tipos de mazelas, problemas e dificuldades. Serejo retrata na obra a diáspora, o encontro de diferentes culturas, a mistura multicultural advinda desse contato, bem como as pressões político/econômicas das regiões subdesenvolvidas. Ao fazê-lo, cria o "seu mundo" verossimilhante à história de todos os povos que viveram no bojo das mesmas pressões e situações de pobreza e submissão. Nesse aspecto, cabe citar a questão da "cor local", que se refere ao de embate sociocultural entre povos, nos confrontos e adaptações que esse contato implica. Ao tratar dos elementos da "cor local" em Hélio Serejo, Leoné Barzotto (2010) argumenta:

Portanto, na literatura, é típico da cor local trazer evidências que configuram um determinado grupo de pessoas ou um determinado espaço geográfico ou, ainda, ambos. Dentro dessa perspectiva, a literatura de Hélio Serejo é permeada por marcas culturais que podemos compreender como elementos da cor local sul-mato-grossense, uma vez que esse autor carrega a tinta de sua caneta para proficuamente delinear os atributos de seu povo e de seu estado (BARZOTTO, 2010, p. 2).

Em acréscimo a esse trecho poderíamos citar Bhabha (1998, p. 65), quando ele diz que: "Nenhuma cultura é unitária em si mesma", o que autoriza a dizer que Serejo é um verdadeiro 'balaio de bugre', tendo em mente a ideia de balaio como algo que possui no seu interior, de "tudo" um pouco, uma vez que sua obra em proposta de estudo não é unitária em si mesma, muito pelo contrário, é uma miscelânea multifacetada de diversos ícones. Hall colabora quando afirma:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia [...] à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de

identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. Ainda nesse autor vemos que a identidade esta sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 13).

Também de acordo com Hall (1999, p. 70), o fenômeno da globalização interfere diretamente na visão ou conceitualização de identidade cultural e sua consequência, enquanto ‘plurarização’ de identidades, coloca-se diante do jogo de identidades. Este ‘jogo’ se dá porque muitas vezes as identidades são contraditórias ou se cruzam mutuamente, pois nenhuma identidade singular pode alinhar todas as identidades de forma única.

O sujeito pós-moderno tem essa identidade cambiante, em constante transformação. Essa afirmativa é assegurada por Hall:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 1999, p.13).

Segundo Culler (1999, p. 51) “O trabalho, nos estudos culturais, se harmoniza particularmente com a problemática da identidade e com as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas”. Na obra de Serejo, encontramos uma suposta origem, uma identidade em formação, a mistura que veio a ser o povo sul-mato-grossense, a mistura do caboclo, do campesino, do sertanejo, do andarilho, do indígena, do peão, do migrante, constituindo desse modo o peso da memória, o registro da formação dessa gente. Homens comuns, figurados como protagonistas nas narrativas, fazendo o papel de dignos representantes, pilares para a construção de uma identidade, a identidade de uma comuna cultural que acaba de nascer. O que Serejo faz aflorar em suas obras configura o que Pablo Rocca (2005) postula como ‘comarca cultural’:

Nadie, sensatamente, podría pensar lo contrario em las líneas generales de una cultura que, evidentemente, tiene concordancias comunes. [...] Sabemos de sobra que las historias nacionales de la cultura han defendido la idea de que vivimos una experiencia insular de la temporalidad, cuando un poco de distancia nos permite apreciar que vivimos en temporalidades simultaneas (ROCCA, 2005, p. 154-155).

Serejo, ao relatar a história de cada um, relata também a história da região, e vice-versa. Quando fala de si próprio também dá pistas da sua formação. O trecho citado na abertura deste item (3.2), marca o *locus* de enunciação ao qual o escritor pertence: a fronteira Brasil/Paraguai. Ao definir o *locus*, revela todas as características específicas dessa região, como os ervais, os barbaquás, os urus, os bailezitos, etc. Para melhor tratar do quesito linguagem, abrimos, na sequência, um subtítulo para abordar esse aspecto mais detalhadamente.

### 3.3 - O aspecto da linguagem como marca de uma identidade

No estatuto da linguagem ou linguagens, encontramos na obra em estudo, poemas, glossários, expressões regionais, folclore, crendices, remédios caseiros e outros, perfazendo uma verdadeira miscelânea de assuntos.

Para citar alguns, destacamos: O glossário está presente nas duas obras no volume 1 e 2. Em *Balaio de bugre 1*, nas páginas 48 e 49, aparece: “[...] REIÚNO, ou *reuno*, na fronteira Brasil/Paraguai, é o animal sem dono, desconhecido de todo, que aparece nas fazendas[...]”; ou ainda, na página 141, a definição de: “[...] BARBACUAZEIRO- peão que trabalha no ‘barbacua’. Desempenha papel importantíssimo numa ranchada ervateira. É o ‘homem-chave’ para se conseguir um produto de excelente qualidade”.

As expressões regionais podem ser encontradas nos dois volumes, sendo que no segundo, na página 15, encontramos: “[...] Alegre e assanhado como sapo em dia de chuva. Faceiro como ganso novo. Divertido como moça solteira em festa de batizado”.

As manifestações populares e religiosas são também fartamente pontuadas em *Balaio de bugre 2* (SEREJO, s.d.), como por exemplo na página 15: “Quem tocar flauta de taquara na noite de Natal será bafejado pela fortuna: encontra facinho tesouro enterrado”. E ainda na página 54: “Quem parar, ao meio-dia em ponto, numa encruzilhada, e fizer no chão com o pé esquerdo um “X”, afugenta todos os males que o atormentam”.

Os remédios caseiros aparecem também nos dois volumes. No primeiro, à página 117, encontramos: “[...] Bugre sabe que ‘carapiá’ tem um nome sagrado: ‘milagre de Deus’ – com essa planta se cura qualquer enfermidade de estômago ou intestino. Principalmente intestino. Doente ‘quase morto’, com complicações nas tripas, fica curado, rapidamente com o uso da ‘milagre de Deus’[...]”, já no segundo volume, na página 93, encontra-se a cura para o bócio: “[...] Chá de cipó-imbé, tomado à beira de uma água corrente, é remédio que não falha nunca. A planta denominada ‘capa-homem’ é remédio que cura de verdade [...]”.

Assim, vamos lendo Hélio Serejo e encontrando as mais diferentes riquezas prontas a serem vastamente analisadas. Nesse sentido, Barzotto amplia a discussão acerca da estratégia da linguagem em si, demarcando um potencial de resistência e registro quando diz:

A língua é muito mais que um recurso poético ou um estilo do autor, é acima de tudo, um instrumento de luta, de sobrevivência, de garantia de posteridade [...]. Por meio do que constitui a língua escrita pós-colonial, torna-se possível, portanto, o registro da história, um alerta aos homens, um documento literário sobre os acontecimentos de seu povo, suas experiências sociais e históricas, sua etnia; enfim, a formação de sua identidade cultural, enquanto sujeito e parte da nação (BARZOTTO, 2008, p. 308).

Em *Balaio de bugre* (2008), o *locus* de enunciação é claramente marcado em toda a obra, exibindo com riqueza termos gaúchos como: guampa ou guampo (copo feito de chifre de gado usado para colocar a erva mate, preparar o chimarrão ou tereré), chinoca (mesmo que moça, mulher bonita), pilchado (paramentado, vestido); termos do espanhol: *patrón* (patrão), *Diós* (Deus), *gracias* (obrigado); termos ligados aos índios: *tuxaua* (líder da tribo, cacique), *areotorare* (tribo indígena do norte do Estado de Mato Grosso), *mitã-i* (menino que presta serviços nas ranchadas ervateiras); e termos ligados à extração da erva mate: *tini* (primeiro corte das folhas da erva, feita logo ao clarear do dia), *topitá ou topuitã* (corte de folhas da erva que ficou para o dia seguinte, ato desmoralizante para o ervateiro), *tapiy* (rancho).

Para citar mais especificamente, o subtítulo denominado “Pelos meandros do nativismo” (SEREJO, v. 7, p. 175-6), traz termos como: lestada (vento forte do leste); banhamento (charco, lugar que se deve passar com cuidado); bombiar (olhar para o tempo para ver se vem chuva ou não); pororoca ou capororoca (árvore de madeira não nobre, inferior); embeleco (aquilo que cativa, atrai); *boiguaçu ou mbói-guassú* (cobra grande em guarani); *caúira ou caúila* (avarento, mesquinho), entre outros. Também em “Os vocabulários dos ervais”, temos a definição de vários termos como: *raído* (carga de folhas que o ervateiro traz às costas); *tape-guaçu* (estrada maior da ranchada ervateira, por onde trafegam os caminhões); *tapê-hacienda* (estrada dentro do erval que cortam a estrada maior); *tape-poi* (trilhos que partem dos tapê-hacienda); *uru* (encarregado, barbaquazeiro); *ykuá* (cacimba), entre muitos outros relativos aos ervais. Este último termo, é descrito por Serejo na obra *Textos esparsos e Glossário*, de maneira poética e forte, e por si só talvez fosse capaz de sintetizar toda a força, coragem, dores e sofrimentos das quais foram protagonistas essas mulheres, esses homens, toda essa gente:

*Ykuá* – cacimba. Nessa água silenciosa a mulher dos ervais, cantando ou chorando, lava a roupa grosseira impregnada do cheiro do mate. Ela, paraguaia ou brasileira, foi, com justiça, cognominada a heroína dos ervais. Muitas vieram do Paraguai mocinhas, cheias de vida, formosas e ingênuas, e velhas, e esqueléticas e enfermas se tornaram, ante a bruteza da vivência (SEREJO, v. 9, p. 286).

### 3.4 - Narrativa e Modo de Representação em *Balaio de bugre*

Em termos de produção literária, não há muitos escritores que se comparam a Hélio Serejo em Mato Grosso do Sul. Seus contos e poemas são escritos com a sensibilidade de quem se fez poeta na observação da vivência cotidiana dos trabalhadores fronteiriços, onde ganham primeiro plano os paraguaios, índios, caboclos, gaudérios e a cultura ligada aos trabalhadores ervateiros. Podemos observar toda essa mistura identitária em *Balaio de bugre 2* no conto “Chimarrão”, em que temos a figura do gaúcho já presente em terra mato-grossenses, introduzindo sua cultura às novas terras desbravadas:

O gaúcho ou o mateador inveterado de outros pagos, saúda a madrugada, com a cuia de mate na mão. A velha mãe gaúcha ou o índio gaudério, na roda do amargo bem cevado, entropilham as lendas e causos, ensinando as crianças e aos maiores a vivência passada, o respeito às tradições, o bem-querer aos pagos crioulos e o amor à Pátria [...] (SEREJO, s.d., p. 75-76).

Nesse pequeno trecho já se pode perceber a riqueza multicultural a ser explorada na obra de Hélio Serejo, na qual detectamos ícones relevantes ao nosso estudo como: o gaúcho, o índio, o mate, as lendas, os causos, as tradições. Também o autor aborda o ciclo da erva mate, descrevendo os costumes, práticas e histórias que giram no entorno das plantações. Desse modo, o enredo da narrativa gira dentro desse mundo, do ciclo da erva mate, do folclore, dos mitos e crendices da região, e tudo o que é ligado ao povo, à história, à cultura, à economia e à política dessa gente, bem como um pouco de sua fauna e flora.

De acordo com Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2003), o autor é agente da unidade ativa do todo acabado, dos personagens e do todo da obra em si, ou seja, tudo vem da consciência criadora do autor:

A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa. O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada

personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é do todo da obra (BAKHTIN, 2003, p. 11).

Em *Balaio de bugre* (2008) e em toda a vasta obra de Serejo, encontra-se uma narrativa impregnada da presença do autor e da sua trajetória de vida pela região da fronteira Brasil/Paraguai. O escritor dos ervais relata as condições de existência desses homens em seus pormenores e com riqueza de detalhes, em todas as etapas da elaboração da erva mate, bem como todas as operações realizadas pelos trabalhadores ervateiros, gerando a economia de subsistência da região. E escreve porque viveu nesse chão, comungou com essa gente, presenciou os hábitos e costumes, ou seja, bebeu da sua cultura porque fez dela fonte que aniquila a sede do corpo e da alma.

A característica de Serejo, de anotar tudo o que via e ouvia, vem desde sua infância, aos treze anos, quando começa a trabalhar no jornal *Folha do Povo*. Esse enfoque do lado histórico reportivo do autor também é evidenciado na dissertação de Carla Villamaina Centeno (2000, p. 52), quando esta afirma que em Hélio Serejo, “seus personagens e histórias não são ficcionais e, talvez para não comprometer algumas pessoas, o autor usa nomes fictícios”. Quando o autor traz para o presente a lembrança de fatos remotos que ajudaram a compor a sua formação intelectual, a figura do avô aparece para dar maior credibilidade. Segundo consta da biografia de Hélio Serejo, o seu avô paterno ocupara a patente de Coronel na Guerra do Paraguai pertencente ao Exército brasileiro, num período em que as patentes militares significavam não apenas o resultado dos anos de disciplina e vida militar, mas somavam-se ao reconhecimento pelo nacionalismo, coragem nas lutas e contribuições às grandes causas empreendidas.

Também a presença de Serejo como autor/narrador e/ou personagem é uma constante em seus relatos, conferindo assim maior autenticidade aos fatos narrados por ter sido testemunha ocular da formação da história dessa gente. Serejo, no seu “balaio”, exhibe essa mistura de povos, de gente, e a sua obra é repleta da representação de uma parte de todos esses seres. Desse modo, não há como pontuar personagens principais, coadjuvantes ou secundários, uma vez que cada trecho, cada subtítulo, possui a sua própria história.

A crônica, o conto e o romance são modalidades do gênero narrativo empregadas pelo autor sul-mato-grossense Hélio Serejo para registrar as manifestações culturais, a história socioeconômica e a linguagem da região fronteira Brasil/ Paraguai no final do século XIX e até meados do século XX.

Santilli, no seu artigo “Américas da América: Romance de Fronteira e a Singularidade Cultural do Brasil”, fala que retomar os romances de fronteira é um recurso propício para se fazer uma sondagem sobre as questões das singularidades do Brasil, uma vez que por uma amostra mínima de problemas territoriais e diversidades locais se constrói uma singularidade cultural. Tal aspecto também encontramos, claramente, nas obras de Serejo.

Poetizar não é uma atividade que paira sobre a vida e a realidade, representando uma idéia de Vico, Hegel e Nietzsche quanto de Freud e Lévi-Strauss e até mesmo para a ciência. Para White, já não somos obrigados, pois, a acreditar – como os historiadores do período pós-romântico – que a ficção é a antítese do fato (como a superstição e a magia é a antítese da ciência) ou que podemos relacionar os fatos entre si sem o auxílio de qualquer matriz capacitadora e genericamente ficcional. (SANTILLI apud ABDALA Jr. *et al.*, 2004, p. 287).

Esse trecho é de importância para o estudioso contemporâneo já que percebem a obra literária como representação de fatos de aspectos históricos e culturais de um povo e de uma época. Segundo Santilli:

Ainda que a História e a Literatura possam construir cada qual seu horizonte de expectativas, ou tragam distintas percepções das coisas, e a Literatura se conceda não só “conservar as experiências vividas”- como faz a História – “mas antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social”. (SANTILLI apud ABDALA Jr. *at al.*, 2004, p. 287-8)

A história e a literatura estão implicadas a combinar, por um lado numa dimensão episódica, caracterizando a história construída partindo de acontecimentos, e a outra, a dimensão configuracional, no qual o enredo gera todos os significados partindo de acontecimentos dispersos. Colocada dessa maneira, a fragilidade de limites entre história e ficção faz observar como fatos e dados se apresentam no registro histórico das fronteiras do Brasil se fazendo matéria-prima da produção e da representação literária, apresentando resultados iguais ou diferentes em relação ao discurso da história. Em Serejo, tudo isso se mistura, fazendo com que sua obra transfronteiriça anuncie singularidades da região que abriga um plural, uma mistura, o próprio Brasil, multiétnico, donde se dá o cruzamento de diferentes culturas.

### **3.5 - Narrativa fragmentada do ‘balaio’**

Como elencamos logo acima, a narrativa de *Balaio de bugre* (2008) é fragmentada em 93 subtítulos. Essa montagem de vários tipos de textos, de diferentes assuntos é comum ao Pós-Modernismo, no qual, juntamente com a fragmentação da identidade e dos sujeitos, é



representada como que em bricolagem, ou ainda, por que não dizer, em desconstrução. Também o aspecto do diverso e do multicultural pode ser ligado a esse tipo de narrativa e modo de representação, uma vez que a fragmentação, a colagem, o ecletismo, e o relativismo são percebidos na obra de Serejo, e é um pouco da face do que denominamos pós-modernismo. Em colaboração a essa afirmativa, David Harvey postula:

O pós-modernismo privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou “totalizantes” são o marco do pensamento pós-moderno (HARVEY, 1992, p. 19).

O “balaio” vai ao encontro dessas ideias, de fragmentação, de heterogeneidade, de redefinição de discurso cultural, uma vez, que nas narrativas, o escritor marca a presença do multicultural, da mistura. Isso se comprova porque na escrita de Serejo, dentro do seu “balaio”, não apenas tem um pouco de tudo, como também este “tudo” vem recheado da mistura histórica de nacionalidades, classes sociais, identidades e origens, e é exatamente isso que encontramos nos 93 subtítulos da obra: os mais variados temas, os mais diversos assuntos da região transfronteiriça Brasil/Paraguai.

Em *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008), Serejo dá detalhes da vida nos ervais, apresentando a vida difícil, os entreveros, as doenças, e até mesmo a socialização entre os trabalhadores, bem como o seu tempo de folga e seus hábitos adquiridos na região, como a roda de tereré, os bailes, sempre ressaltados pela historiografia, e que precisam ser compreendidos nos seus determinantes, ajudando a construir assim o contexto histórico/social desse espaço. Como diz Santiago,

A coisa narrada é mergulhada na vida do narrador e dali retirada; a coisa narrada é vista com objetividade pelo narrador, embora este confesse tê-la extraído da sua vivência; a coisa narrada existe como puro em si, ela é informação, exterior à vida do narrador. (SANTIAGO, 2002, p. 46).

E Santiago continua, sugerindo uma segunda hipótese para esse narrador pós-moderno,

O narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” em decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. (SANTIAGO, 2002, p. 44).

Neste caso, para Santiago, aparece a questão da verossimilhança, que passa a ser um produto da lógica interna do que é relatado. E justifica que o narrador pós-moderno tem o conhecimento que o “real” e da “autenticidade” são construções de linguagem. Segundo o teórico, a experiência do ver, da observação, faz com que falte à ação representada a credibilidade da experiência, que passa a ser ligada ao observar, à experiência do olhar. O narrador observa para que seu olhar se faça palavra, construindo desse modo uma narrativa.

Em *O Engenho da narrativa* (2006, p. 74), de Sérgio Vivente Motta, há considerações acerca da mimese, da verossimilhança, ao citar Paul Ricoeur (1994, p. 67): “Por um lado, a imitação é simultaneamente um quadro humano e uma composição original; por outro lado, consiste numa restituição e num deslocamento para o cima”. Ou seja, é semelhante ao mundo exterior, mas é também uma reconstituição, um deslocamento, uma vez que, ao escrever, o autor configura o que vê ao seu modo. A visão de Serejo, entretanto, presente textualmente em suas histórias compreende as identidades não a partir de uma ideologia única, mas a partir das perspectivas culturais dos sujeitos ali representados.

### **3.6 - O uso dos pronomes pessoais e a linguagem no “balaio”**

Michel Butor, em *Repertório* (1974) apresenta no quinto capítulo o tema “O uso dos pronomes pessoais no romance” (p. 47). De acordo com o estudioso, a escolha de uma das formas, primeira ou terceira pessoa, nunca é aleatória, nem inocente, uma vez que usar um ou outro transforma a nossa situação de leitor. Segundo Butor, a terceira pessoa é a forma mais ingênua de narrar, enquanto que a primeira passa maior credibilidade porque conta de si mesmo unicamente aquilo que sabe. Hélio Serejo usa, em *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008), tanto primeira quanto terceira pessoas. Citemos alguns casos de uso de primeira pessoa:

- No subtítulo de número 8, nomeado “Mocinha d’Oeste”, encontramos: “Trasanteontem, eu passei por esta cidade [...] olhando a paisagem urbana, na hora crepuscular, pensei cá com meus botões e falei depois, alto, no delírio do entusiasmo [...]” (SEREJO, 2008, p. 100).
- No subtítulo de número 16, nomeado “Ao prof. Michael”, encontramos: “Meu distinto patrício prof. Faris Antonio S. Michael. Acabo de ler o seu precioso livro MANUAL DA CONVERSAÇÃO DA LÍNGUA TUPI, vindo à luz em boa hora [...]” (SEREJO, 2008, p. 108).
- No subtítulo de número 41, nomeado “Palestra”, encontramos: “O meu comparecimento aqui, esta noite, na qualidade de palestrante, nada mais significa do

que meu sincero agradecimento, pela honraria, a mim concedida, por esta simpática diretoria com o convite amável formulado para que pronunciasse uma palestra sobre folclore, tema de livre escolha” (SEREJO, 2008, p. 133).

Por conseguinte, citamos alguns casos de uso de terceira pessoa:

- No subtítulo de número 6, nomeado “Palavras a um morto querido” (SEREJO, 2008, p. 97), encontramos: “Na terra dos pinheirais, sob o vento gélido de Ponta Grossa, não resistindo à crise aguda do mal aterrador, ele vergou o corpo e cerrou, lentamente os olhos para a eternidade. Desapareceu um justo. Caiu um monumento da sinceridade”.
- No subtítulo de número 56, nomeado “Sapo-cachorro” (SEREJO, 2008, p. 157), encontramos: “Ele, o macho, não é cria de Mato Grosso, nem do Mato Grosso do Sul. Veio, e não é lenda, dos confins dos Gerais nordestinos, lá por onde correm o Urucuia, ribeirão da Barra, Água Branca e uns que deságuam no São Francisco, o velho Chico histórico e querido de milhões”.
- No subtítulo de número 73, nomeado “Esparramando a graxa” (SEREJO, 2008, p. 186), encontramos: “O dito vem de muito longe. Não se sabe, ao certo, a sua verdadeira origem. Ele, porém, encontrou boa guarida, como designação jocosa, dentro do falar campeiro, na região sulina mato-grossense”.

Somado a esses exemplos, vale retomar o conto “Palavras de um prosador crioulo” (SEREJO, 2008, p. 150), citado no item 3.2, trecho considerado de relevância por todos os estudiosos da obra de Hélio Serejo, por nele o escritor se autodenominar um bugre legítimo com arremedos de ‘homem civilizado’. Serejo escreveu como um pintor ao fazer do mundo a sua tela e se fez poeta na observação da vivência dos trabalhadores fronteiriços (paraguaios, índios, caboclos, gaúchos), personagens de uma história de sofrimento e exploração, sobretudo, da produção de erva-mate no nosso estado. Neste mesmo trecho cabe ressaltar o aspecto do narrador, muito forte em Serejo, uma vez que muito do que escreve na obra é fruto das suas vivências, dando, desse modo, à narrativa, o tom de relato, de memória, de reminiscência. No referido conto, além de percebermos a questão pronominal de primeira pessoa, pontual também faz-se observar a questão do espaço na obra, tanto o físico quanto o social, marcados pela diáspora, pela mistura, pelo híbrido. Há de se ressaltar ainda que o espaço e o tempo podem ser específicos, dependendo de cada um dos 93 subtítulos presentes

no livro, consolidando, uma vez mais, o aspecto da fragmentação, nesse caso, a espacial/temporal na obra de Serejo.

Quanto à linguagem usada na obra, o que encontramos é uma linguagem simples, direta, semelhante a um depoimento, trazendo o testemunho de quem vislumbrou de perto muitas daquelas ocorrências, ou ainda, que delas participou, ou teve a oportunidade de colher as informações junto aos que foram os atores reais, de uma época relevante da história da fronteira Brasil/Paraguai.

Todo esse arcabouço vocabular presente na obra exhibe a mistura da linguagem, riquíssima devido à proximidade com a fronteira paraguaia, os migrantes da região, e o vocabulário ervateiro, abrindo um leque de fontes de pesquisa para os linguistas e demais interessados em regionalismos, vocabulários específicos ou ainda neologismos, devido à mistura das línguas, já híbridas, da fronteira. Nesse sentido, a obra serejiana é uma metáfora celebratória ao hibridismo cultural da fronteira que expressa. Ana Aparecida Arguelho de Souza, no seu artigo “O Balaio do Bugre Serejo: história, memória e linguagem”, fala da característica “narradora”, “relatora” de Serejo, quando profere:

Serejo mapeou toda a cultura da região, tipos humanos, trabalho nos ervais, costumes, alimentação, festas, danças, mitos, lendas, superstições, e muito mais. Na linguagem, conseguiu aptar o espírito do homem fronteiriço, no seu falar mesclado e peculiar, próprio da fronteira Brasil/Paraguai (SOUZA, 2009, p. 124).

A escritura é permeada por componentes e expressões que revelam o caráter sertanejo, os costumes dos ervateiros, um verdadeiro retrato histórico regional do local, recheados de tipos regionais desempenhando atividades inerentes a esse meio. Ou seja, os temas nas obras de Hélio são representativos de uma época, de um espaço, de uma parte da história nacional, caracterizada pelas lutas, pela bravura, pelos conflitos de toda ordem.

Hélio Serejo escrevia as suas obras com o cuidado de não forjar as verdades, mas sim de registrá-las com a maior autenticidade e espontaneidade possíveis. Por ter sido um homem fronteiriço, viveu e assistiu de perto as dificuldades de um tempo de exploração, de um tempo que foi palco do povoamento e da política do Mato Grosso do Sul. O que Hélio Serejo faz é se debruçar na história, na cultura, no social, para costurar as diversas cenas de um tempo exposto em inúmeros temas.

### 3.7 - Pensamento Mestiço em Hélio Serejo

Da filosofia mestiça, entende-se uma forma de exercer o pensamento de modo mestiço, não se agarrando aos conteúdos, mas às formas, na combinação dos elementos. Da arte mestiça, ouve-se a voz do heterogêneo e do plural, exibem-se as múltiplas facetas e a complexidade. Da escrita mestiça, vislumbra-se uma tradução global de identidade e realidades contemporâneas, múltiplas e polimorfas, que é o próprio desígnio de uma literatura moderna mestiça.

Em Hélio Serejo e em sua obra encontramos: a) ética mestiça, b) filosofia mestiça, c) arte mestiça, d) escrita mestiça, e) língua mestiça, entre outros. Como “a” e “b”, ética e filosofia podemos citar o Conto “Vida de erval”, que em apenas três parágrafos resume como funcionavam esses dois aspectos na região dos ervais embrutecidos. O simples fato de um “ingênuo aconcágua” pegar uma cunhã para dançar, pode levantar os ímpetos de algum sangue mais esquentado e provocar uma verdadeira carnificina. Mesmo que um “mineiro arrojado” tente evitar a tragédia, os ânimos enfurecidos imperam:

Uma faca longa e filosa reluz no ar três vezes seguidas. Ouve-se um grito macabro e angustioso. Um corpo sem cabeça cai pesadamente no chão. Nessa mesma noite fez-se o velório enquanto a farra prosseguia como se nada houvesse acontecido. São tragédias vulgares das fronteiras abandonadas (SEREJO, 2008, v. 7, p. 112).

Esses são os desígnios da ética dos ervais selvagens, é a filosofia dos homens embrutecidos pela vida, onde o sangue quente sempre fala mais alto como uma defesa de sobrevivência nas suas atividades diárias; indivíduos que são levados a todos os outros seguimentos de suas vidas. Outro conto que apresenta esse viés é o conto “De tudo um pouco”, que narra um desentendimento entre peões dos ervais devido ao aluguel de sua esposa para outro homem enquanto viajou para o Paraguai. No retorno, o locatário não quis pagar a quantia combinada. Foi motivo que o fez partir para as vias de fato:

O marido, muito mais velho, pouco ágil, recebeu no ombro tremenda porretadas que prostrou por terra. Seus amigos, justamente revoltados, quase mataram o alugador, de tanto baterem. Tão violenta foi a sumanta, que lhe vazaram um olho. O marido, miseravelmente enganado, em consequência da brutal agressão, ficou aleijado do ombro e braço esquerdo para o resto da vida (SEREJO, 2008, v. 7, p. 144).

No erval, essas eram as leis, assim funcionava a ética, essa era a filosofia dos homens embrutecidos: a força, a violência. Era uma luta de sobrevivência que levava o ímpeto na

ponta da faca. Assim resolviam as suas perrengues. Já como os outros três pontos: arte mestiça, escrita mestiça, língua mestiça, em *Balaio de bugre* (2008) encontram-se vários exemplos. Para enfatizarmos alguns em de “De tudo um pouco” temos: “*ETA muy vieja, patrón. Vieja mimo! E tiene poça voluntá de atender las necessidads Del hombre...*” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 144)”. Em “O carpinteiro” encontramos uma mistura de português com vocábulos em castelhano: *unas platitas, personal, patrón, muy divertido e caliente* (SEREJO, 2008, v. 7, p. 145-6). Em “Galponeiro” figuram as frases: *vivie siempre fregano las manos; al juez supremo del cielo; a su gusto, sin freno; a la voluntad de Diós; Diós amable* (SEREJO, 2008, v. 7, p. 178-180); em “Jão” encontramos a expressão: *hombre platudo*; o vocábulo: *Diós*; e a frase: *Mejor asi...no peleará mas el muestro* (SEREJO, 2008, v. 7, p. 207-215). Esses são alguns dos exemplos que figuram na obra e que nos dão um exemplo claro da lacuna metonímica diante do choque das línguas devido à proximidade de fronteira. Percebemos aqui também a marca da oralidade da qual já discutimos. Em trechos como esse poderíamos ir mais a fundo fazendo um trabalho de análise de resíduo ou índice de oralidade do qual fala Paul Zumthor :

Por “índice de oralidade” entendo tudo o que no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação* – quer dizer, na mutação pela qual o texto passou, uma ou mais vezes, de um estado virtual à atualidade e existiu na atenção e não memória de certo numero de indivíduos. (ZUMTHOR, 1993, p. 35)

### 3.8 - Práticas cotidianas no entre-lugar fronteiriço

Hélio Serejo é esse homem simples, de gestos xucros, como ele mesmo se denomina no conto “Palavras do prosador crioulo”, selecionado como uns dos contos *corpus* dessa pesquisa. Lá, o prosador se apresenta como homem que veio de longe (faz menção aos seres diaspóricos vindos das terras incaicas, do recôncavo do mar, do altiplano boliviano, do Chaco Paraguai), vencendo bailados demoníacos, cólera e tormentas até se afixar na fronteira do Brasil com o Paraguai “na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 150).

Sabe-se que, com o advento do capitalismo, muitas mudanças ocorreram nas sociedades e em todos os seguimentos inerentes a ela. A literatura, por exemplo, que antes servia ao clero, à nobreza, aos burgueses, passa a se deslocar no enfoque dos trabalhadores, nas lutas de classes, nas reivindicações de direitos, como a literatura chamada “engajada”. Envereda por defender as minorias étnicas, sexuais etc., até que dá enfoque ao homem

comum, às pessoas comuns. Interessante é pensar no fato de que ao se instaurar a Era da Morte do Autor, abre-se espaço para o herói anônimo, para o homem que Certeau (2003, p. 60) denomina de “cada um” e “ninguém”.

O extravio da escrita fora de seu lugar próprio é traçado por este homem ordinário, metáfora e deriva da dúvida que a habita, fantasma de sua “ vaidade”, figura enigmática da relação que ela mantém com todo o mundo, com a perda de sua isenção e com sua morte (CERTEAU, 2003, p. 61).

O homem comum que sempre apareceu na literatura como o oprimido, o subordinado, o execrado, passa a figurar supremo em primeiro plano, numa explícita inversão do saber que era de poder do “iluminado”. O trivial passa a não ser mais o Outro, mas o outro. O homem ordinário passa a ser o narrador que dita o lugar, o discurso, o espaço da sua interlocução. Este novo espaço que conquistou é o ponto de chegada de toda uma trajetória de evolução dentro da literatura. Essa nova trajetória, essa nova mobilização faz parte do que Boaventura Santos (2008) chama de construção de um novo paradigma, o contra-hegemônico: o reposicionamento do homem comum. Esse novo paradigma conceitual suscita a reorganização do lugar de onde se produz o discurso (antes do Norte, agora do Sul). O projeto contra-hegemônico assegura ao Sul, à América Latina, que temos o que dizer, que temos que nos fazer ouvir. A América Latina permite o discurso ao homem comum.

Serejo faz isso com supremacia em suas obras, pois são vários os contos da obra em estudo que servem como exemplo desse homem comum em primeiro plano; aqui escolhemos apresentar o Conto “João” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 207), no qual o escritor dá um panorama de vários ‘Joões’ dos quais ele teve notícia. Abre o conto argumentando que Joões povoam o mundo inteiro, que cada comunidade tem seus Joões. No entanto, os Joões se subdividem: em bons, ruins, notáveis, dignificantes, patrióticos, conforme sua escolha em viver na sociedade. Também Serejo aponta o nome de João como “cognomes brejeiros e até depreciativos” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 207), a exemplo dos apelidos dados pelo povo para ridicularizar e humilhar o cidadão, fazendo ser um fardo a carregar pela vida. Serejo afirma que catalogou vinte e sete Joões, mas apresenta apenas dezessete no seu conto: João da Égua, João do Pito, João Bocó, João Bundão, João Peludo, João Linguíça, João Boca de Bagre, João Rezador, João Torto, João Risada, João Verão, João Bocão, João Sarnento, João Chato, João Molenga, João Rengo, João Coxo. Hélio Serejo descreve suas características, suas peculiaridades, seus hábitos. Todas as histórias de homens simples, homens não interessantes para a História, para o arquivo oficial. Homens que tiveram sua história, que fizeram sua história na recolha das práticas cotidianas.

No momento em que a ciência deixou de ser tão teológica para ser mais cultural, os mediadores passaram a ser o “saber” e a “sociedade” (CERTEAU, 2003, p. 65). Nós do Sul fomos marginalizados pela racionalidade ocidental e um resgate arqueológico na literatura do Sul pode nos devolver a aquilo que foi excluído de nós pelos esquecimentos/apagamentos que atenderam aos desígnios do Outro. Nas práticas cotidianas se encontram esquemas de operações, manipulações técnicas, procedimentos na relação com os objetos do dia-a-dia.

Um escritor, ao criar sua obra, por exemplo, constrói o modelo de uma suposta realidade (hábito) através de fatos observados (estratégias). O discurso de um escritor organiza a maneira que ele pensa na sua maneira de fazer. Certeau (2003, p. 140) afirma que o saber-fazer depende de uma ciência, já que esta daria credibilidade à arte, uma vez que pensa na sua articulação (apesar da arte não ter que ser esclarecida e explicada). O estudioso pensa então em uma terceira possibilidade que seria o meio termo entre a ciência e a experiência: um terceiro homem – o engenheiro. Esse exerce o saber sem o aparelho técnico. É um saber-fazer por gosto, por tato. É um saber anônimo de possibilidades práticas, de um inconsciente que sabe. Essa parece ser a descrição perfeita do engenheiro lexical que é Hélio Serejo, aquele observador silencioso que soube-fazer ao trabalhar com material que se erguia à frente dos seus olhos. Engenheiro que trabalhou com maestria os materiais linguísticos que se encontravam à sua disposição. A simplicidade na confecção da sua narrativa não exigiu que tivesse grande conhecimento teórico e científico. À teoria cabe desvelar os segredos submersos de sua escrita simples. Um trabalho de dissertação como esse pretende teorizar sobre este escritor que inconscientemente soube-fazer.

Ao saber do inconsciente – como ao das “artes”- o analista oferece por isso a possibilidade de palavras “próprias” e de uma distinção entre os “sinônimos”. Daquilo que se move obscuramente no fundo do poço de saber, a teoria “reflete” uma parte à plena luz da linguagem “científica” (CERTEAU, 2003, p. 144).

A contribuição de um trabalho como esse, além de teorizar sobre um escritor do Sul, vai além de explicar, de interpretar sua escrita, quer fazer relações, almeja novas confluências que liguem esse tipo de literatura a outra que ocorra em outro lugar, que seja conhecida não só pelo Sul, mas também pelo Norte.

O relato serejiano não exprime unicamente uma prática, ele faz uma prática, ou seja, o relato é uma inteligência mergulhada na prática. E isso acontece com esse autor que reconstrói um lugar ao qual nós temos acesso hoje através da sua narrativa, através das suas memórias registradas em texto. Essa estrutura memorialística fortalece um espaço demarcado, ou seja, ao relatar oficializa e registra um espaço. Isso acontece nos contos que selecionamos para esta



pesquisa, como no Conto “Um pouco sobre os índios”, no qual descreve sobre os hábitos, costumes, comidas, superstições dos Quilniquinaus, dos Xamacocos, dos Araés, dos Guaicurus.

Nessa narrativa, atentamos para o evento do Multiculturalismo Emancipatório (SANTOS, 2008) onde se reconhecem as diferenças entre essas culturas e se reconhecem, ainda, as suas diferenças internas. Ao descrever características e peculiaridades, o escritor estipula o que define cada etnia que narra, atribuindo-lhe caráter singular diante da multiplicidade, ou seja, emancipando culturalmente cada grupo indígena com suas melhores características, como, por exemplo, os quilniquinaus serem hábeis caçadores, apreciadores da carne de caça, e abominarem a sua própria sombra; os xamacocos a não apreciarem carne de caça, preferirem se alimentar de gafanhotos, apreciarem a dança e se desagradarem com o canto dos pássaros; os araés serem na sua maioria mulheres belas e musculosas de longos cabelos, que se alimentavam mais de frutas, que usavam o fogo como elemento sagrado e temiam o relâmpago, os raios e os trovões; os guaicurus truculentos cavaleiros adoradores da noite apreciavam a caça de grande porte como alimento preferido e abominavam água parada por ser sinônimo de infelicidade e maldição (SEREJO, 2008, v. 7, p. 128-131).

Certeau (2003) confere ao relato uma relação de fronteira e ponte, ou seja, um espaço que é legítimo à sua exterioridade. Esse é um lugar onde se encontra a maior riqueza do relato: “O relato não se cansa de colocar fronteiras. Multiplica-se, mas em termos de interações de personagens – coisas, animais, seres humanos (...)” (CERTEAU, 2003, p. 212). Entendemos a fronteira com um papel mediador, articulador, de onde saem trocas, interações, intercâmbios. Esse é o contexto do relato presente na narrativa de Serejo. Para exemplificar a característica de relato temos vários contos que se aplicam a essa proposta, um deles é o conto X, “Balaio de Bugre” que abre o livro.

O escritor inicia o conto explicando o motivo do título em uma “quase” conversa. Detalhando informalmente ao leitor, esclarecendo pormenorizadamente o que viu e viveu com os bugres no sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, sempre acompanhando seu pai na atividade ervateira. Essa passagem mostra que a história a ser contada se relaciona à cultura, hábitos, costumes da região que sobrevivia da extração do “ouro-verde” (a erva mate). Hélio Serejo se faz um legítimo contador de causos, um daqueles peões proseadores que tiram do seu embornal histórias e histórias sem fim. A “quase conversa”, “história a ser contada”, “legítimo contador de causos”, “peões proseadores” são aspectos todos analisáveis sob o enfoque da comarca oral latino americana que nos agrega. Sem sombra de dúvidas

acreditamos que HS estaria presente na obra de Carlos Pacheco ao lado de Guimarães Rosa, Arguedas, Rulfo e Roa Bastos (como vimos no tópico 1.6).

Serejo retoma a “conversa” ao pé do fogo, dos trejeitos dos bugres, do seu comportamento, do modo como riem, de como se portam, o que comem, quais suas manias e quais seus valores. Presenteia-nos com uma fabulosa riqueza cultural que foi própria dessa gente e tanto valoriza esses aspectos que passa a sua vida a anotar em seus caderninhos todos os detalhes relativos a esse povo, a essa cultura. Esse encontro de Serejo, dos homens “civilizados” com os índios, bugres, paraguaios, uruguaios presentes naquela fronteira fez a cultura, hábitos, pensamentos, etc., se mixarem, se mestiçarem, se miscigenarem. Daí surgiu o “pensamento mestiço”, invocando Gruzinsky, Laplantine & Nouss, e outros. Nota-se que Hélio Serejo, o escritor, ao cruzar com essas tantas culturas outras, congrega para si um pouco de cada uma delas se fazendo outro também através desse contato. Quando no conto afirma: “E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 93), Serejo valoriza tanto o bugre, que se coloca como um deles, posiciona-se no mesmo patamar de igualdade (mesmo HS sendo filho de dono de ranchada, letrado, reconhece no outro os seus valores tais quais os seus próprios).

Outro ponto relevante a notar nesse conto é o “balaio” em si. Aquele objeto que carrega tudo o que couber e o que necessitar ser levado. O balaio de Serejo leva esse nome porque contém em si de tudo um pouco (contos, provérbios, crendices, palestras, verbetes, etc.). O balaio do bugre carrega tudo o que há de mais precioso em sua vida (pólvora, raízes, folhas, colher, faca, cuia de porongo, etc.). É interessante perceber que assim como o balaio (típico do bugre), o porongo também é um objeto característico deste povo, e ambos dão ideia de mistura de tudo que se encontrar dentro. Edgar César Nolasco (2010) vê a simbologia do porongo como metáfora do local: “A expressão “encher o porongo” foi criada na região fronteira brasileira-paraguaia o que, por si só, já assinala sua condição de entre-lugar, lá e cá, dentro e fora, ou seja, um lugar, uma fronteira de natureza híbrida” (NOLASCO, 2010, p. 91). A metáfora proposta por Nolasco nos faz ver no porongo, no balaio, a “boca sempre aberta”, o local sempre aberto, aberto às trocas, aos intercâmbios. Assim como a expressão “encher o porongo” é a própria metáfora do “local”, segundo Nolasco, já que tanto o porongo, como o local (fronteira Brasil/Paraguai) se constituem na borda, na fronteira do dentro e do fora. Ainda, a metáfora do porongo como uma “boca sempre aberta”, atende às expectativas de uma cultura oral, de uma comarca oralmente constituída, de onde a voz importa, o som importa, a performance importa (como diria Paul Zumthor).

### 3.9 – A supremacia dos homens comuns no translocal

Em meados dos anos 1980, os estudiosos de Literatura começam a construir pontes entre a literatura e outras disciplinas. As imbricações das mais diversas áreas presentes na trama da narrativa literária fazem emergir um espaço que é translocal. O tecido narrativo interliga várias linhas e diferentes conhecimentos, permitindo ver na literatura um local de translocação, um lugar translocal. Instaurando um olhar multimodal que permite ir além, por exemplo, olhar para o passado para se recuperar uma ideia, um acontecimento e (re)formulá-lo, relocá-lo à luz dos novos acontecimentos.

Através da narrativa de Serejo, podemos reconstruir uma história, reconstruir visões, bem como através da literatura feita na América Latina, podemos nos posicionar frente a outras literaturas e frente ao que Boaventura (2008) chama de Reforma Contra-Hegemônica. Temos o estigma de sempre termos sido contados pelos Outros, sempre fomos vistos como queriam que nos vissem. Hélio Serejo permite que aflore o que nós pensamos de nós. O que somos nós por nós. Serejo, como um homem simples, valoriza o homem simples, coloca-o em primeiro plano, vê naquele que é visto “à margem”, o centro. Um simples “João” (conto “João”), um simples carpinteiro (conto “O carpinteiro”), um simples galponeiro (conto “Galponeiro), um simples tropeiro (conto “O tropeiro cortador de chão”), um simples andariego (conto “O andariego”); enfim, todos têm seu valor como qualquer outro ser na obra serejiana.

No conto “João” (já citado aqui anteriormente), Serejo finaliza rendendo honras aos Joões que viveram suas vidas em busca de sobrevivência: “Lutaram, dentro das aptidões próprias, aceitáveis ou escassas de todo, pelo pão de cada dia, engolfados, constantemente, em indagações que poderiam levá-los a outros caminhos” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 216).

No conto “O carpinteiro”, o escritor conta a vida de um carpinteiro paraguaio (também excelente cozinheiro) que chegou à ranchada do pai de Hélio pedindo emprego, seja ele qual fosse, já que precisava trabalhar para sustentar a família composta pela esposa e cinco filhas. Dom Chico Serejo emprega-o, e ele volta para buscar a família. Quando chega à ranchada com a mulher e as belas filhas, passa a lutar pela conservação da virgindade das mesmas já que “os lobos famintos, segregados naquele ermo, há mais de um ano, entraram em conflito e houve entreveros, um após outros, facadas, tiros, machetados e duas mortes” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 145-6). Para defender as inocentes e acabar com as brigas, Dom Chico Serejo precisou transferir a Ranchada de Ajuricaba para Naranjay. No entanto, Serejo relata que isso de nada

adiantou, já que as belas índias acabaram por serem vendidas para a melhoria de vida dos pais.

No conto “Galponeiro”, Serejo exalta o que diz ser a “imagem autêntica do crioulisto”, “o símbolo de vivência charrua”, a “estátua haragana do xucristo”. Segundo o escritor, na língua castelhana “o índio chegante é galponeiro, que tem respeito na bombacha larga, no vozeirão, nos gestos largos e no talho nativista do cabelo” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 179). Serejo pontua que um galponeiro legítimo, filho do crioulisto xucro tem no seu galpão um altar onde reza submisso ao *Dios del cielo*, já que o dia seguinte pode trazer amarguras, dissabores e duros pesadelos.

No conto “O tropeiro cortador de chão”, eleva o simples e humilde tropeiro a senhor das jornadas campechanas, homem guapo destemido. “Sua sina é essa; veio ao mundo predestinado; não arrenega a vivência; se golpeado rudemente, em certo dia, reúne forças, firma o pensamento e, resoluto como um reizinho envaidecido, prossegue a jornada” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 180). Segue assim o tropeiro, que, em dias de glória, passará oculto, despercebido aos olhos de muitos, mas rei na visão de Hélio Serejo. Rei porque reinou bravamente no sertão bravo, sobreviveu “derramando suor de seu rosto na porfia duríssima, em busca de melhores dias” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 182).

No conto “O andariego”, fica evidente a sublimação que Hélio Serejo dá ao homem comum. Quem dá atenção aos viajantes encontrados sem rumo em beiras de estradas nesses rincões sem fim da terra? Hélio Serejo dá! Ele os considera uma “obra do Criador, um elo dos mistérios da criação” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 219). O escritor denomina o andariego de predestinado charrua, o vencedor das lonjuras, o caminhando das paisagísticas do crioulisto.

A simpatia pela obstinação do andariego faz Hélio Serejo enxergar nele um irmão, um mesmo, um de si: “Sempre hei de abraçar o irmão andariego, uma vez que juntos trilhamos os mesmos caminhos, contamos as mesmas estrelas e servimos obedientes, ao mesmo Deus Criador” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 220). Enfim, Hélio Serejo se põe sempre em igual patamar do homem simples, enxerga o outro como a si mesmo, e faz dessa visão a diferença nas suas obras e, em especial, em *Balaio de bugre* (2008).

Fica fortemente enaltecida, nos contos acima, a supremacia do homem comum que é defendida por nós nessa dissertação de mestrado. Hélio Serejo, nesses e em outros contos da obra, coloca em evidência, em primeiro plano, o homem simples e suas coisas simples, fazendo-os estrelas maiores da sua obra. A título de exemplo das coisas simples dos homens simples temos os contos “Chimarrão” e “Couro seco de vaca”. Os dois contos apresentam coisas simples que são ícones dos pertences dos homens simples que figuram no sertão.

No conto “Chimarrão”, constamos a expressão maior da confraternização, do encontro favorável às trocas, ao compartilhamento das experiências de vida, é uma prática cotidiana do homem simples. O chimarrão une, “com o mate se conquista amizade, firmam-se negócios, idealiza-se, discute-se, pondera-se e tantas coisas mais” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 143). Com a cuia de porongo passando “de mão em mão, cultiva-se a hospitalidade e se pratica o cavalheirismo, porque gaúcho bom e mateador de outros rincões deve e precisa ser, acima de tudo, hospitaleiro e cavalheiresco” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 143). É interessante perceber também que essa confraternização do chimarrão não faz secções, aceita a todos:

O mate-chimarrão é companheiro inseparável do gaúcho, do vaqueiro, do campeiro, do cruzador de caminhos, do índio faceiro, bem pilchado, da china amorosa e apaixonada, do piazote atrevido e disposto e das velhas gaúchas, imagens imperecíveis da terra bravia e do crioulisto (SEREJO, 2008, v. 7, p. 143).

Esse é um dos ícones da vivência cotidiana onde todos, sem distinção, se unem e se agregam. É nessa cuia feita de um chifre de vaca, ou em um porongo escolhido a dedo, que a erva se deposita, e na sua borda se prostram, a sorver o sangue verde, as mais diversas etnias, as mais diferentes culturas, dos mais diversos hábitos e costumes. A roda do chimarrão, do tereré, são ícones do encontro onde a “prosa” corre solta. Momento no qual estórias são contadas, recontadas, esquecidas e atualizadas. Onde o ritual da cultura oral se faz naturalmente, em ambientação profícua.

No conto “Couro seco de vaca”, encontramos outro pertence do homem simples, à semelhança do balaio do bugre, Serejo pontua: “Tínhamos o tema charrua em nosso desbeijado balaio de bugre onde guardamos as nossas relíquias campesinas que serão, com o tempo, transformadas em crônicas” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 167). Segundo o escritor desfia, o couro de vaca alinhavado se moldava às intempéries do tempo, da vida. No relento engruvinhava, às vezes apresentava calombos. Em dias de chuva inchava, para logo após, em dias seguidos de sol, retorcer e originar “moldes excêntricos” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 167). À semelhança do balaio, por conter, por guardar as preciosas riquezas dos homens simples, esse mesmo homem simples engruvinha, apresenta calombos, incha e se retorcer e se adapta e se molda no entre-lugar, nos encontros, nas trocas. Mixa-se, mistura, transcultura, torna-se outro, torna-se “ex/cêntrico”. Nessa capacidade de congregar a transformação e mudança do mundo em situações corriqueiras e simples é onde impera a força e a magnitude da escrita serejiana.

## - CONCLUSÃO -

A existência de obras como as do escritor Hélio Serejo, bem como os recortes que dela fizemos, propiciam detectar registros de um passado que só é possível porque homens se ocuparam em buscar, nas suas lembranças/memórias, a vivência e passaram e eternizá-las, registrando-as em palavra escrita que se perpetuarão para o futuro e servirão como conhecimento daquilo que nos é próprio. Pesquisar obras como esta, na qual avançamos pelos escritores regionais, é como mergulhar na nossa própria memória. Ao entender que o conhecimento liberta, essas obras se prestam à nossa soltura, uma vez que resgatam parte do que nos une como indivíduos da grande nação sul-americana.

Por meio do estudo que nos propusemos, cremos ter atingido o objetivo de mostrar que na obra de Serejo, na tessitura de sua narrativa, encontram-se exibidas informações verossímeis que só um conhecedor profundo da cultura ervateira, do folclore, das raízes do que constituiu a história/política/economia/cultura do Mato Grosso do Sul poderia fazer.

Acreditamos que, por meio desse trabalho, além do ficcionista, poeta, cronista, folclorista, percebemos um escritor historiador, por ter “visto” e “vivido” a História. Desse modo, colocamo-nos a exaltar a obra de Serejo como um documento valioso, que servirá de fonte de pesquisa hoje e para a posteridade. Pelos fragmentos das obras aqui apresentados, exponha-se um pouco do resgate da história do MS, por meio do significativo e valioso acervo, fatos, informações que suas narrativas proporcionam, reavivando um período heróico e de grande significado econômico-social para o estado.

Esperamos ter conseguido mostrar que a literatura de escritores como Serejo possuem marcas da formação do Estado do Mato Grosso do Sul, da sua gente, da história do povo. Intentamos descobrir, valorizar e tornar pública a pesquisa e o conhecimento desses registros históricos culturais da formação do Estado, em obras salutares desse escritor, que merece ser elevado ao mais alto patamar dos nomes de peso dentro da literatura nacional, e porque não dizer mundial.

Fica evidente, com este estudo, que a superação de contradições e o avanço da história impõem luta, embate, corpo a corpo com o texto para extrair das obras a trajetória do avanço histórico nela representado. É nesse sentido que devem ser desenvolvidos os estudos na obra de Serejo, pesquisas mais longas e de maior fôlego, como trabalhos de pós-graduação, buscando uma perspectiva histórico-cultural através do legado deixado por este autor.

Pelas *Obras completas de Hélio Serejo* (2008) Serejo possibilita construir uma memória social do Mato Grosso do Sul em que os segmentos de contaminação da História e

da Literatura se misturam, se interpenetram, onde o passado se formula por via literária, e a História é subsidiada para figurar como tradição, como se fossem fragmentos de lembranças cravadas na memória coletiva do povo da região. E conforme a obra literária permite, as peculiaridades dos deslocamentos figurados nas obras de Serejo criam hipóteses contextuais que constituem uma amostragem dos usos e costumes da fronteira e a formação do estado do Mato Grosso do Sul, conforme essa dissertação procurou demonstrar.

Verificamos que *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008) possui uma narrativa fragmentada, como que em montagem/colagem, característica presente nas literaturas de cunho pós-modernista. Identificamos também na obra a representação de um espaço/tempo/linguagem relativo à região transfronteiriça Brasil/Paraguai, e aos hábitos e costumes presentes naquela região.

Desse modo, concluímos que estudar Hélio Serejo pela perspectiva dos Estudos Culturais nos faz entender a questão da identidade, e como ela é construída em meio à mistura de povos, de uma diversidade de indivíduos diaspóricos; a questão da fronteira e do regionalismo como um recurso propício de singularidades. Nessa mistura, nesse multiético, esse plural, comprovamos que ocorre o cruzamento de culturas diversas que constituem uma nova identidade: a sul-mato-grossense. Hélio Serejo, em *Balaio de bugre* (2008), deixa registrado esse momento sociocultural pela representação literária de suas obras.

Hélio Serejo, em *Balaio de bugre* (2008), apresenta um território que é transnacional, que foi a todo tempo (re)negociado já que era/é fronteira, lugar de mistura por excelência. Segundo esses estudiosos citados, o conhecimento transdisciplinar é mais uma questão de (re)tradução. Pollock *et al* (in IZARRA, 2009, p. 66) afirma que “refugiados, seres diaspóricos, migrantes e exilados representam o espírito da comunidade cosmopolita”. Essa é a realidade que encontramos na obra de HS, ou seja, o que o escritor deixou registrado nos seus livros é um exemplo dessa comunidade descrita por Pollock: um local de circulação de uruguaios, paraguaios, brasileiros, silvícolas, bugres e outros, fazendo desse local a metáfora do balaio e do porongo, como já defendemos acima.

A literatura é um lugar de espaço imaginário onde os vários conhecimentos coexistem. As divisões, as fronteiras, sejam elas estatais, espaciais e outras são criadas por nós. Nós a construímos. Na literatura todas as divisões são imaginadas e caem por terra, já que na literatura todas as misérias e conquistas se tornam universais.

Hélio Serejo faz com que a história de um povo, de um lugar, seja conhecida. A história de um lugar que é translocal já que nele coabitam seres de várias culturas. Na diegese

serejiana sobressaem as misturas transculturais que ocorreram nesse chão de fronteira do Brasil-Paraguai, percebe-se que houve troca, diálogo de cultura neste entre-lugar.

Ao contar uma história local, o escritor demarca um tempo e espaço e, ao mesmo tempo, torna possível uma analogia às dificuldades e mazelas que ocorrem em qualquer *borderland* da terra. No entanto, a mesma diegese assegura nossas peculiaridades: o balaio, o porongo, o chimarrão, o couro de vaca seco, etc. Por saber-fazer, Hélio Serejo reproduz nossas práticas cotidianas, exhibe uma prática cotidiana da família, da sociedade, das profissões de um local marcado, deixa no seu texto marcas da oralidade, uma vez representa o falar popular da comuna que ficcionaliza, bem como transcreve as tradições tipicamente orais da região circunscrita.

Ficam evidentes, nas narrativas estudadas, o fenômeno do hibridismo e da mestiçagem, num processo sem fim, que marca o pensamento mestiço e as fusões que ocorreram na língua a promover o pensamento liminar, o falar sem o Outro. Por fim, Hélio Serejo exercita em sua obra o multiculturalismo emancipatório, uma vez que reconhece a diferença entre as culturas no seu balaio representadas, e reconhece as diferenças internas de cada uma delas. O respeito e a valorização desse aspecto se dão pela própria escritura do livro, colocando na mais alta consideração o homem simples, o homem comum, as coisas simples, que são suas maiores riquezas, assim como o balaio para o bugre “é a jóia preciosa que a natureza lhe deu” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 93).

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiro que, na infância atribulada, recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e haragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, nem recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco paraguaio [...] Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da *jungle*, sou gaudério de todos os pagos, apaixonados das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo [...] Procurei cantar, com ternura e suavidade, as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias. Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e fui também, envaidecido, tropel de tropilha crioula, índio haragano trilhador de todos os caminhos. Amei imensamente o vazio aberto, nele sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incomensurável do Senhor (SEREJO, 2008, v. 7, p. 150-1).



## - REFERÊNCIAS -

ABDALA Jr, Benjamin. Globalização e novas perspectivas comunitárias. IN: ABDALA Jr, B.; FANTINI, M. (orgs.). *Portos flutuantes: trânsitos Ibero-afro-americanos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 61-75.

\_\_\_\_\_; SCARPELLI, Marli Fantini (orgs.). *Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem Boca*. Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

AGUIAR, Flávio V. O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama. In: ABDALA Jr, Benjamin. (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 87-97.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARZOTTO, Leoné Astride. Violência e resistência: olhares oblíquos sobre a literatura de Moçambique. In: BONNICI, Thomas. (org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009, p. 305-336.

\_\_\_\_\_. Elementos da cor local na escrita de Hélio Serejo. In: *Anais do V GELCO*. Dourados – MS, 2010.

\_\_\_\_\_. *Interfaces culturais: The ventriloquist's tale & Macunaíma*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2008. 325 f. PPGLetras.

\_\_\_\_\_. Traços pós-coloniais na literatura do Mato Grosso do Sul. In: *Anais do XIX Seminário do CELLIP – Pesquisa em Língua e Cultura na América Latina*. UNIOESTE - Cascavel/PR, 2009.

BERND, Zilé. O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: ABDALA Jr, Benjamin. (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 99-112.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUTOR, Michel. *Repertório*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. p. 47-57.

BUNGART NETO, Paulo. “O memorialismo no Mato Grosso do Sul como testemunho da formação do estado”. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. (org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: Editora UFGD, 2009, p. 111-127.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes. 4.ª Reimpressão. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. *Culturas híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Rezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2008.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CENTENO, Carla Villamaina. *A educação do trabalhador nos ervais de Mato Grosso (1870-1930): crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura*. Campo Grande, Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFMS, 2000.

\_\_\_\_\_. *Educação e Fronteira com o Paraguai no pensamento dos memorialistas (1870-1950)*. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP e UEMS. 2007.

\_\_\_\_\_. *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870 - 1950)*. (Tese de doutorado). Campinas, SP: 2007.

\_\_\_\_\_, BRITO, Sílvia Helena Andrade de. *Educação e diversidade cultural*. Campo Grande: UNIDERP, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 9.ª edição. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2001.

- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.
- DECCA, Edgar Salvadori; LEMAIRE, Ria. (org.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas/Porto Alegre: Ed. UNICAMP/Ed. UFRGS, 2000.
- DONATO, Hernâni. *Selva trágica*. São Paulo: Editora Abril, 1976.
- DOSSE, François. *A história à prova do tempo – Da história em migalhas ao resgate do sentido*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O dicionário de Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- GRUZINSKY, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *Onde cantam as seriemas*. 2.ª Ed. Campo Grande: impressão do escritor, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ª edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- IZARRA, Laura P. Z. Looking for Orion – literature at the interface of cosmopolitanism and translocations. *Revista Aletria* n.o 1. V. 19. Jan. – Jun., 2009.
- JOZEF, Bella. O lugar da América. In: JOBIM, José Luís [et. al.] (org.). *Sentidos dos Lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 114 -129.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *A mestiçagem*. Tradução Ana Cristina Leonardo. Lisboa/Portugal: Biblioteca Básica da Ciência e Cultura/Instituto Piaget, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.a ed. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

LIMA, Luis Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda, 2006.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais*. Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo. Dourados/MS: Gráfica e Editora Dinâmica, 2002.

\_\_\_\_\_. *Hélio Serejo... Sublime Poema!* Dourados/MS: Franquini & Santini Ltda, 1996.

MARTINS, Demosthenes. *A poeira da jornada: memórias*. São Paulo: Resenha Universitária, 1980.

MENEGAZZO, Maria Adélia. “Representação artística e limites espaciais: o regionalismo revisitado”. In: SANTOS, Paulo Sérgio. *Literatura comparada – interfaces e transições*. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*; Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORETI, Ariane Morales. *A representação feminina em “4 contos” de Hélio Serejo*. Em: [http://unigran.br/interletras/n3/cultura\\_brasil/rep\\_feminina.html](http://unigran.br/interletras/n3/cultura_brasil/rep_feminina.html). Acesso em 05 de Nov. de 2008.

MOTTA, Sérgio Vicente. *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa*. São Paulo: Unesp, 2006.

NOLASCO, Edgar César. *BabeLocal - Lugares das miúdas culturas*. Campo Grande/MS: Life Editora, 2010.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

PACHECO, Carlos. *La comarca oral*. Caracas: La Casa de Bello, 1992.

PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

REIS, Elpídio. *13 pontos sobre Hélio Serejo*. Rio De Janeiro: Folha Carioca Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. *Ponta Porã polca churrasco e chimarrão*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1981.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Seuil: Paris, 2000.

ROCCA, Pablo. Las comarcas culturales latinoamericanas (discusión de uma hipótesis Ángel Rama). In: JOBIM, José Luis *et al.* (orgs.). *Sentidos dos lugares*. RJ: ABRALIC, 2005, p. 152-165.

RODRIGUES, J. Barbosa. *Isto é Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Vaner Bicebo, 1978.

RODRIGUES, Paulo Morgado. Barroco e mestiçagem: confluências entre poesia e crônica na América Latina. In: PINHEIRO, Amálio. (org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 105-121.

RUSSEF, Ivan; MARINHO, Marcelo; NOLASCO, Paulo Sérgio (orgs.). *Ensaio farpados: arte e cultura no pantanal e cerrado*. 2.a ed. Campo Grande: Letra Livre/ECDB, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malha da letra*. Ensaio. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTILLI, Maria Aparecida. Américas da América: Romances de Fronteira e a Singularidade Cultural do Brasil. In: ABDALAR Jr., & SCARPELLI, Marli Fantini. *Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 285-302.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_, NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (org). *Reconhecer para libertar*. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: UFMS, 2008.

\_\_\_\_\_. (org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: Editora UFGD, 2009.

SEREJO, Hélio. *Balaio de bugre*. Edição Especial. Tupã: Cingral, 1992.

\_\_\_\_\_. *Balaio de bugre. Vol. II*. Curitiba: Requião, sem data.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas de Helio Serejo*. (org.). Hildebrando Campestrini. Campo Grande/MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 volumes.

\_\_\_\_\_. *Carai*. Presidente Venceslau: Artes Gráfica Bachega, 1984.

\_\_\_\_\_. *Homens de aço: a luta nos ervais de Mato Grosso*. São Paulo: Cupolo, 1946.

\_\_\_\_\_. *Prosa rude*. São Paulo: Cupolo, 1952.

\_\_\_\_\_. *Vida de erval*. São Paulo: Vaner Bicego, [197-d].

SERRA, Ulisses. *Camalotes e guaviras*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989.

SILVA, Melo. *Canaã do oeste*. Campo Grande: Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul, 1989.

SOUZA, Ana Arguelho de. *O balaio do bugre Serejo: história, memória e linguagem*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, p. 123-141- dez. 2009.

STEFANES, Ivonete. Os efeitos de sentido das imagens verbais serejeanas. In: *Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL – UEMS - Dourados*, 2007.

TAUNAY, Visconde. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. *Inocência*. 3.ª ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.

VIANNA, Magdala França. Crioulização e Crioulidade. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/UdUFF, 2005.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso – Ensaio sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2.ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira; Brasília: INL, 1982.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.



## Balaio de bugre

Por que o esquisito título de BALAIO DE BUGRE para este livro? Contar-lhes-ei o motivo. Durante longos anos viajei pelo sul de Mato Grosso, numa peregrinação peripeciosa, auxiliando meu pai em sua rude atividade ervateira. Hoje aqui, amanhã ali, íamos rompendo o sertão, tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato. Pernoitamos, muitas vezes, à margem de um arroio, no arranchamento de bugres foragidos de uma aldeia.

A noite, ao pé do fogo estralidante, conversávamos. Bugre gosta de conversa. Fala um tempão, rindo à toa, sacudindo o corpo, cuspidno no braseiro e comendo mandioca assada. Mandioca assada é banquete de bugre.

Por várias vezes, nessas pousadas incômodas, notei o seguinte: um balaio velho, feito de lâminas de taquara, ficava ao lado do bugre mazoro. Qual o seu conteúdo? Quase incrível isto: atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca, semente de abóbora, carretel de linha, lenço de chita, pedra de isqueiro, colher, faca, cuia de porongo, pedaço de rapadura, mandioca, pena de arara, unha de gavião, dente de onça e mil e uma bugigangas.

Bugre briga e morre para defender o seu balaio. Tem-lhe estima imensa. É jóia preciosa que a natureza lhe deu.

Contendo este livro de tudo um pouco: crônicas, relato histórico, comentários, poesia, contos, folclore, crítica literária e imagens do sertão, não é ele um autêntico balaio de bugre?

Assim sendo, muito bem fica-lhe o título. Está de acordo com o seu conteúdo. Muito de acordo mesmo. E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado.



## História

Anchieta, no seu apostolado em São Paulo de Piratininga, foi também alfaiate e sapateiro, por necessidade, educador, gramático, poeta, fazia batinas e alpercatas para si e ainda para os demais padres da Ordem.

## Vida de erval

Foi rápida a cena. O ingênuo aconçagua, com o intuito de divertir os festantes, toma nos braços a formosa cunhá e sai rodopiando espalhafatosamente pela sala. Pelo rancho aberto e iluminado por piscolejantes lampiões de querosene, reboam estridentes gargalhadas, abafando os acordes da típica do trio Ojeda Parra.

Nesse ínterim, alguém salta de um canto, feroz como uma suçuarana acuada num claro traiçoeiro da mata bruta. Um silêncio de morte cai sobre o ambiente. Ninguém respira. Só o vento agita as tranças das folhas de pindó que cobrem a rústica pérgula.

Um mineiro arrojado, ágil como a urutu, tenta evitar a tragédia. Vai de encontro ao monstro enfurecido, mas chega demasiadamente tarde. Uma faca longa e filosa reluz no ar três vezes seguidas. Ouve-se um grito macabro e angustioso. Um corpo sem cabeça cai pesadamente no chão. Nessa mesma noite fez-se o velório enquanto a farra prosseguia como se nada houvesse acontecido. São tragédias vulgares das fronteiras abandonadas.

## Ditos e criouliismo

Assustado e tremendo como cachorro novo dentro do bote.  
Não se deve gabar nunca os bois antes deles vencerem a subida.

Onde vai o ferro vai a ferrugem.

Mais judiado do que beijo de corneteiro em dia de parada.

Boi encarriado, um atrás do outro, como botão de colete.

Ninguém está mais doente do que o homem que fica doente no seu dia de folga.



## *Um pouco sobre índios*

### *Os quilniquinaus*

**Hábitos.** Invariavelmente se alimentavam de caça, pesca e frutos silvestres. Para a caça fabricavam uma espécie de bodoque, com fibras de cipós, com o qual abatiam a presa descuidada. Tão destros eram os quilniquinaus no manejo dessa exótica arma que desconjuntava o pescoço da caça tal a potência da pedrada desferida. Em se tratando de caça de pêlo, de grande ou regular porte, o tiro era desferido nos olhos, facilitando desta maneira a captura.

**Costumes.** Durante o dia dormiam e à noite caminhavam léguas e léguas, sem trocarem uma só palavra, ocasião em que mudavam a taba e sondavam as nações indígenas consideradas inimigas.

**Manjar preferido.** Sapo de brejo, lagartos e cobras. Para o preparo destes abriam um buraco no solo e alguns dias depois os desenterravam, por acreditarem que por esse processo o leite, o ácido (caso do sapo) e o veneno seriam eliminados. Tudo, já meio em decomposição, era assado e deglutido numa mistura com taioba e raízes adventícias de plantas silvestres. O banquete exótico era seguido de festas e danças com oca, tambores e puracá (flauta feita de canudo de taquara).

**Superstições.** A sombra, a sombra de si próprio, do companheiro (quando em peregrinação diária, coisa, aliás, raríssima) ou a sombra de qualquer animal. Para não sentir a presença da própria sombra, andavam no sombreado da orla da mata, porém, se dia claro, pelo aberto, pelo largo faziam a caminhada e deitavam, de espaço em espaço, em decúbito dorsal, para que a dita sombra não os importunasse.

### *Os xamacocos*

Os nhambiquaras pouco apreciavam a carne de caça. Usavam uma espécie de vinho; por eles mesmos fabricado, tirado da árvore do jatobá, aliás de imenso poder medicinal. Comiam para mais de trinta variedades de tubérculos, encontrados nas zonas pantanosas, marmelo-do-mato e juá-bravo. Torravam inúmeras espécies de folhas de sabor adocicado, como a mangiva, tapiço-

roca, a urumbama e tantas outras. Foram preciosos fabricantes de farinhas, utilizando-se das mais variadas matérias-primas.

**Costumes.** Dançavam constantemente: tudo servia de pretexto para danças e folguedos: a chuva, o vento, a tempestade violenta, o aparecimento de manadas de animais, o nascimento de um *mitã-i* (menino), o encontro de uma correnteza e as trovoadas repentinas. Era uma nação indígena extraordinariamente belicosa. Vivia em constantes provocações com as aldeias vizinhas (30, 40 ou 50 quilômetros). Sempre perdiam nas escaramuças, uma vez que se tratava de tribo pouco numerosa.

**Manjar preferido.** Gafanhotos. Habitando às margens do rio Paraguai, esperavam ansiosamente pelos meses de agosto, novembro e dezembro, época do aparecimento dos vorazes acrídios, procedentes do território paraguaio, farelhão do chamado Chaco paraguaio. Feita a cata, operação facilíma, metiam a deliciosa iguaria em tubos de taquaraguaçu, hermeticamente fechados. Ditos tubos eram colocados nas proximidades do fogo, e aí permaneciam um dia inteiro, para depois serem devorados, após cuidadosa torra.

Os xamaçocos torravam, ainda, determinados capins, deles fazendo uma farinha de paladar agradável. O chamado capim-seda produz essa farinha, quando torrada em fogo brando.

**Superstição.** O canto dos pássaros lhes desagradava, daí a razão de sempre erguerem a taça nas margens dos rios e, preferivelmente ao pé de uma cachoeira, o que dificultava a percepção do canto da ave madrugadora ou do pássaro vagante, cortador de pauis e chapadões.

#### Os araráes

**Hábitos.** Nação indígena de mulheres verdadeiramente belas, atléticas e musculosas, de longos e negros cabelos. Hábito que representava uma espécie de ordem do areotorare (o guia supremo, o mestre), hábito que representava uma espécie de determinação incontestável do tuxaua, o guerreiro temido e respeitado de muitas nações nhambiquaras: o banho três, cinco, dez vezes durante o dia. Daí o motivo de se dizer que as araráes eram mulheres infibadas. Essa tribo trícola era dotada de prodigiosa e invejável in-

religência, imaginando e executando planos de ataque ao inimigo dignos de um Leônidas, o herói das Termópilas; de um Osório, o bravo entre os bravos; e de um Atila, o grande e admirável rei dos hunos.

**Costumes.** Acender fogueira, queimar tudo que encontravam incendiando os campos, destruindo as pastagens. O fogo sempre foi elemento de alegria, de desabafo, auréola de triunfo, diadema de vitória para os araes. Jamais se apagou, mesmos nos dias das procelas amedrontadoras, o fogo sagrado, o fogo incentivador, na aldeia dos valentes e resolutos araes.

Essa tribo, bem podemos dizer assim, viveu durante sessenta anos em função, em razão do fogo lento, estralidante, ou do fogo que tudo lambia, que tudo destruiu.

**Manjar preferido.** As frutas. Cuidavam com carinho todo especial das imensas florestas de goiabeiras, laranjeiras e marmeleiros, existentes ao longo do lendário rio Apa. Com frutos em adiantado estado de decomposição fabricavam suas bebidas, tingindo-as com o suculento vinho de jatobá ou o saboroso suco de pitanga madura.

**Superstição.** O relâmpago, o trovão, o raio. Nesse instante dramático o arae se acovardava; ele vacilava, ele tinha medo. O trovão significava, para a grande nação das mulheres lindas e formosas, um aviso, um alerta, um prenúncio de malefícios que estavam por vir, que estavam por desabar sobre a aldeia, para arrasá-la, para destruí-la.

Ante a situação de desespero só havia um remédio: o recolhimento, a mudez, a impassibilidade e o silêncio abrupto e amedrontador. A quietude obrigaria a fuga dos duendes, o afastamento dos espíritos maus, dos bruxos traiçoeiros e invisíveis.

### *Os guaicurus*

(Truculentos e famosos indígenas cavaleiros de Mato Grosso).

**Hábitos.** Rondar nas noites de lua ou nos dias chuvosos as manadas de cavalos selvagens para aprisioná-los com seus laços feitos de cipós. Tinham verdadeira adoração por cavalos brancos

silvícolas que, até certo ponto, desempenharam papel de relevância durante a invasão paraguaia na região sulina mato-grossense. Eram autênticos artistas, pois fabricavam, com perfeição, cavalos de paus, colocando-os no terreiro de festa da aldeia, como símbolo de preferência, que para eles tudo representava.

Andavam a cavalo, invariavelmente, daí a denominação de "índios cavaleiros de Mato Grosso".

**Costumes.** Contornarem a taba, montados em seus cavalos, nos dias de festa, principalmente naquele que o guerreiro disputante, vencedor, havia ganhado uma mulher para encher de alegria sua morada, sua oca. Essa correria era acompanhada de gritos vibrantes de entusiasmo que sacudiam a vastidão.

**Manjar preferido.** A caça de grande porte: onça (parda e pintada), anta, queixada, capivara, cervo e avestruz. De bom paladar, assavam a caça, retirada a barrigada no mesmo dia que fora abatida, devorando-a com taioba assada. Tinham especial preferência pelos corós de paus podres, comendo estes torrados sobre laje de pedra.

**Superstição.** A lagoa ou qualquer água parada, encontrada no meio dos campos ou no interior da floresta. Passavam pela água parada céleres, como quem foge de algo que traz infelicidade, que traz maldição. Por essa razão é que a lenda mato-grossense diz que "muitos lagos, muitas lagoas e muitas águas paradas, em era remota, desapareceram, como que por encanto, mas que, em verdade, foram soterradas por milhares e milhares de índios da poderosa e bravia nação dos guaicurus".

## Literatura

... dia e noite, noite e dia, eu me irritado e xingo, vendo esses pingos, pingando a pingando, caírem na calçada lamacenta. Pingando, vai o chuveiro pingando, tamborilando no zinco, parece até que dizendo: um pingando, outro pingando, um pingando, outro pingando. E nesse pingando, de pingando pingalhados, o homem pingando pensamento, embarafustando-se no tédio e, sem ser pingado, pensa na pingando. Pingando esquentando, encorajando, e traz, pingando a pingando, pingando de lembranças ao coração!

### Quadra

Lá em cima daquele morro  
tem um velho gaioleiro  
quando vê moça bonita,  
faz gaiola sem poleiro.

### As andorinhas

.. e elas voltaram alegres e irrequietas como dantes, formando na tarde morna e no anoitecer, ante os nossos olhos embevecidos, uma paisagem extasiante e deslumbradora. Vamos admirá-las. São dignas do nosso carinho. Elas amam a cidade. Querem oferecer, a nós outros, na hora crepuscular, o bailado maravilhoso das sinuosidades, dos negaceios, dos vaivéns e das evoluções ninjinsquianas eletrizantes.

### Folclore

Em cigarro de papel  
fumo verde não fumega;  
por onde há moça bonita  
meu coração não sossega.

### Religião

Quão suave sois Senhor, para os que vos procuram! Quão grande é o vosso amor! Quão grande é a vossa bondade! Confio que pelos merecimentos infinitos de vosso preciosíssimo sangue já me perdoastes os pecados. Posso contar-me entre os vossos filhos!

### Provérbio

É mais fácil chegar-se um touro a um mourão, do que um estúpido à razão.

### Crendice

Quem parar, ao meio-dia em ponto, numa encruzilhada e fizer no chão, com o pé esquerdo, um X, afugenta todos os males que o atormentam.

## *Palestra*

O meu comparecimento aqui, esta noite, na qualidade de palestrante, nada mais significa do que meu sincero agradecimento, pela honraria, a mim concedida, por esta simpática diretoria com o convite amável formulado para que pronunciasse uma palestra sobre folclore, tema de livre escolha.

Incentivadora a atitude dos ilustres e dignos patrícios; não só incentivadora, mas também prova irretorquível de amizade e elevada consideração.

Pesquisador de folclore, sinto-me orgulhoso quando me é dada a oportunidade de dizer, a pessoas amigas, aquilo que fui observando, aquilo que fui colhendo, aquilo que fui levantando, através de longos e longos anos de paciente busca, aqui e ali.

Folclore está em minhas veias túrgidas; folclore está em meu sangue, pois, com ele, em silêncio, tenho convivido desde época remota. Folclore atira, na alma da gente, multiplicidade de olores, porque sabe contagiar, porque sabe inebriar.

Cantar de folclore é bálsamo para o espírito, enrijando e fortalecendo, numa quase melodia de suavidade e ternura. Folclore é refrigerio para o coração.

Que é folclore? É o falar do povo, o conto, o reconto, as lendas, a tradição popular, as baladas, os cânticos, as trovas, as composições do povo, os ditos vulgares, os provérbios, as narrativas chistosas, as superstições, os mitos, as adivinhas, os causos; aquilo, enfim, que o povo concebe, imagina e cria.

Folclore traduz estudo; porque folclore é ciência, tem que ser estudado para ser assimilado, para ser vivido. Estudar folclore é viver o passado, levantar as tradições, cujos trêmulos fios se encontram na mais alta Antigüidade.

O criador da palavra folclore foi o renomado arqueólogo inglês William John Thoms; é formada de dois vocábulos do inglês antigo: *folk*, que significa povo; *lore*, significando o falar, os hábitos, os costumes etc.

Possuimos folclore de tudo: folclore do sapo, folclore do cipó, folclore do papo, folclore do ciúme, folclore da dor, folclore



da saudade; e milhares e milhares de outros, que se enfileiram na literatura dos mais diferentes povos do mundo.

Cada país, cultivador de folclore, tem o seu folclore padrão, isto é, o símbolo do seu folclore. Vamos ver o folclore fundamental, o folclore origem, o folclore específico de alguns povos.

**Alemanha.** Folclore do chopp, com quase cem variações. É o chamado folclore da alegria, o folclore dos cânticos, folclore dos ritmos desregrados, o folclore, como classificou Mutex Gumber, da pagodeira, das alucinações.

Cada homem, no transe da orgia, é uma parcela definida da raça, no tormento e nos triunfos. Não apresenta, em absoluto, um folclore rico, possuindo, sim, na nomenclatura das palavras, classificações exóticas, sem reforço na emoção, que é o ponto alto, a culminância da vivência folclórica.

**Portugal.** "O jardim à beira-mar plantado", terra das tradições e das lendas. Temos na Pátria-Mãe, em toda a sua exponencial grandezça, um colorário gigantesco de beleza e de sublimidade de auroras boreais, o folclore da saudade, num misto grandiloquente da cavatina de passaredo em festa. Daí termos na doce e harmoniosa poesia lusitana, sempre e sempre, os reflexos de uma saudade, que o menestrel acarinhou no coração, para conservá-los indefinidamente. É o folclore emocionante que nos fala e nos diz de serenatas, de tertúlias poéticas e de caravelas singrando os mares "nunca dantes navegados".

**Espanha.** Nasceu aí o folclore do fogo; o folclore das iluminuras, porque ele, embora pobre, representa "a incandescência de todos os vulcões da terra", representa a brasa viva e as chamas das fogueiras e dos incêndios; representa a alma incendiária das revoluções e o coração violento da mulher espanhola.

Eis por que se diz "que em cada alma espanhola existe uma fogueira adormecida", à espera da hora certa para a explosão contagiante. O folclore do povo é imaginoso e rico, porque define a origem de um povo, que teve a sua civilização alicerçada, nas tropelias, nas conquistas e nos motins da era primeva.

**México.** Possui, como folclore fundamento o folclore do ouro; o folclore do metal em barras, o folclore do metal em gra-

netos, folclore que representa - daspaços - violentos de tradição, lutas guerrilhas, aventuras, traições, insídias, conspirações e sangue. Uma riqueza, sem paralelo, de poder criador e de fulgurância.

Um folclore origem, que personifica uma raça de bravos, de audazes e de domadores do desconhecido. É a única pátria no mundo cuja história, maravilhosa e bela, podemos conhecer, na profundidade, através de seus bonecos folclóricos. Cada boneco mexicano representa um período conturbado da sua história; uma faceta, um ângulo de seu progresso. Se reunirmos duzentos bonecos mexicanos, mesmo que sejam em gravuras, nós teremos, em mãos, o seu passado, a sua formação político-social-econômica; teremos, então, sua literatura, sua arte sua música, sua poesia, sua história de desbravamento, sua tradição incola, seu gênio criador, seus revezes e suas glórias.

**Chile.** Folclore das cordilheiras e dos montes. Rico de imaginação; cheio de rutilâncias e contornos. É estropiado, muitas vezes, por imagens telúricas que lhe tiram, totalmente, a roupagem do crioulismo. Entretanto, é o folclore das paisagens em desolação, entre uma indagação permanente de tragédias em formação, de tragédia a se desencadear.

É folclore áspero, selvagem, rude e brutal. Não vive nele o sentido da emoção propriamente dita. É corpo morto visto pelo ângulo do sugestionante, do que inebria, do que extasia.

Sua origem vem - dizem muitos - da extravagância topográfica, daquilo que gela, gerando o enigmático, o insondável. No degelo das cordilheiras, ele nos aparece como rios conduzindo duendes no fragor das águas que se despenham e buscam os vales, porque nos vales estão os bruxos milenários que sorverão, avidamente, essas águas; águas que serão, por bocas fantasmagóricas, expelidas depois; águas que se transformarão em vapor; e vapor que alcançará o cume das montanhas para se transformar em gelo; e gelo, que um dia, num estrondo se partirá, para de novo formar a caudal; caudal que será rio impetuoso; e rio que novamente transportará duendes até o silêncio dos vales, onde vivem e moram os bruxos milenários, filhos dos vulcões e dos terremotos.

Perdeu, então, o folclore chileno, o seu crioulismo, o seu sentido nativista; mas nos legou danças variadas, de reboleios,

de sapateados, de ditos, de chistes, cânticos, requebros, gingadas, marchas, vaivém, curvaturas, saudações, meneios de cabeça, negaças e arremates com versos amorosos. No fundo, a percepção chilena é enervante e cruel. Fora a paisagística da dança, o nativismo fiel, o folclore andino é amargo, desvestido de emoção, descolorido e sem vibração. É paupérrimo nas abusões e na superstição; um pouco encorpado na credice e no dito popular, mas sem impressionar, sem predicados para erguer e levantar o sentimento do crioulistmo, do terrunho.

**Colômbia.** Folclore das florestas. Muito apaixonante, porém, folclore restrito, apegado ferrenhamente à flora, sem conteúdo ser um país possuidor de grandes reservas florestais. É folclore que se lê, se estuda e se conhece em pouco tempo, pois nele não existe a variedade nem a multiplicidade. Restringe-se à jangal e, algumas vezes, aos pântanos, de onde se levantam miasmas para asfixiar o invasor atrevido.

Nas épocas das lutas intestinas, afirmam, em chacota e brejeirice, os estudiosos das coisas da terra, que o governo conclama, através de feitiçarias, a esses miasmas, para a destruição dos rebeldes.

Suas danças são lindas, originalíssimas, tendo por fundamento coreográfico a marcha e os volteios; volteios duros, pesados, mas que empolgam pela originalidade.

**Argentina.** Folclore charrua. Vem a denominação do interesse pelas imagens tradicionalistas. O charrua argentino é o chão, o caminho das boiadas, as veredas, as coxilhas, a doma, o peão, a musicueada, as tropilhas, a paisagem do pôr-do-sol, as ramadas de festas, as cantigas crioulas e o grito onomatopaico do índio vago.

O folclore charrua nos dá, ainda, a paisagem das sombras, que é o entardecer campeiro. Essa paisagem, dentro do folclore, é qualquer coisa de grandiloquente e sublime: exalta, impressiona e arrebatava o cristão.

Mesmo os indiferentes, mesmo os de coração de pedra, os duros e os de entendimento emburelado, se curvam, caindo de joelhos ante o folclore charrua do entardecer, do sol-se-pondo, do chegar das trevas, do lusco-fusco, da hora-morta, do momento

dúbio, da luz-que-morre, da agonia do vazio das cintilações e das fulgurâncias em declínio.

Esse o folclore charrua, o folclore-fundamento, o folclore-base da nação irmã. Os seus pesquisadores, os seus estudiosos, aqueles que levantaram o folclore argentino, observando a terra, estudando os hábitos e os costumes dos povoeiros, dos tropeiros, dos andariegos, dos estancieiros e dos peões, se tornaram mestres consumados. Viveram a terra, viveram a paisagem; modelaram o meio ambiente e, acima de tudo, modelaram a vivência agreste e rude.

**Paraguai.** Folclore da cachaça. O Paraguai possui lendas decalcadas no folclore, de extraordinária beleza, tais como: *La Virgen de Los Milagros, el andariego* (o que caminha, que anda sem-pre, sem destino certo); um escrito guarani: *petin kumbaé* (um homem degolado), folclore, magnificamente levantado, com gosto e elevada indagação nativista; *el brujo de los senderos* (o bruxo dos caminhos); o que espantava crianças, fazia velho perder o respeito às calças, entontecia os passarinhos, punha manqueira nos cavalos e levantava as saias das velhas regateiras que iam para a festa *del poblado* (do povoado); *el aconcagua* (o fazedor de graça, uma espécie de palhaço triste, de triste predestinação), o que tem por dever e ofício fazer graça, fazer o próximo rir, ser moleque, ser saltimbanco eternamente. Se cair vencido, pelo cansaço ou pela velhice, se não mais conseguir arrancar o riso do vivente, então, é chegada o fim; vai morrer; e morrer com o arrebatamento integral da garganta.

Aconcágua, em época não muito distante, povoou os ervais de Mato Grosso. Conheci muitos deles; e eram homens rudes, cômicos, porém, das próprias responsabilidades, criando, inventando e imaginando chistes, anedotas casos burlescos e trocadilhos: Juan Acunha, Ramiro Robledo, Pedrito Ayala e Filon Parra; todos foram grandes aconcáguas e célebres se tornaram pela facilidade na improvisação.

Temos aí, indubitavelmente, os fatos, os hábitos, os costumes e os modismos, dentro do folclore.

Cunhã Tarová, a mulher louca do folclore guarani, a mulher endemoniada da República do Paraguai; a que, descabelada, voando quase rente ao solo, milhares e milhares de quilômetros por minuto, guarda, avaramente, as riquezas e todas as fronteiras da

Pátria irmã. A Cunhã Tarová é grande deusa do folclore paraguaio. Mulher que faz chover, que refreia as enchentes, que ensina o caminho certo ao homem perdido, que abranda a tempestade, que cura a peste, que alimenta o faminto...

Mas o folclore da cachaça é que é a coisa, porque dizem que o homem paraguaio é desesperado por cinco coisas: mulher, violão, cachaça, cachaça e cachaça. A canha (a cachaça) é o grande folclore do hospitaleiro país-irmão.

Cada nome de cachaça tem o seu matiz folclórico, porque nos assegura a própria lenda folclórica, que o primeiro homem guarani morreu num tacho de pinga fervente. Alguns nomes de velhas pingas paraguaias que tiveram origem nas investigações folclóricas: Veneno Bom, Mulher Intrigante, Três Tombos, Praga Boa, Queima Tripa, Limpa Sangue, etc.

No folclore da cachaça da terra do ditador Francisco Solano Lopes, El Supremo, nós encontramos cento e cinquenta figuras de folclore. Infelizmente os folcloristas paraguaios são em número reduzidíssimo e, em consequência disso, o levantamento de seu folclore não tem sido perfeito, embora seja de rara beleza, muito imaginoso, burlesco, gracioso e encantador.

Assim, folclore gigantesco produziu a República do Paraguai, mesmo contando com reduzido número de pesquisadores.

Folclore que prende. Folclore de emoção. Folclore de multiplicidade. Folclore pintalgado do burlesco. Folclore de nativismo puro. Folclore sem contaminação... folclore precioso, indiscutivelmente.

(Palestra pronunciada na Rádio Presidente Venceslau, em 15-11-1951).

### *Os enterros de Solano Lopes*

Os enterros de Lopes que encheram a imaginação de muitos, que provocaram miséria e fome; que geraram tragédias e que destruíram tantos e tantos lares felizes!

Eles, entretanto, existiram (e existem, ainda, nas profundezas da terra mato-grossense) pois, descobertos que foram, enri-

queceram a muitos. Para uns, foi o ouro da maldição, para outros o metal da bonança, da luxúria, do fausto. Vejamos.

Manuel Custódio Valente conseguiu um roteiro com um velho correntino, e se aprestou para descobrir a fortuna fabulosa referida no papel, já bastante dilacerado pela ação destruidora do tempo, que tudo consome. Ficava nas águas do rio São João, nas cercanias do chamado Caminho do Paraguai.

Mané Valente, de posse do precioso documento, tornou-se um endoidecido. Olvidou-se da própria família e se pôs a estudar, dia e noite, o plano para a gigantesca arremetida. Jamais aceitou conselhos de amigos ou de seus familiares. Haveria de descobrir o enterro, custasse o que custasse.

Três meses após era já um homem maluquecido; via em sua frente, unicamente, as famosas libras esterlinas, as jóias faiscantes e as pesadas barras de ouro. Ouro que seria sua total redenção econômica; ouro que iria fazê-lo o senhor todo poderoso daquela fronteira abandonada e sem lei, cheia, repleta mesmo, de causos, lendas e mistérios; ouro que iria transformá-lo no político de arcas pejudas e de vida regalada, farta e feliz.

E não titubeou; foi vendendo tudo que possuía para apurar dinheiro, a fim de organizar a sua bandeira: casa de moradia, uma chácara, pertences caseiros de alto valor, o gadinho e os próprios cavalos de estimação.

Tudo pronto, partiu para grande e louca aventura. Com setecentas folhas de zinco desviou a água do lendário rio São João e cavou seu leito, durante três meses seguidos, num desespero indescritível. Marcava o eito, tecia considerações, fazia cálculos e, sustentando os seus quarenta homens, não notava que se empobrecia cada vez mais. Tentaram dissuadi-lo, mas em vão... Haveria de encontrar as três carretilhas, por ali enterradas, pelos fugitivos da coluna do coronel Isidoro Resquin.

Mas os dias se escoaram... trabalho duro, pesadíssimo, dentro d'água, provocou desânimo total naquela pobre gente... e veio, então, a debandada, a fuga... Mané, à margem do rio São João, chorou sobre os próprios joelhos calejados.

E partiu, também vencido, humilhado e enfermo. Voltou novamente; cavou todas as margens, abriu crateras no leito da

Sua história é a história de todos os índios vagos, dos peledores e dos cruzaram a fronteira, no avanço da noite, com o contrabando metido na bruaca, para despistar a policia vigilante.

### Folclore

*Bamo, cavalo, bamo,  
trote a trote,  
sem parar,  
leva o seu dono, leva,  
pelo mundo a passear.*

*Cavaleiro que cavalga,  
cabisbaixo a meditar,  
é destino apressilhado,  
não pode nunca parar.*

Quando o cavaleiro viaja assim, derreado sobre os arreios, tristão, de cabeça baixa, espalmando a mão esquerda para não usar o chicote, é vivente curtindo sofrimento e amargura. Na seta ou no pouso, conversa com o pingaço; conversa de confidente; fala de ternura para amenizar a dor de um ente descarinhado, de um anejo, de um trota-mundo.

- Pucha la vida, sorte madrastra!

A curvatura do corpo do cavaleiro e o peso de sua desventura. Cavaleiro quando troteia, cortando a noite escura, montando em cavalo preto, chama lobisomem para a festança das encruzilhadas. Lobisomem dança no redemoinho, gritando, se divertindo, dando pinotes, para cavalo preto derrubar o cavaleiro e parar bufando, no lugar.

Lobisomem então cavalga o pingaço cor de tição e sai pelos campos atropelando o gado, só por malvadeza, porque ele, lobisomem, não gosta de dono de fazenda e sabe que o fazendeiro fica babando de raiva, quando a vacada dispara e ganha o cerrado sujo, cheio de espinhos.

Se, porém, o cavalo é branco, tal e qual o cavalo de São Jorge, o santo guerreiro, o cavaleiro vara a noite acompanhado de anjos protetores em forma de proelissão. E tudo lhe sai bem: o encontro

com a mulher amada, a venda do gado, a queima do campo, mesmo com o vento parado, e a roça, que há de entupir a tulha com o partirão da colheita. Lobisomem nunca aparece nessa ocasião. O bruxo feio tem inveja da estampa e da faceirice de cavalo branco.

### *Chimarrão*

O mate, caai no linguajar guarani, originário da República do Paraguai, pela lenda antiga, é bebida que Tupã ensinara aos velhos pajés para que, por meio dela pudessem receber a sua inspiração e proteção. Também denominado o amargo que é tão doce, o chimarrão foi introduzido no Rio Grande do Sul pelos valorosos e abnegados padres jesuítas.

O mate-chimarrão é companheiro inseparável do gaúcho, do vaqueiro, do campeiro, do cruzador de caminhos, do índio faceiro, bem pilchado, da china amorosa e apaixonada, do piazote atrevido e disposto e das velhas gaúchas, imagens imperecíveis da terra bravia e do crioullismo.

O gaúcho ou o mateador inveterado de outros pagos saúdam a madrugada com a cuia de mate na mão. A velha mãe gaúcha ou o índio gaudério, na roda do amargo bem cevado, entropilham as lendas e os causos, ensinando às crianças e aos maiores a vivência passada, o respeito às tradições, o bem-querer aos pagos crioulos e o amor à Pátria.

Um gole de mate é um pensamento, um convite, muitas vezes, para um entrevero ou uma campereada, ao alvorejar, meio escurito ainda, pelas coxilhas orvalhadas. Enquanto a cuia roda de mão em mão, cultiva-se a hospitalidade e se pratica o cavalheirismo, porque gaúcho bom e mateador de outros rincões deve e precisa ser, acima de tudo, hospitaleiro e cavalheiresco.

Com o mate se conquista amizade, firmam-se negócios, idealiza-se, discute-se, pondera-se e tantas coisas mais.

- Tome mais um mate, amigo, ainda é cedo; ou fique um pouquinho mais.

É o gaúcho, cativo e grato pela visita, abre com sinceridade o coração hospitaleiro. Bem disse o poeta nestes versos:



*E a cuia, seio moreno,  
que passa de mão em mão  
traduz no meu chimarrão  
a velha hospitalidade,  
da gente do meu rincão.*

Chimarrão: sempre uma lembrança, uma recordação xucra, uma saudação ao chegante, um adeus, uns esporços no passado ou um pialo certo no presente, isto porque chimarrão é o sangue verde de todos os pagos e de todas as querências crioulas!

### *De tudo um pouco*

Um peão de erval tendo resolvido, após vinte anos, ir visitar a família no Paraguai e, não podendo levar a mulher em sua companhia, alugou-a a um seu patricio pelo preço ajustado e contratado de cem cruzeiros por mês, até o prazo de dez meses.

Na volta, o marido zeloso procurou o alugador para o competente acerto. Tiveram sério desentendimento. Foram às vias de fato... O marido, muito mais velho, pouco ágil, recebeu no ombro trêmenda porretada que o prostrou por terra.

Seus amigos, justamente revoltados, quase mataram o alugador, de tanto que bateram. Tão violenta foi a sumanta, que lhe vazaram um olho. O marido, miseravelmente enganado, em consequência da brutal agressão, ficou aleijado do ombro e braço esquerdo para o resto da vida.

O dono da povoação ervateira, austero e de olhar endurecido, perguntou ao covarde agressor por que se negara a pagar o aluguel da mulher tão cordata.

A resposta veio fulminante: - *Etá muy vieja, patrón. Vieja mimo! E tiene poca voluntad de atender las necesidades del hombre...*

O patrão, impertubável e sisudo, quis que mais uma vez imperasse a justiça em seu trabalho e ordenou que o mau pagador abandonasse a ranchada imediatamente; antes, porém, tirou-lhe o violão de braço emperolado, *nuevito, nuevito*, para pagamento da dívida que ele, patrão, julgava sagrada:

(Xvovção ervateira de Porto Batmilha, município de Vista Para).

## O carpinteiro

Um carpinteiro de nacionalidade paraguaia, também excelente mestre-cuca, certa feita, apareceu na ranchada ervateira Ajuicaba, de propriedade de meu pai, e pediu serviço da sua profissão ou qualquer outro, do próprio trabalho, pois tinha família numerosa e precisava ganhar *unas platitas*.

Meu pai atendeu ao apelo dramático do acierrero, prometendo-lhe trabalho por um ano. Com cinco burros da ranchada cedidos por meu pai e um pouco de dinheiro, alegrão e cheio de entusiasmo, o novo *personal* partiu para trazer a família.

Comprometeu-se a regressar em quinze dias e regressou mesmo. Sua chegada, num domingo, pela manhã alvoroçou a ranchada. A peonada, de olhar fuzilante, ficou boquiaberta, babando, dominada por uns arrepios quentes pelo corpo.

O novo companheiro de trabalho, além da mulher castigada pela bruteza da vida, mas bonita e provocadora, trazia cinco filhas encantadoras de longos cabelos negros, sendo que duas delas botando seios, tendo a mais velha somente dezenove anos de idade.

A chegada das cinco irmãs paraguaias nos ervais de dom Chico Serejo deu nova vida ao ambiente. E, nessa mesma noite, houve uma musiqueada e, logo em seguida, com a permissão do *patrón* dom Serejo, rompeu um baile (jeroqui) *muy divertido e caliente*, que se prolongou até o amanhecer do dia.

A luta pela conservação da virgindade das irmãs guaranis foi algo de indescritível. Os lobos famintos, segregados naquele ermo, há mais de um ano, entraram em conflito e houve entreveros, uns após outros, facadas, tiros, machetados e duas mortes.

Meu pai, defensor das inocentes mocinhas, resolveu pôr fim ao drama, gerado pelo furor macho e pelo sensualismo. Extinguiu a ranchada ervateira. Transferiu tudo para Naranjay. Sofreu enormes prejuízos, mas ganhou o que tanto desejava e merecia: a paz de espírito, a tranquilidade.

Anos depois, já residindo em Campo Grande, tivemos notícia do carpinteiro paraguaio e bom mestre-cuca que meu pai re-

solveu admitir em sua ranchada ervateira; mal de vida, arruinado mesmo, a mulher doente, o acierrero, como recurso extremo, tomou esta deliberação: vender as filhas... sendo lindas e ainda virgens, para elas seguramente acharia bom preço. E achou, no seu entender, o preço justo pela primeira... um madeireiro de Campo Mourão, no Paraná, foi o comprador. Logo apareceram outros interessados e mais duas foram vendidas, ou melhor, breganhadas por uma espingarda de dois canos, dez contos de réis e um bote com motor novo.

As duas restantes, as mais jovens, tiveram o mesmo destino. Uma delas, dizem, no sul do Estado do Paraná, como esposa exemplaríssima de determinada autoridade, chegou a ser dama de conceito respeitável na terra dos pinheirais.

De nada valerem o zelo de meu pai, as suas noites em sobressaltos constantes, o atendimento aos feridos, os curativos, o tratamento humano e o velório cristão aos defuntos, pois as graciosas cunhatais de Ajuricaba foram vendidas para melhoria da vida daquele que as pôs no mundo, formosas e encantadoras.

(Ranchada ervateira de Ajuricaba e Rancho Paloma, município de Dourados, Mato Grosso).

### *Cosas originais que encontrei*

Três irmãos casados com moças de nome Maria, todas elas filhas de Estados diferentes...

Marido e mulher nascidos no mesmo dia, bem como os dois primeiros filhos...

Um cabo do 3.º Regimento de Infantaria, Praia Vermelha, Rio, de nome José de Almeida Cardoso, baiano de nascimento, que repetia, em voz alta, enquanto dormia, a conversa que mantivera durante o dia, inclusive seus encontros amorosos, pois era desesperado por um rabo-de-saia, muito audacioso e pouco respeitador. Quando revivia, sonambúlico, a conversa do encontro, a soldadesca ficava atenta, somente para ouvir as barbaridades e os queixumes amorosos que saíam da boca do cabo Cardoso, que nesses momentos não acordava nem com tiro de canhão...

Um velho cavalo zaino, montada de guri, cuja cara, por mais absurdo que possa parecer, possuía espantosa semelhança com um velho peão ervateiro que servia meu pai. Muitos de longe vieram para constatação do fenômeno que, já se dizia, à boca cheia, era coisa de espiritismo. Alguns, mais afoitos, metidos a entendidos das coisas do Além, afirmavam, enfaticamente, "que na outra geração, o peão, serviçal de meu pai, havia sido cavalo".

O pobre peão, conhecido popularmente pela alcunha de Piteiro, porque tocava uma flautinha de taquara, tinha o olho direito sapiroquento, a testa avançada e tremia constantemente um dos cantos da boca, o que lhe dava um aspecto cômico e grotesco.

O cavalo zaino, lerdo e mansarrão, possuía os mesmos defeitos, tão idênticos, sem nenhuma dessemelhança, que deixava qualquer cristão abobalhado, fustigando o bestunto, não raramente para dizer, inteiramente crédulo, porém lívido, apavorado: - É coisa de espírito, sim!

### Folclore

*Minha gente, iscuíte agora,  
vem rompendo, rubra a aurora,  
a passavada gorjeia,  
o riacho serpenteia,  
o cão ladra... a vaca-berra,  
um cravão branqueja a serra,  
o véu da noite descerra...*

*Pare e venha admirá,  
a imponência sem iguá,  
- dus sertões da minha terra!*

### Uirapuru

Passaro lendário. Inúmeras são as histórias sobre ele, hoje incorporadas ao folclore nacional.

Muito dificilmente encontrado, o uirapuru vive nas regiões do norte do país, principalmente nos territórios de Rondônia,

ostentando delicadas flores e não raramente conduzindo alguns répteis, no acamado de reentrâncias e saliências.

Se um barco corta o mundão de água que se esparrama, enovelante, por todos os lados, lambendo sadicamente as barrancas, o panorama se torna atraente, pondo vislumbres indagativos nos olhos do cristão, absorto e magnetizado, pelo quadro conturbante que tem diante de si.

Cheia de rio grande sugestiona, mas também apavora. A paisagem agrada, pelo impressionante, entretanto, amedronta e aterra, pelo fantástico.

### *Palavras do prosador crioulo*

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que, na infância atribulada, recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e haragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco paraguaio, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses.

Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas.

Eu sou filho da *jungle*, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.

Os ventos do destino, maus e bons, levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos.

Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento. Revolta, pela gritante desigualdade existente entre os seres humanos - criação sublime de um mesmo Deus e rebanho sofredor de um mesmo Pastor.

Trilhei, no passado distante - vivência, que se me incrustou no sensível coração caboclo - muitos ermos e muitas paragens.

Fui surrado na vida e sofrido do destino. Mas os olhos indagadores estiveram sempre voltados para o Alto, porque é do Alto, da Casa do Senhor, que vêm a força, a verdade e a luz.

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos, mas com o conforto grandiloquente de ter sido guiado por essa luz mirífica que é o farol divino que indica, neste tormentoso vale de lágrimas, aos bons e aos puros de espírito, o caminho certo da vida.

Procurei cantar, com ternura e suavidade, as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias. Fui gemido de carreta manchega no estrão da serra íngreme e fui também, envaidecido, tropel de tropilha crioula, índio haragano trilhador de todos os caminhos. Amei imensamente o vazio aberto. Nele sempre vi, orgulhoso e confortado, a obra incommensurável do Senhor.

Absorto e contemplativo, no giro sertanejo, quantas vezes não dormi sobre um baixeiro, debaixo da árvore agasalhadora, coberto pelo poncho azul do céu! O chão era minha cama e a mata milenária, a catedral crioula da minha oração xucra. Sorvi, com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras em seus mínimos detalhes e delas me tornei escravo submisso e voluntário.

### Setestrela

São, ao todo, sete. Sete estrelas de fulgurante beleza. Deus, Nosso Senhor, as colocou ali do lado poente, para que estendessem luz nesse canto do globo terráqueo, com o que clareariam os caminhos de milhões de viventes. Essa foi a sábia intenção do Pai Eterno. Setestrela vem cumprindo a sua missão orientadora e divina.

Quando cai chuva de manga, ele salta sem parar: é a dança exótica em busca do manjar que chuva rápida proporciona ac batráquio que, nesses dias, fica inquieto, lépido e assanhadão.

Sapo-de-terreiro tem coaxar diferente: é um gemer curto, espremido, preguiçoso. Nem dá gosto de se ouvir. Mas o batráquio terreiro alegre por demais a gente quando dana a saltar, aqui e ali, incansavelmente, atrás do farnel alimentador. O caboclo diz que não é salto e sim dança, bailado de alegria porque chuva de manga bole com as suas entranhas e bota ligeireza nas pernas, favorecendo aquele dançar continuado, que aguça a mente do cristão extasiado.

No reino das abusões, couro desse batráquio, colocado em paiol, bem estirado, faz chover quando a roça plantada estiver precisando: é só virar o courinho seco ao contrário e dependurá-lo na parede de fora para que receba, livremente, de todos os lados, o vento que puxa chuva. Fiz, certa feita, na fazenda de dona Laura, nos confins ervateiros da zona de Angélica, a simpatia batraquiiana e... com muita fé; caiu chuva de dia inteiro, inundando o vargado, arrebrandando o rego-d'água, arrancando macega e desbeijando as barrancas da nascente.

Ganhei respeito na fazenda das mulheres, pois eram quatro irmãs sob o comando eficiente da valorosa vítua Laura, uma mulher-macho, que não deixou que a propriedade percesse com a morte brutal do marido campeiro, que quebrou o pescoço, na todada do cavalo, quando tangia uma tropilha de novilhas.

Na hospitaleira fazenda de dona Laura, sapo-de-terreiro fez morada grande. Eram às centenas, uma multidão mesmo, pulantes, meio dançarinos, aflitos, com aquele verde-escuro, cor marcante da espécie. Uma cena que guardo até hoje: aquele mundão de sapo, num entrevero doido, cortando o largo terreiro em todos sentidos. Por serem inofensivos, nunca são molestados. Ademais, estão na própria casa, e todos da família compreendem isto.

Exaustiva pesquisa desenvolvemos, ao lado de amigos de boa vontade, sobre o sapo-de-terreiro. Nas andanças e no perguntar insistente, descobrimos que na cidade argentina de Posadas o austríaco Willing Gothard possuiu um bem montado curtume para trabalhar o couro do batráquio fronteiriço que, uma vez curtido, era exportado para a Alemanha, em pequenas caixas de cedro.

Tudo mudou, o próprio chão sofreu profundas alterações, mas a espécie não desapareceu. Sapo-de-terreiro vive por aí, saltitante, meio dançarino com sua cor marcante, cruzando os terreiros largos e enfeitando a paisagem charrua.

### *Couro seco de vaca*

O primeiro, no continente sul-americano, a escarificar o assunto, farpa viva do crioulismo, foi, sem qualquer contestação, o laborioso investigador xucro uruguaio, Román Fontan Lemes, autor laureado de *TOLVANERAS CRIOLLAS*, *PERFILES*, *TREZAS Y ESTACAS*, *GUASQUIANDO*, *MONTONERAS*, fascinantes *cuENTOS criollos*, tantos outros retalhos da tradição.

Tínhamos o tema charrua em nosso desbeijado balaio de bugre onde guardamos as nossas relíquias campesinas que serão, com o tempo, transformadas em crônicas. Fizemos, conscienciosamente, um comparativo de argumentos e chegamos à conclusão de que o material à espera de alinhamento redatorial era diferente dos conceituados por Román.

Apresentávamos outros ângulos com um xucrismo mais latente, mais vivo fora e dentro da credence matuta. O couro seco de vaca brasileiro, isto porque estudamos o crioulismo nacional, é assim e se reveste dessa fiel roupagem.

Foi jogado fora como coisa inútil. Ao relento, engruviniu, ficou retorcido nas pontas. Bem no centro embocou, apresentando aquele mundão de calombos que formavam exóticas figuras na adivinhação burlesca de grandes e pequenos.

Ali, no embocado do couro seco havia de tudo, e aí é que estava o divertido, a argúcia do cristão, que mais semelhança encontrava. Conforme o couro ia alinhando as figuras ou pareenças: sapo, boi de carro, chicote, cabeça de porco, estrada funda, piquete, lua, galo cantando, cobra enrolada, etc.

Fica bom de se ver porque dá farturão de semelhanças, quando o couro tomou muita chuva, e recebeu dias e dias o calor do sol implacável, formando, então, aquela teia de retorcidos e inchaços, que vão originando estampas e moldes excêntricos.



A adivinhação é um jogo; depois, vem a explicação paciente, porque os adivinhadores precisam convencer que a figura se identifica com o dito da descoberta. Fui ver, inúmeras vezes, couro seco de vaca, com alguns adivinhadores residentes na fazenda São Domingos, de propriedade de Bebiano Fernandes, zona de Juti, então município de Ponta Porã.

O terrível na adivinha era o Miguel Sutile, o Miguelito, que aprendeu a ler e a escrever nas fazendas da região. Era dotado, porém, de respeitável inteligência e apurado sentido de observação.

O Miguelito, fomos companheiros de vivência sertaneja durante muitos anos, lia e escrevia o quanto podia. Tomou gosto pelo manuseio de revistas, almanaques e livros com ilustrações. Passou a colecionar figuras que eram pregadas, com grude de trigo, nas paredes de seu quarto.

Lembro-me de várias, e já se passaram mais de cinquenta anos: Jack Dempsey, o leão de Utah, lutando com o boxeador argentino Luis Angel Filpo; o Navegante Solitário, que afirmava haver descoberto uma cidade nos fundos do mar; a primeira experiência séria com um dirigível, "monstro que iria assustar a humanidade", em futuro não muito distante; os búfalos, aos milhares, em regiões completamente selvagens; tropa de gado cortando o deserto; carretas no pouso; rodeio; ranchada ervateira, e muitas outras.

O feliz Miguelito não só colecionava fotos e gravuras, como dava-lhes tratamento carinhoso, muitíssimo especial. Sem sombras de dúvida que foi daí que veio aquele seu extraordinário pendur de adivinhador de figuras no couro seco de vaca. Não teve rival nesse campo. Descobria e deitava o argumento convincente. Para isso, tinha até uma técnica que assombrava a todos.

O guapo índio uruguaio Román Fontan Lemes, *hermano mi querido de avanzo en busca de las tradiciones campesinas e del costumbrismo*, afirmava que o couro seco da vaca *quedaba mejor para la adivinación, quando estaba bien amugadisto*. As rugas, sempre desiguais, é que davam forma às figuras que surgiam no embocado do couro pinchado fora, ou de rês que morreu de doença.

Couro seco de vaca é raiz do crioulistismo, farpa da tradição, trança do nativismo e chispaço do folclore.

### *Vento do entardecer*

Esse vento, brando ou haragano, cantante, ou estropiador, pode vir de qualquer lado. Às vezes surge com aspecto negaceador, parando a cada instante, como se quisesse tomar fôlego. Carrega miasmas, seguidamente, também cheiro de brejo podre e, como magnetismo estonteante, o odor ameno, embriagador, das flores campesinas, que é o enfeite dos anjos na vastidão da terra nativa.

Quando a estação é outonal, cada soprar embalsama e purifica o ar, porque traz consigo, amíúde, o gosto bom do capim das várzeas que, na crença crioula, fortalece os pulmões e dá sustança ao coração abagualado.

Vento do entardecer é igualzinho cantiga de ninar, isto porque o cristão, sem querer, cerra os olhos e atrela o pensamento nas profundezas do passado, para desfilar, emotivamente, as contas do rosário da sua vivência rude. É até canção que distrai e adormece a fera andeja. Invariavelmente, engolfa o íntimo do vivente, conduzindo a sua imaginação, num entrevero de luzir crepuscular, à fase da meninice, para o recordar de emoções, o tudo que o tempo não conseguiu apagar da memória.

Vento do entardecer, soprando preguiçosamente, ou em rajadas de dobrar moitas de capinzeiro alto, alivia a tensão, coloca nervos no eixo e bota coragem e resolução na mente dos desanimados. Tanto conduz ele um frescor de umidade de charco, como uma quentura gostosa que domina o corpo inteiro. Bicho de pena, que gosta dele, é o pinhé roncadór. O ventinho carrega até às alturas o cheiro da carniça apetitosa, banquete regalador do carancho que nunca enche o bucho.

Na legião do passado distante e na crendice sertaneja, bom para se acender vela de promessa é mesmo na horinha desse ventinho que antecede ao anoitecer, porque é nesse instante psicológico que os anjos descem do céu para abençoar a natureza, que silencia para adormecer. Os pássaros são mais afinados. Na hora dúbia, feras e viventes se quedam, contemplativos e mudos, em respeito ao supremo Criador.

Já adormeci, vezes sem conta, na cabeceira de farta rama-gem, enquanto os bois pastavam, embalado pelo ventinho, brin-

quanto sopra o vendaval, a macega permanece debruçada sobre o solo, como que adormecida; *trompaço* – um encontro de grande violência, proposital ou casual, de arrancar fogo dos olhos; num encontro abrutalhado, o que xingar primeiro a mãe do outro pode voltar, que vai esbarrar com azar no caminho, tornando-o um urucubaquento; *bordoncandó* – aquele que canta baixinho, acompanhando com os dedos a música dolente; é crença que, quando assim procedendo, vai aos poucos adormecendo; é que os anjos abençoaram a sua cantiga; *manatapo* – mal vestido, dando impressão de completa miséria... um pobre diabo digno de lástima.

### Galponeiro

O galponeiro é a imagem autêntica do crioulistismo; a bandeira xucra de todos os pagos; o símbolo de vivência charrua; a estampa dominadora das distâncias que não têm fim. É a estátua haragana do xucristismo.

O galpão é a sua casa hospitaleira e confortável; o galpão é o seu mundo, o aconchego do seu coração abagualado; a sombra agasalhadora para a cantinga da terrura do meio da tarde; o pitorril da janela para a volta ao passado no sonhar cismarento com suspiros entrecortados de recordações; é a casa do seja bem-vindo, do apeic amigo e do chimarrão que ferra amizade e une índios cândidos ou peleadores; galpão é o rancho de todos, dos nativos, estradeiros e rumbedores sem destino certo; é o reto que agasalha, mas que serve também de palco para bochinchadas, entreveros e peleias de vingança; é a alma do que se foi, tombado ali, na peleia da vingança, mas que ronda o chão, todas as noites, porque dele não quer se separar; galpão é o abrigo terno do mascate, condutor de tropilhas, campeiro, índio, contrabandista, carreteiro, corre-mundo, andariego e do casal amoroso que voltou de festa e quer fazer uma parada de descansá, para recuperar forças, a fim de dar prosseguimento à marcha rumo à morada, mesmo enfrentando a canícula ou a jereré encabulante.

Galpão, qualquer piaizto sabe, é marco sagrado da tradição; é abrigo salvador de todos aqueles que cruzam a vastidão para a-

tingirem pontos diferentes do pago. Na brejeirice, no pilheriante, galpão de estrada, sem dono, é cama macia para se pôr no mundo os futuros donos das coxilhas, ou os cruzadores, predestinados de ermos. O que foi feito em galpão, afirma a grande sabedoria charua, nasce e cresce sem medo no coração, pialando, desde mocinho desassombadamente as emoções da bruta lida campeira.

No castelhano, o índio *chegante* é galponero, tem seu respeito na bombacha larga, no vozeirão, nos gestos largos e no talho nativista do cabelo.

Dizem que este índio galponeiro, de nascença correntina, *vierte siempre fregano las manos*, sinal certo de que, a qualquer momento, pode enfrentar o perigo, usando este ou aquele tipo de arma, sem precisar pedir ajuda *al juez supremo del cielo*.

O galponeiro legítimo, filho de crioulisto xucro, que não respeita fronteiras nem firma pensamento no dia do amanhã, tem no galpão crioulo a catedral santificada onde reza, submisso e até acovardado, a oração rude dos seus sentimentos de gaudério, que não pode parar, uma vez que trouxe do berço a sina avoenga que, se parar, o sangue estuante também parará em suas veias, para surgir a asfixia desesperadora e a morte irremediável.

Os galponeiros andam por aí, perdidos nas vastidões de muitos chãos, atropelados, às vezes, pelo destino caprichoso ou tocados por ventos marotos que conduzem em seu bojo a canção cigana das querências.

O que o galponero quer é viver, *a su gusto, sin freno* ou cabresto, por conseguinte, sem grandes preocupações, comendo, matando e dormindo, *a la voluntad de Dios*, sem nunca pensar que o dia seguinte poderá ser de amarguras, dissabores e de duros pesadelos. Não lhe interessa o amanhã, quer desfrutar o hoje, galopando em pensamento pelo coxilhame, haurindo o ventinho fresco das madrugada e o morno ameno de entardecer que vem das baixadas.

Galponeiro ama o luar, deitado na rede ou na cama de varas, ele namora a paisagem, vendo o rendilhado branco cobrir tudo. Torna-se, no solene instante, um ser humano bestificado pela magia do esplendor, passando, então, a sentir dentro dalma um bem-estar intraduzível.

Ele sabe que é um xucro, mas um xucro que tem coração, que sabe admirar o belo, que o quadro portentoso ante os olhos deslumbrados é obra Dele, o Guia infalível, o supremo Criador, o Pai celestial, o *Dios amable* e terno, o Conselheiro sublime.

Sentido isso tudo, metido em seu xucrismo bravio, o galponeiro nunca maldiz a sorte. Tem plena consciência de que é um asselvajado; entretanto, com sua fé inabalável e o seu imenso respeito pelo Criador, vai acumulando reservas de resignação, para deixar que o tempo role, em anoiteceres e madrugares, pois, assim, o coração se aquieta e a vivência de rompedor do chão, de andariego sem destino certo, não lhe será um ferro em brasa encostado ao peito.

### O tropeiro cortador de chão

Sua sina é essa; veio ao mundo predestinado; não arrenega a vivência; se golpeado rudemente, em certo dia, reúne forças, firma o pensamento e, resoluto como um reizinho envelhecido, prossegue a jornada campechana. Não bota preocupação no tempo. Tanto faz sol, chuva, mormaço ou escuridão. O que quer é cumprir o fadário. Sente-se bem conformado com esse pensamento. Tem fé na santa madrinha. Tudo fará para não contrariá-la. Os seus passos, na vida, são determinados por ela.

Manhãzita, você sai para vencer as distâncias, tangendo a tropilha crioula. Porque é um tropeiro de profissão, tem que ser assim, nem carece pensar de outra maneira. Quando você parte, carrega sempre a esperança no coração e, se na volta traz a amargura comprimindo o peito, não abre a boca para palavras de lamentação. Quer sempre ter a certeza de que é um forte, um cristão que não dobra a espinha pelos tropeços no passar dos dias das tropeadas sem fim, que são o enlevo da sua imaginação.

Quando no entardecer sopra gelado o vento do inverno, retalhando a sua carne moça, você se envolve todo no poncho de flecos trançados, enterra o carandá na cabeça e avança para frente, sem dar qualquer demonstração de fraqueza.

Você sabe, mais do ninguém, pela vivência sofrida, que um tropeiro guapo, destorcido, sem medo de tempo feio, não pode ficar pichado com um friozinho à-toa, que nem sequer tem força para queimar o baraço novo do porongo.

Bruta é a sua vida; bruta e cansativa. Quando chega a noite, no pouso, você arma a rede na árvore escolhida e, enquanto puxa o sono, leva o pensamento até aquela morada, na volta do caminho, onde vive a cabocla trigueira dos seus sonhos.

Pensa, divaga, sonha e se põe a contar as estrelas maiores que piscam na concha azul do céu, como se fossem fagulhame do braseiro sagrado de Deus, Nosso Senhor. Esse é o momento grande do seu fascínio. Descansar o corpo alquebrado e deixar que o coração amoroso segrede aos seus ouvidos as lembranças do passado sertanejo.

Hora feliz; instante de evocação e extasiamento. Nesse lapso de tempo, envolto no silêncio do escurecer, o moço tropeiro bandeia a mente e passa a fazer peregrinação interior emotiva, coisa que sempre fez bem ao seu coração de tropeiro cruzador de despovoado.

Desfila o passado, lembra detalhes, se amofina com os reuoc e tropeços; se crava a marca da saudade na memória e, nesse balanço de recordações, fica com a certeza de que foi um vencedor, um cristão que soube remover as pedras traiçoeiras do caminho e dar prosseguimento ao giro da sua sina cabocla.

Você, moço tropeiro, cortador de chão da minha terra, tem nas veias o sangue quente dos decididos, dos que não vergam a espinha, dos peleadores de peito aberto.

Você, moço tropeiro, cortador de chão do meu mundo de nascença, luta assim, infatigavelmente, de sol a sol, desafiando as intempéries, porque sabe que, um dia qualquer, com o laço forte da esperança, armado com as rodilhas da fé, poderá pialar, com o seu orgulho de anejo, o destino caprichoso, suavizando o seu viver abrutalhado.

Nesse dia de glórias, então, você terá o seu ranchito, oculto no desvão da mata, à beira da nascente cristalina, dentro do qual passarão a brilhar, como faróis abençoados, aqueles mesmos olhos negros, que, tantas e tantas vezes, fizeram velhaquear o seu coração XICUDO.

Você vive cortando o sertão bravo, como autêntica alma penada, derramando o suor de seu rosto nessa porfia duríssima, em busca de melhores dias.

E esses dias virão sim, porque, dentro do seu peito arfante, silenciosamente, o monjolo da fibra sertaneja está socando, em batidas compassadas, o milho da perseverança.

### Este mês de agosto

O mês que não é bom para muita coisa, na observação sadia dos folclólogos: fazer viagem de negócios, plantar planta de semente cor escura, cruzar encruzilhada depois das seis horas da tarde, fazer jogo de baralho tendo mulher como parceira, contar contas de rosário com os olhos abertos, discutir com negro macho, noivar na primeira quinzena, vestir-se com roupa de cor vermelha, batizar negrinho, brincar de roda, matar pócco de chiqueiro e pedir dinheiro emprestado para pagar contas.

Isso tudo é do folclore e das crendices, que se explica assim: viagem para negócio é deliberação condenável, isto porque demo não quer estar em seu caminho, pois esse mês é todo seu; plantando-se semente de cor escura nunca dá produção compensadora, é paiol que fica vazio para tristeza da família; não se deve cruzar encruzilhada, na hora do anoitecendo, perigo topar Satanás que, nesse momento, gosta de pregar peça nos descuidados e abelhudos; jogo de baralho, no mês de agosto, tendo mulher como parceira, o azarão vem pra cima do macho, porque é o mês mais perigoso das mulheres; para se contar contas de rosário, é prática sagrada milenar, os olhos devem permanecer cerrados, porque, assim, o pensamento vai até os guardiões do espaço, morada sublime dos que nos protegem dia e noite; negro homem, no mês, tem sangue apurado, isto é, sangue que esquenta à toa, não sendo nada de bom discussão com ele, porque o coisa-ruim atua nele, gerando briga de morte; noivado em agosto, de um a quinze, não prenuncia felicidade, pois na contagem, na era antiga desse mês, de tradição agourenta, os números fatídicos, e a história universal comprova, são: três, sete, onze e treze; demônio, ou o irmão mais ve-

lho, o tihoso Mefistófeles, ficam apavorados com o vermelho, tanto seja o vestidor homem, mulher ou criança; é que a cor berante, sangue em pano, destroça os sentidos das feras, fazendo brotar, a qualquer hora do dia ou da noite, a fúria que está acumulada no corpo satânico; não se deve batizar neguinho, seja macho ou fêmea, porque, com o tempo, o negrume do corpo fica muito mais negro do que o negrume da noite; o brinquedo brincar de roda, que vem dos tempos imemoriais, não traz saúde, nem alimenta o corpo, porque o rodar constante roda a cabeça, amolecendo os miolos, transformando o rodante num gira-mundo, inconstante e desatinado; matar porco de chiqueiro, em agosto, é um ato que pode chamar desgraça, e desgraça das brabas. E qual a causa, na ótica folclórica?

É que porco de chiqueiro engorda bem e com sustança com a força do vento do mês que aumenta a fome e faz a gordura crescer.

Quanto à desgraça, é que o mal da fome pode arruinar a família, com ato da matança na ocasião condenada; não pense nunca em pedir dinheiro emprestado neste mês, para pagar suas contas, pois, se o fizer, o ganho futuro enchafurdará, no lodo, a paz familiar.

Agosto, não há quem não tenha conhecimento disto, é mês de cachorro louco, mês que atassalha os nervos, ante o vento irritador, mês de chirriar agourento da coruja, do cantar rouquenho da seriema na choca, da ronda desesperada do corvo faminto e do passar do caminhante sem destino.

Quando em agosto, o vento, cabuloso e enervante, vem do nascente, já se sabe que a canícula vai cozinhar as folhas da lixeira ereta, rachar o chão e secar a orla dos brejos.

É quando os pássaros procuram outro viveiro, porque o solão brabo matou, ali, o que servia para encher, fartamente, o papo. O banhado, com isso, se enche de tristeza, porque a desolação encampou a paisagem que era arrebatadora e festiva.

Mês de agosto está nas páginas de valiosos livros do passado remoto. Foi superstição marcante na época dos caraveleiros. Chegou a mudar hábitos de raças.

Desnortecou exércitos em movimentação de guerra. Dividiu reinos. Nunca teve dono. Pertence à humanidade.



em forma de chá, é calmante poderoso na inflamação da vesícula biliar, contra qualquer tipo de crise de asma e nas câimbras do estômago.

O bunda tem quentura especial, razão pela qual, no inverno brabo, é usado para se fazer colchão e travesseiro. Quando ele morna, quase seca e depois vem a brota viçosa, capivara pega graxa de ficar redondinha.

O chama-chuva, capinzinho que cresce nos sombreados e se desenvolve com a força da umidade, tem uma particularidade especialíssima: anuncia a vinda de chuva, seja passageira ou de tarde inteira. O aviso acontece assim: as folhas mestras vão se afastando até se aproximarem do chão.

É sinal certo de que uma chuva está por cair. Nunca falha, e o homem do sertão sabe disso. São os mistérios indecifráveis da natureza. O que o Pai Eterno cravou em todos os recantos do globo terráqueo, para dizer ao homem que ele viverá perenemente na obediência, conhecendo, a cada raiar do dia, novos ensinamentos da Criação e do Criador.

O assanha-velha, bonitão no aspecto logo que o dia amanece, está em fase de extinção. Um capim que não se parece com os demais, porque é matinho também. Como tricolor, enfeita a parte seca da orla dos banhados, sendo de touceira anã, graciosa e bem encorpada.

Tem, sabe-se, alto poder afrodisíaco, porém, só para mulheres. Mulheres idosas, que não querem tirar o time de campo, não desejam entregar a rapadura, querem, sim, a continuidade do sexo, fortalecimento para a sua própria vivência de fêmea.

O assanha-velha assanha mesmo. Um assanhamento mil vezes comprovado. O chá da raiz e das folhas, ingerido bem quente, provoca coceira sexual nas maduronas que não querem se acomodar. Com o chá maroto, o sangue esquenta e a dona fica em ponto de bala pedindo aos santos um parceiro...

Capim-do-padre é o azuladinho, que se parece com o manto de Nossa Senhora, quando em pleno viço e sem incomodação de vento. É bonitão, pomposo e de apresentação nobre. Ganhou esse nome porque a moita, conforme a estação do ano, se assemelha muito com uma batina de padre. Sertanejos do passado ti-

nham por hábito carregar no bolso meia-mão de capim-do-padre porque, acreditavam, possuía ele poder santificado para afugentar doença ruim, que ninguém sabia quando podia aparecer.

Capim-de-padre, quando o entardecer vai se avizinhandando, se abaixa de tamanho, fica meio anão, como que ajoelhado, e dizem que é para rezar a ave-maria.

Assim, baixinho, vara a noite. No outro dia, quando o sol começa a esquentar a terra, a moita volta ao natural, pegando o prumo para ficar bonita novamente.

## João

Os joões estão espalhados pelo mundo inteiro. Não existe comunidade que não tenha o seu joão. Isto vem desde os tempos pré-históricos. Tanto joão operário, como joão general e joão capa.

Excluídos os joões que não souberam viver decentemente em sociedade, perdendo assim a dignidade humana, uma vez que seguiram caminho condenável, os outros joões (que formam uma poderosa legião) se engrandeceram perante a humanidade através de comportamento social nobilitante e aos dignificadores e patrióticos.

Além destes, temos outros joões, os das alcunhas, dos cognomes brejeiros e até depreciativos. Os apelidos, batismo do povo muitas das vezes para infernizar a vida do cristão, ridicularizando-o perante os amigos e a sociedade, que também costuma fazer a gozação humilhadora. Outros aceitam, conformados, o epíteto, na preocupação de não tornar a vivência um fardo pesado, uma repulsa ao título ridicularizador.

Fazem de tudo para que a contrariedade não os abata e não os fira também a chufa insuportável.

Lembrei-me, certo dia, desses joões que vivem espalhados pelo mundo; desses joões de todos os feitios e da mais variada formação psíquica. Recorri aos amigos, os eternos ajudadores. Encontrei o apoio almejado.

Foram, todos, de magnífica compreensão, solícitos, galantes. Eis o resultado por demais gratificante para o autor.

### *João da Ègua*

Sempre viveu sólito, ou melhor, ele e a egüinha tordilha de meia-marcha, que o povo safado dizia que era sua mulher. Não levava em conta o falatório mordaz. Ia tratando-a com imenso carinho, cada vez mais. Tinha o animalzinho o corpo bonito e os olhos muito vivos. Fazia, o moço, na região, serviço de mandalete, chasque ou reculutador de garrotes, bois mansos, cavalo, eguadas, ou rês para o corte.

Nunca descontentou cristão algum. Seu senso de responsabilidade não tinha limites. Se preciso fosse, amanhecia na ronda, cuidando dos animais. Periodicamente levava a egüinha até uma cabeceirinha, afluente da margem direita do rio Verde, onde o pasto era virgem e abundante e sempre com aquela umidade que o conservava eternamente verde.

Foi nesse lugar apazível, gostoso até pelo soprar do vento brando que a cobra cascavel picou a egüinha de corpo bem feito e olhos de brilho forte. A picada foi em parte mortal, bem na veia, e a morte se deu em poucas horas, ante as lágrimas do dono inconsolável. Com auxílio de seu amigo Jorge Ferreira (Jorgito), João enterrou a companheira de tropeadas ao lado de um pé de bacatíva. O lugar recebeu este nome: Cabeceira da Egüinhc.

### *João do Pito*

Nasceu e viveu até a morte nos campos da fazenda Margarida, região de Porto Murtinho. Magro, olhos arregalados, peito pra dentro, voz de taquara rachada, andar inseguro, desaprumado, mourejava sempre de bom gênio, desde alta madrugada até noite fechada. De pouco falar, cumpria à risca as suas obrigações.

Como companheiro inseparável, o pito de sua fabricação. Com um nó de aroeira fez o pilão, com o furo na postção certa; no furo feito com pua introduziu o caninho fino de taquari; logo em seguida a emenda, com o cano mais grosso, o que é introduzido na boca do pitador.

A paixão do João não era a imponência dos campos sem fim, as aguadas cristalinas, o escurecer de brisa suave ou o canto da passarada prenunciando chuva... Era o seu pito... o pito crioulo feito com as suas próprias mãos. Para ele o pito valia muito mais

do que aquelas terrarias todas. Quando ele morreu de uma febre desconhecida, foi sepultado em São Roque, nas vizinhanças de Margarida. No caixão, debaixo das mãos cruzadas, estava o pito, feito de nó de aroeira. Merecia essa homenagem dos amigos. O pito era o seu orgulho, o seu supremo envaidecimento.

### *João Bocó*

Apelido que calhou bem. Bocó maior era impossível. Era um pascácio em todos os momentos: nas festas, viajando no trabalho, e no plantio de roça, na cabeceira de um doente e nos velórios. Tinha que falar e rir e falando e rindo, um risadão abestalhado, amontoava bocozeira e burrice. A sem-graceira era o seu forte. Um bocó com a máxima perfeição, um bocó com gestos odiosos.

Não possuía amigos. Era um rejeitado em qualquer ambiente. Sua presença causava sempre mal-estar. Não servia nem para levar um recado em momento de dificuldades.

Um dia, João Bocó adoeceu. Foi emagrecendo, o corpo secou, virou uma ossada. Perdeu a visão. Perdeu a voz. Não mais conseguiu soltar aquele gargalhar abestado. Morreu no retiro da fazendola Água Boa, de propriedade de Severino Manuel de Castro, município de Ponta Porã.

A sua cruz de aroeira estava dentro de um cercado de arame farpado. Ato cristão do bondoso Mané de Castro, criador de porcos de muitos conhecimentos, ligado à Empresa Mate.

### *João Bundão*

Conheci essa *avis rara* na picada do Juti, quando ele carregava com Numa Ferreira, famoso carreteiro da fronteira. O volume do traseiro do João dava a impressão de um jacá. Sem tirar nem pôr. Os próprios médicos não sabiam por que as nádegas do cristão haviam atingido aquele volume que assustava.

Para disfarçar um pouco, ou melhor, disfarçar muito, muito mesmo, João nunca tirava o palinha esverdeado. Com ele, o jacá monstruoso ficava oculto, o que trazia tranquilidade ao carreteiro ajudante, que desde meninote carregava o triste fardo.

O Bundão era inofensivo, um caladão que a ninguém incomodava. Tinha prazer em prestar ajuda, o que fazia cheio de con-

tentamento. Para isso não levava em conta a hora. Fosse madrugada ou noite avançada, partia para a missão de socorro. Nem a chuva pesada era-lhe empecilho.

O coração dizia-lhe sempre que o agradecimento viria de Deus Nosso Senhor. Numa Ferreira, informava que o “que ficou feio de verdade” foi o caixão do João. Foram necessárias duas tábuas de cada lado, para que o corpo e o bundão, que parecia um jacá, ficassem bem ajeitados no caixãozinho deselegante.

#### *João Peludo*

Peludo igual jamais foi visto. Os pêlos escuros nasciam no corpo inteiro. Também nas orelhas e no pescoço volumoso. Trabalhava com o carreteiro da Mate Sigismundo Ferreira de Sá, que o suportava, por piedade, como diziam todos.

Criança tinha-lhe grande pavor. O peludo com isso sofria terrivelmente – um sofrimento que ele não sabia esconder. Era, por esse motivo, um isolado, um sorumbático, um só, enfim, um entristecido, com essa maldição do destino.

Sigismundo dizia que quando mais se raspava, mais viçosos apareciam os pêlos grossos do pescoço deformado. Um problema cuja solução amenizadora era deixar que o cabelame fosse crescendo, à lei da natureza, para mais tarde ser aparado com tesoura.

João Peludo possuía uma grande especialidade: fabricava rapadura de massa como nenhum outro. Morreu em Santa Dolores, de pneumonia, que adquiriu no fogo violento do tacho e no vento que varava o rancho sem paredes.

#### *João Lingüiça*

Segundo o nonagenário Manuel da Silva Medeiros, hoje residente na região de Bodoquena, o lingüiceiro morreu no ano de 1931, nos arredores de Campo Grande, vitimado por uma fásca elétrica. Lingüiça de porco, com tempero especial, era com o João. Com seis meses de atividade, conseguiu formar uma freguesia fabulosa, principalmente nos meios militares, pois nutria imensa paixão pela farda. Sua morada, ou melhor, sua fábrica, ficou conhecida pelo nome de chacinha do Prosa, cujo proprietário era o carroceiro campo-grandense Zé Bonito.

Um capitão do Exército, filho de industrial carioca, por todos os meios queria levar o Lingüiça para a Cidade Maravilhosa. Imaginava uma fábrica dessa especialidade, com aquele tempero misterioso, que ele, João, inventara, com citrico, alho sapecado e folhas do mato para dar cheiro e gosto.

#### *João Boca de Bagre*

Um apelido mais do que perfeito. Era um boca-de-bagre mesmo. Sempre foi quintaleiro em fazendas, sem firmar pé em nenhuma. Executava as suas tarefas com muito capricho. Era um caladão o dia todo. Quando falava ou soltava uma risada, lá vinha a medonha boca de bagre, do que chamava a atenção, sempre provocando gargalhadas do próximo. Para o João, um quintaleiro disputado, isso representava tristeza de morte. Sofria como um condenado. Sofria sozinho, ocultamente.

Como não sabia agredir, guardava a dor consigo... dor de dilacerar as entranhas. A boca, "uma bagre, sem tirar nem pôr", era a sua desdita e o seu martírio. Ao sentir que não dava mais para suportar, ajeitava os tarecos e partia. Iria começar nova vida e repetir outra vez o gesto, para dar alívio ao coração sofredor.

O Boca de Bagre foi sepultado no cemitério do Filomeno Rodrigues, ranchada de Porto Angélica, zona maleitosa de Ivinhema. Morreu com um coice de mula na boca do estômago.

#### *João Rezador*

Trabalhou como mandaete e chasque, com o comerciante de Patrimônio da União (hoje Amambai) Ataíde Batista, um sertanejo de nome limpo na vasta região fronteiriça. Produzia devagar, o João, mas produzia. Não tinha pressa para nada. Até para fazer as necessidades fisiológicas, atrás da moita, demorava um tempão. Tempão que dava para se plantar uma roça.

O João era um rezador; rezava o dia todo e em qualquer lugar. Rezava desfiando o velho rosário, bastante gasto pelo tempo.

Foi o saudoso patrão Ataíde quem conseguiu descobrir a razão das rezas do João. Ele fez uma promessa quando pegou aquela doença esquisita na espinha. Se ficasse curado, corpo bem apertado, rezaria dia e noite pelos mortos da zona, homens, mulheres

e crianças, inclusive os bugres cortadores de chão, sem morada fixa, portanto. Não só rezava, o João, também acendia velas quando dava no jeito.

Um dia, João Rezador não amanheceu no seu ranchinho coberto de sapé. Sumiu, muito bem sumido. Diligências foram feitas, voluntários prestaram ajuda e nada do rezador. As autoridades da zona suspenderam as buscas. O desaparecimento ficou envolto em mistério.

Três anos depois, Juan Melgarejo Zavala, proprietário do rancho Numora, encontrou, no lugar conhecido por Cabeceira Seca, ao lado de dois cupins brancos, uma ossada humana. Pela fivela do cinto, reconheceram o morto. Era João Rezador, o mandaleta, o chasque. Por que sumiu de repente e ali morreu, nunca se soube.

#### *João Torto*

Conforme a andadura ficava torto para frente, lado direito ou lado esquerdo. Era, diziam, a espinha que não tinha governo. A tortura, no entanto, não lhe prejudicava. Dava muito bem conta das obrigações. Sempre um cristão bem mandado. Um conformado com o destino.

Sua desgraça começou desde o dia em que recebeu a espingarda de chumbo para matar queixadas no trilhaeiro batido. Como não regressou, foram procurá-lo. Estava morto, caído de borco, no trilho limpo de pisoteio. Viram logo que a arma havia disparado. O pescoço era um buraco só.

João Torto foi enterrado no lugar onde tombou morto. Uma determinação cristã de Pedro Urquiza Galvã, proprietário da ranchada ervateira Ivinhema Pará.

#### *João Risada*

Viveu anos e anos nas margens do rio Paraná, território paranaense: Guaíra, Porto Mendes, Foz de Iguaçu e alguns ranchos ervateiros em Mato Grosso, hoje Estado de Mato Grosso do Sul.

Conheci-o em Foz de Iguaçu. Impressionou-me com sua risada forte, vibrante. Um gargalhar de três tempos bem distintos: médio, calmo, logo estridente; depois o estrondo de um só fôlego, que enchia os espaços.

Ganhava presente para soltar o risadão seguramente, fruto de anomalia do aparelho fonador: chipa, balas, sardinha, perfume, sabonete argentino, leite condensado, etc. Era só receber o regalo e pronto: a risada explodia, freneticamente, naqueles três compassos.

Fiquei – confesso – maravilhoso com o gargalhar de João Risada. Fez ele sucesso retumbante na pracinha central da cidade paraguaia de Vila Encarnación, onde estivemos juntos por vários dias.

Misteriosamente, João Risada desapareceu da região. Não deixou rastro algum. Quinze anos depois, em Guaira, informaram-me o que havia acontecido: João Risada fora levado por um industrial argentino, para soltar a sua risada de três compassos, em um circo rico de Buenos Aires. A informação do futebolista Eulógio Britz era verdadeira.

#### *João Verão*

Teve sempre residência na zona de Santa Luzia, então distrito de Juti. Executava trabalhos diversos para ganhar o pão de cada dia. O Verão veio do seguinte: no inverno o seu corpo virava um feridame só. Nunca se soube a razão disso. Era chegar o inverno e começava o seu padecimento.

Sua vivência feliz, tranqüila era no verão. Nesta estação, tornava-se outro homem. Veio daí o nome: João Verão. João, pacato e sem maldade, foi fuzilado na zona de Santa Luzia, porque sabia muitas coisas a respeito de assassinatos em ervais da fronteira.

#### *João Bocão*

Era serrador de madeira de lei. Veio do Paraguai. Serrava para a Empresa Mate e mercenarias que fabricavam para todo mundo. Vivia de rasgados elogios e... merecidos.

Porque João Bocão? Sua boca era monstruosa. Um buracão rasgado, por assim dizer. Buraco de meter medo quando a risada vinha ou tinha necessidade de soltar um grito. As deformidades estavam também no pescoço desproporcionado, orelhas, nariz, cabeça, queixo, mãos e braços grossos e desmedidos.

João Bocão acarinhava no coração um sonho: arrumar uma companheira para afugentar a sua triste solidão. Nisso fez pé firme. Resolução inabalável. Não encontrou nem bugra velha estra-



Quando se consegue tirar o nó inteiro de uma tora, prancha ou tábua, não se deve jogá-lo fora. Ele tem na superstição matura uma poderosa serventia: dependurado num canto do galpão ou interior da carreta de serviço, ajuda a afastar as dificuldades que rondam a morada; nó beijudo, o nó relaxado, feião porcamente, sem nenhum capricho. A sua aparência, às vezes, causa até risos, em virtude do desbeijamento extravagante. O que dá nó de beijo é o couro duro, mal sovado, ou aquele que secou sob efeitos do calor do fogo de brasido forte.

Nó de cipó, inegavelmente é o mais importante de todos. Coisa difícil, difícil mesmo de se encontrar, é cipó com nó. O Todo-Poderoso o preparou para que, no reino vegetal, nada se assemelhasse a nenhum outro; seria lisito, reto, de um só colorido, e para os mais variados fins.

Peão de erval procura sempre nó de cipó e quando o encontra guarda no rancho ou carrega consigo no bolsinho ou no canto do gorro ou chapéu carandá. É para que a sorte o acompanhe na luta trabalhosa pelo pão de cada dia.

Como lidador dos ervais, anos a fio, carreguei no bolso do meu cinto guaiaca bicolor um nó de cipó, presente carinhoso de nhá Brasília, paraguaia rezadeira que ajudei a sepultar nas barancas do rio Pirajuí, no cemiteriozinho dos fugitivos, caminho para o Porto Dom Carlos, propriedade da Empresa Mate; nó de cordão, o que segue um após outro, na distância de dez centímetros mais ou menos, formando uma graciosa peça ornamental campeira; quando a roda fica pronta, juntando-se as duas pontas, o enfeite está concluído e para encantar todo e qualquer cristão de bom gosto; nó de cobra, o que é encontrado em ramo-baraço, que se alonga soltando agarradeiras, que é o seu sustentáculo nos arbustos; o nó fica próximo a uma das agarras, tomando, em virtude da chuva e do sol, a forma da cabeça de uma serpente.

Quando se consegue cultivar em casa, tarefa nada fácil, o ramo de baraço, este se transforma em atraente e singular ornato; nó de cachorro, o que se forma no membro do cão, durante o ato sexual com a cadela, e que só se desfaz com o esfriamento; nó de vento, o que se forma quando dois ventos se encontram, soprando em direções opostas.

O matuto diz que esse nó forma o redemunho anunciador de chuva: nó de porco, o que não desata nunca; o nó que faz o cristão chorar de raiva porque não consegue o desate; nó de bunda, o que é liso, de toque macio, muito agradável; nó de bambio, frouxo, lasso, nó que não segura nada, solta à toa; nó de frade é o que, feito de quatro tentos, tem o arremate final com o formato de uma cruz.

Afora estes, temos os nós da vida, os nós do nosso tormento, desespero, angústia. Os nós preparados pelo destino para resgateamento de dívidas e ajuste de contas; os terríveis nós cegos da vivência diurna de cada cristão; os nós que teremos de desatar ao longo da caminhada que o Pai supremo nos traçou para experimentar nossa resignação e fé e também o poder do nosso espírito de renúncia, porque somente assim podemos ser dignos Dele, que, sabiamente, no instante maior da Criação, nos legou ditames sagrados, que seriam, através dos tempos, nossa força e nossa luz, na mutável cruzada terrena.

### O andariego

Ele é obra do Criador, um elo dos mistérios da criação. Foi colocado no mundo para enfeitar as paisagens. A voz que veio do alto, do Onisciente, foi esta: o teu destino será o de andar, aproveitando os pedaços furtivos da madrugada, o sol velado e a luminosidade do luar, que é o farol noturno de todos os trilhadores. Cada ermo ou desvão, contraforte ou planície, despenhadeiro ou duto, canhada ou picada tortuosa e traiçoeira, terá a tua silhueta, como marca, como estigma de uma predestinação charrua.

Os nomes de tratamento serão variados, o que só engrandece o teu viver: andantino, gira-mundo, sem teto, cruza-campo, corre-mundo, andante, corta-campo, trota-mundo, vara-brejo, assoombração de tapera, solito, estradeiro, conta-passos, judeu errante, morador debaixo do chapéu, rompe-trilho, andarilho, amassador de areia, sem destino, contador de estrelas, amassa-capim, caminheiro, andador, sombra dos vales, irmão dos ventos, fantasma do deserto e andarengo.

Um mundão de nomes para designar um só vivente, o que pouco importa, pois será sempre o que veio a este vale de lágrimas

Um dia arrumou uma bugra para companheira. Uma feitura de assustar assombração. Deu certo a amigação. Viviam felizes. Fizeram roça. Prosperaram. João Coxo ganhou de habilitado Juan Acosta uma nesga de terra bem rente à fronteira em território paraguaio. Ele era natural de Cappila Horqueta, Paraguai.

A bugra, um macho no trabalho, sentia grande orgulho quando tinha a oportunidade de dizer que era paraguaia. Um orgulho que transparecia no rosto pelo sorriso largo, aberto, que ressaltava as covas. Quando irrompeu a Guerra do Chaco, o casal foi recrutado para servir no setor de *alimentación*. Nunca mais voltou. A bugra deve ter morrido feliz. Morreu como paraguaia, o seu imenso envaidecimento. Mas um mentirão colhudo, porque nasceu e sempre viveu na região de Terenos, onde estava a sua raça.

No meu peregrinar, incessante de perguntador, cataloguei outros joões, todos com a sua história e peculiaridade de vivência: João Funga-Funga, João Dedão, João Zarolho, João Ximbé, João da Grota, João Farinha, João Coió, João Bodega, João Tampinha e João Petição.

Rendo, na melhor e mais sincera forma cristã, minhas homenagens a estes joões que, iguais aos demais, viveram suas vidas, alegres ou infelizes em busca da sobrevivência. Lutaram, dentro das aptidões próprias, aceitáveis ou escassas de todo, pelo pão de cada dia, engolfados, constantemente, em indagações que poderiam levá-los a outros caminhos. Assim, iam imaginando a vida, em um mundo melhor, inteiramente diferente. Era o pensamento voando na intenção de aliviar o coração imerso na inquietude...

## Nó

Os nós são muitos. Vamos enumerar os que conseguimos perenizar, após paciosa campereada sertaneja: nó cego, o temido e enervante nó de arrocho macho; nó de moça, no qual não se deve encostar a mão, por ser o nó de brincadeira; nó de cachorro, aquele que apresenta um calombo duro sem nenhuma elegância; nó de velha, o que não segura nada, que solta à toa, não proporciona segurança; nó de bugre, o nó maroto de relaxado, feito,

só para umas poucas horas; nó de cumeeira, o desajeitadão, porcaria de trançado, calomboso, também chamado de nó de cangalha, porque fica sempre superposto, parece mesmo que montado na primeira trança do cristão engrunhido; nó de maçaroca, o impulsive de feio, esparramado, com várias folhas de pontas, achatado; nó teimoso, cuja volta é passada em dois sentidos, tornando-o indesmanchável; é nó de segurança extrema, que não afrouxa nem mesmo quando molhado por inteiro pela garoinha fina do dia; nó-d'água, é o mais gozado... gozado e até divertido; ele é dado por uma cavidade, ou reentrância do fundo do rio de boa água. O nó fica na superfície girando doidamente, entre raminhos, cascas de frutos, folhas e pau podre; bom de se olhar, o nó dançando na boca daquele funil efervescente, como que se esforçando para ganhar a correnteza livre; nó das tripas, o que no passado distante matou milhares de seres humanos que se contorciam, dia e noite, em dores atrozes; é a apendicite da medicina, o pendiciti, pinciti, penindiciti e peninciti do homem sertanejo; é o nó que vivente nenhum quer colocar as mãos; o nó que é castigo do capeta por malfeito que o cristão precisa pagar, como reza o avito; nó de nuvem, o representado pelo entrelaçamento de nuvens de cores diferentes; o amarrio do nó é a nuvem de ponta mais escura e bem enrodilhada.

Desde as raízes da credence milenar é bom de se ver, no mês de junho, um nó feito de nuvens que ficam paradas no firmamento, isto porque amarra a tempestade, tufão, ciclone, tornado, vendaval, furacão, temporal de raios, borrasca e tormenta. Caboclo que tem roça torce para que apareça no alto o nó de nuvens; assim vento brabo ou tormenta estrondadeira não surgem, num repente, para destruir o plantio da esperança, suor sofrido de seu rosto.

No campo madeireiro, bem como no vegetal, o nó tem a sua vez, porque marca um princípio de definição e gera inúmeras credices. O nó de madeira branca é incensivo, não prejudica ferramenta, nem descontrola os nervos do serrador. A serra vai comendo maciamente, no mesmo tom, até o fim.

Triste, teimoso, disgracido é o nó de pau de cor escura ou avermelhada. Ferramenta ruge, engasga, tine, para vencer o danado, que possui dureza de concreto ou ferro.

Quando se consegue tirar o nó inteiro de uma tora, prancha ou tábuca, não se deve jogá-lo fora. Ele tem na superstição matura uma poderosa serventia: dependurado num canto do galpão ou interior da carreta de serviço, ajuda a afastar as dificuldades que rondam a morada; nó beijudo, o nó relaxado, feião porcamente, sem nenhum capricho. A sua aparência, às vezes, causa até risos, em virtude do desbeijamento extravagante. O que dá nó de beijo é o couro duro, mal sovado, ou aquele que secou sob efeitos do calor do fogo de brasido forte.

Nó de cipó, inegavelmente é o mais importante de todos. Coisa difícil, difícil mesmo de se encontrar, é cipó com nó. O Todo-Poderoso o preparou para que, no reino vegetal, nada se assemelhasse a nenhum outro; seria lisito, reto, de um só colorido, e para os mais variados fins.

Peão de erval procura sempre nó de cipó e quando o encontra guarda no rancho ou carrega consigo no bolsinho ou no canto do gorro ou chapéu carandá. É para que a sorte o acompanhe na luta trabalhosa pelo pão de cada dia.

Como lidador dos ervais, anos a fio, carreguei no bolso do meu cinto guaiaca bicolor um nó de cipó, presente carinhoso de nhá Brasília, paraguaia rezadeira que ajudei a sepultar nas barancas do rio Pirajuí, no cemiteriozinho dos fugitivos, caminho para o Porto Dom Carlos, propriedade da Empresa Mate; nó de cordão, o que segue um após outro, na distância de dez centímetros mais ou menos, formando uma graciosa peça ornamental campeira; quando a roda fica pronta, juntando-se as duas pontas, o enfeite está concluído e para encantar todo e qualquer cristão de bom gosto; nó de cobra, o que é encontrado em ramo-baraço, que se alonga soltando agarradeiras, que é o seu sustentáculo nos arbustos; o nó fica próximo a uma das agarras, tomando, em virtude da chuva e do sol, a forma da cabeça de uma serpente.

Quando se consegue cultivar em casa, tarefa nada fácil, o ramo de baraço, este se transforma em atraente e singular ornato; nó de cachorro, o que se forma no membro do cão, durante o ato sexual com a cadela, e que só se desfaz com o esfriamento; nó de vento, o que se forma quando dois ventos se encontram, soprando em direções opostas.

O matuto diz que esse nó forma o redemunho anunciador de chuva: nó de porco, o que não desata nunca; o nó que faz o cristão chorar de raiva porque não consegue o desate; nó de bunda, o que é liso, de toque macio, muito agradável; nó de bambio, frouxo, lasso, nó que não segura nada, solta à toa; nó de frade é o que, feito de quatro tentos, tem o arremate final com o formato de uma cruz.

Afora estes, temos os nós da vida, os nós do nosso tormento, desespero, angústia. Os nós preparados pelo destino para resgateamento de dívidas e ajuste de contas; os terríveis nós cegos da vivência diurna de cada cristão; os nós que teremos de desatar ao longo da caminhada que o Pai supremo nos traçou para experimentar nossa resignação e fé e também o poder do nosso espírito de renúncia, porque somente assim podemos ser dignos Dele, que, sabiamente, no instante maior da Criação, nos legou ditames sagrados, que seriam, através dos tempos, nossa força e nossa luz, na mutável cruzada terrena.

### O andariego

Ele é obra do Criador, um elo dos mistérios da criação. Foi colocado no mundo para enfeitar as paisagens. A voz que veio do alto, do Onisciente, foi esta: o teu destino será o de andar, aproveitando os pedaços furtivos da madrugada, o sol velado e a luminosidade do luar, que é o farol noturno de todos os trilhadores. Cada ermo ou desvão, contraforte ou planície, despenhadeiro ou duto, canhada ou picada tortuosa e traiçoeira, terá a tua silhueta, como marca, como estigma de uma predestinação charrua.

Os nomes de tratamento serão variados, o que só engrandece o teu viver: andantino, gira-mundo, sem teto, cruza-campo, corre-mundo, andante, corta-campo, trota-mundo, vara-brejo, assoombração de tapera, solito, estradeiro, conta-passos, judeu errante, morador debaixo do chapéu, rompe-trilho, andarilho, amassador de areia, sem destino, contador de estrelas, amassa-capim, caminheiro, andador, sombra dos vales, irmão dos ventos, fantasma do deserto e andarengo.

Um mundão de nomes para designar um só vivente, o que pouco importa, pois será sempre o que veio a este vale de lágrimas

para andar noite e dia, dia e noite, vencendo as distâncias, no giro sacrificuento da predestinação. Pouco lhe importam os ditos, as assacadas ultrajadoras; o que precisa é pôr os pés nas estradas e cumprir, resignadamente, o seu fadário. Se é ele obra do Pai Eterno, o dever é cumpri-lo. Renegar, desobedecer, nunca. Isto porque destino é destino...

Assustando ou não, o andariego, continua caminhando, vencendo as lonjuras favorecido, muitas e muitas vezes, pelo farol noturno da lua andeja. Os séculos se escoarão, é certo, mas essa paisagística ficará na memória de legiões, porque as coisas incrustadas no crioulisto se tornam imperecíveis ante as pulsações do coração humano. Sempre hei de abraçar o irmão andariego, uma vez que juntos trilhamos os mesmos caminhos, contamos as mesmas estrelas e servimos, obedientes, ao mesmo Deus Criador.

O andariego deixou o seu rastro no longo da fronteira para marcar a caminhada de inúmeros martírios. O rastro ficou no chão, áspero e duro. Não se apagará jamais. Nem com as águas da tormenta de trovões e raios. O Criador quis assim. Assim será.

## Carapiá

Carapiá é uma planta da família das malváceas, que no crescimento vai se esparramando pelo chão, formando não raramente um vistoso tapete. Carapiá não gosta de sol quente, muito menos de fogo. O que lhe faz bem, muito bem mesmo, é garoa mansa. Garoa fina solta os brotinhos, encorpendo a planta.

Quem tem ciúme de carapiá é bugre. Quando dá no seu eito, faz a volta, não pisa em cima. Bugre sabe que carapiá tem um nome sagrado: milagre-de-deus. Com essa planta se cura qualquer enfermidade de estômago e intestino. Principalmente intestino.

Doente, quase morto, com complicação nas tripas, fica curado rapidamente com o uso da milagre-de-deus. A ciência, até o dia de hoje, não deu à carapiá a atenção que ela bem merece. O seu poder curativo é assombroso. Não é à toa que foi batizada com o nome de milagre-de-deus.

Bugre sem morada fixa, andeja, descobre tudo porque, em verdade, é mesmo bicho do mato. Descobriu que a carapiá, quan-

do torrada e picada miudinho, dá ao cigarro de palha ou charuto um gosto muito especial. É só fazer a mistura na medida certa. Um dia essa plantinha milagrosa será estudada cientificamente. Acreditamos piamente nisso. E não está longe não esse dia.

### *A lua cheia*

Quando a lua cheia aparecia por detrás da mata, o coração do homem do erval se alegrava. Com o seu clarão que filtrava todos os desvãos, tudo se encorpava num rendilhado de prata que enfeitava o cristão, fosse criança, moço ou velho.

Clarão de lua leva longe o pensamento. Faz bem aos olhos e também ao coração. Quando o peão de erval vê a claridade da cheia, iluminando as distâncias, fica cismareto, porque ela, o queijo redondo do céu, marota e brincalhona, penetra também, furtivamente, em seu rancho num gesto de amizade e carinho.

Fica tontão com a alvura, mas envaidecido, pois foi lembrado pela peregrina que percorre a estrada do azul infinito, buscando os caminhos do sertão, montes, vales, despraiados, cerradões, tombo de serras, campos nativos, encruzilhadas, brejais, matas e os clorofilados ervais nativos.

Ela surge na época certa para abençoar o seu mundo... o mundo bruto dos ervais. Eis por que ele, o carai ervateiro, o destemeroso herói da erva, tem-lhe grande consideração e... até respeito. Absorto, em frente ao rancho, sua morada de solito e sofredor, fica a namorá-la meio desconfiado, com reccio de magoá-la ou ofendê-la com seu trato de homem bruto, perdido num inferno de martírios.

Tem esse medo, sabe que tem, mas procura esparecer para não confundir o pensamento bom que está dentro de si. A lua, como companheira, lhe faz bem. O clarão estonteante tem magia que o arrebatava.

Se ela veio, adentrou o seu ranchito pobre, de cobertura desbeijada, desconfortado, meio carapé, merece receber trato de princesa. Trato de muito respeito, simpatia e deferência. Principalmente de respeito, porque visita importante tem que ter recepção de